NORA ROBERTS

CORAÇÃO REBELDE



CORAÇÕES IRLANDESES

Um coração ameaçado pela inocência de uma mulher! Keeley Grant pertencia a uma família rica e tradicional, uma dinastia de criadores de cavalos de raça... O irlandês Brian Donnelly era simplesmente um treinador de cavalos, que trabalhava de sol a sol para ganhar a vida... Mas a América era diferente da Irlanda. E ali ele podia sonhar em conquistar Keeley. A fortuna e a posição dela não o detiveram... Mas foi a inocência de Keeley que atraiu o rebelde irlandês, ameaçando encurralar seu coração irrequieto!

CAPÍTULO I

Até onde Brian Donnelly sabia, uma mulher muito vingativa havia inventado a gravata, para sufocar o homem e deixá-lo tão fraco que pudesse ser puxado e levado para onde ela quisesse. Usar uma dessas coisas o fazia sentir-se nervoso, inquieto e até mesmo desajeitado.

Mas gravatas apertadas, sapatos polidos e uma atitude elegante eram requisitos indispensáveis em esnobes *country clubs*, com seus pisos brilhantes, lustres de cristal e vasos decorados com flores que pareciam vindas de Vênus.

Ele preferia estar nos estábulos, nas pistas de treinamento, ou mesmo em um bom e esfumaçado *pub*, onde um homem podia acender um cigarro e falar o que lhe viesse à cabeça. Na opinião de Brian, era em lugares desse tipo que homens de verdade falavam de negócios.

Porém era Travis Grant quem pagara para ele estar ali, e o homem queria conversar sobre a possibilidade de Brian mudar-se de Kildare, na Irlanda, para a América.

Para treinar cavalos de corrida era imprescindível entendê-los, trabalhar com eles, até mesmo viver a seu lado. Quem possuía essas qualidades não precisava dar muita importância à moda. Mas *country clubs* eram lugares para os proprietários, pessoas que encaravam a atividade como *hobby*, ou então buscavam prestígio e lucro.

Com uma rápida olhada ao redor, Brian concluiu com segurança que a maioria das pessoas que estavam ali, vestidas em seus elegantes trajes black-tie, não possuía a mínima idéia de como escavar a terra para adubá-la.

Ainda assim, se Grant queria ver se seu empregado sabia como se portar em ocasiões como aquela, misturado à nobreza, Brian não iria decepcioná-lo... Bem, na verdade, o emprego ainda não era de Brian. E ele o queria muito.

O haras Royal Meadows, de Travis Grant, era um dos mais famosos e bem-sucedidos dos Estados Unidos. Na última década, caminhava a passos largos para também se tornar um dos principais do mundo. Brian havia visto os cavalos americanos correrem em Kildare, na Curragh. Eram animais espetaculares. Na última vez, poucas semanas antes, o cavalo treinado por Brian superara o americano por apenas meia cabeça.

Mas meia cabeça fora mais do que suficiente para vencer a prova. Mais do que isso. Também fora o bastante para fazer o ilustre sr. Grant se interessar por Brian Donnelly.

Isso também tinha bastado para levá-lo àquele lugar. Brian aceitara o convite para viajar até a América, e agora se encontrava em uma festa de gala em um clube esnobe, cheio de mulheres e homens que transpiravam riqueza.

A música era enfadonha, incapaz de contagiar alguém. Mas ao menos ele podia se consolar com a cerveja, enquanto observava aquelas pessoas estranhas.

Os casais pareciam dançar mais por dignidade do que por entusiasmo. Mas quem poderia culpá-los? Afinal de contas, a orquestra era tão viva e animada quanto um velório!

Era uma experiência interessante observar todas aquelas jóias reluzindo. O proprietário do haras em que ele trabalhava, em Kildare, não tinha o costume de convidar os funcionários para festas daquele tipo.

O velho Mahan era um bom homem. E adorava seus cavalos, ainda mais quando eles venciam. Mesmo assim, Brian não pensara duas vezes antes de aceitar o convite para largar seu emprego na Irlanda e correr atrás da chance de trabalhar na América. E se não conseguisse trabalhar no Royal Meadows, iria atrás de outro haras.

Brian gostava de mudanças. E por ser assim, e saber exatamente quando chegava a hora de arrumar suas coisas e partir, conseguira trabalhar em vários dos melhores haras da Irlanda.

Não havia nenhum motivo para que na América as coisas fossem diferentes. Na verdade, podiam ser até melhores. Aquele era um grande país, cheio de oportunidades.

Brian tomou um gole de sua cerveja, e então ergueu uma sobrancelha quando notou que Travis Grant tinha acabado de entrar. Foi fácil reconhecê-lo, assim como sua esposa irlandesa.

Grant era alto e imponente. Seus cabelos misturavam fios prateados e negros em doses iguais. Tinha um rosto forte, bronzeado por anos de trabalho ao ar livre. A seu lado, a esposa parecia uma boneca, com um corpo pequeno e delgado e os cabelos castanhos mais brilhantes do que os pêlos de um puro-sangue premiado.

Os dois caminhavam de mãos dadas.

Aquilo era surpreendente para Brian. Seus pais tiveram quatro filhos, e sempre haviam trabalhado juntos como se fossem um time. Mas eles nunca faziam demonstrações públicas de seu afeto, mesmo algo tão inofensivo

quanto ficarem de mãos dadas.

Um jovem caminhava ao lado do casal. Assemelhava-se ao pai, e Brian o havia conhecido nas pistas de Kildare. Era Brendon Grant. Parecia totalmente confortável naquele lugar, assim como com a esguia e atraente loira pendurada em seu braço.

Até onde ele sabia, os Grant tinham cinco filhos. Mas só quatro estavam ali: uma moça, um rapaz e um casal de gêmeos. Brian achava que crianças que haviam crescido cercadas de todos os privilégios deviam considerar perda de tempo ocupar-se do dia-a-dia de um haras. Não esperava ter nenhum contato com elas.

Então ela entrou, rindo.

Algo calou fundo no peito de Brian. E por um instante ele não viu mais nada nem ninguém. Ela era delicada e possuía um rosto vibrante. Mesmo a distância, ele pôde ver que os olhos eram do mesmo azul dos lagos irlandeses. Os cabelos eram ruivos, de uma tonalidade viva que parecia queimar, e caíam em volumosas camadas sobre os ombros esguios.

O coração de Brian bateu três vezes com violência, e então simplesmente pareceu parar.

Ela vestia algo azul e esvoaçante, com sombras difusas e translúcidas, translúcidas como seus olhos. Diamantes brilhavam como fogo em suas orelhas.

Nunca em toda a vida ele vira tanta beleza, tanta perfeição. E nem uma mulher tão inatingível.

Sentindo a garganta ressecada, ergueu o copo de cerveja e ficou estranhamente frustrado ao perceber o tremor da própria mão.

"Não é para você, Donnelly", disse a si mesmo. Nem adiantava sonhar. Aquela devia ser a filha mais velha do patrão. A verdadeira princesa da casa.

Enquanto pensava nessas coisas, viu um homem bronzeado e com um terno caro aproximar-se dela. A forma como a moça ofereceu a mão ao recém-chegado foi fria e distante, o que só serviu para confirmar a primeira impressão que sua visão causara em Brian.

Ah, sim, certamente ela fazia parte da realeza. E sabia disso.

O resto da família veio logo em seguida. Os gêmeos dos quais Brian ouvira falar, Sarah e Patrick, de apenas dezoito anos. E que belo par formavam, ambos altos, magros e com cabelos brilhantes. A garota estava rindo e gesticulando, animada.

Todos os membros da família concentraram as atenções nela, de maneira efetiva, e talvez intencional, cortando a investida do jovem que

viera prestar homenagens à princesa. Mas era óbvio que o sujeito era do tipo persistente, pois não desistiu com facilidade, colocando a mão sobre o ombro da deusa em um gesto possessivo. Ela limitou-se a olhar para a mão do rapaz, sorrindo com a frieza de um iceberg.

Difícil fazer aquela maravilha cair no laço, Brian pensou ao ver o rapaz afastar-se. Uma mulher como aquela obviamente estava acostumada a rechaçar avanços masculinos. E ele podia apostar que ela sempre fazia aquilo com muita classe.

Já recomposto do primeiro impacto que a princesa causara, Brian tomou outro gole de cerveja e, colocando o copo numa mesa ao lado, decidiu que já era hora de se aproximar da grande e gloriosa família Grant.

- ...e então ela bateu na parte de trás dos joelhos dele com a bengala - Sarah ia dizendo. - E ele caiu na grama como um pato!

- Se fosse minha avó - Patrick interveio -, eu me mudaria para a Austrália.

- Com certeza Will Cunningham mereceu essa bengalada. Eu mesma já me senti tentada a bater nele mais de uma vez... - Adélia Grant olhou por sobre o ombro e percebeu imediatamente a presença de Brian.

- Ora, ora... então você acabou aparecendo, não é, Brian?

Para surpresa dele, a requintada dama estendeu o braço, segurando-o pelo ombro e colocando-o bem no meio de toda a família.

- Eu... hã... sim. Resolvi aparecer. É um prazer vê-Ia de novo, sra. Grant.

- Espero que sua viagem tenha sido agradável.

- Perfeita. - Como a conversa casual não era um de seus pontos fortes, Brian virou-se apressado para Travis: - Sr. Grant.

- Donnelly! Eu estava ansioso por vê-lo aqui. Já encontrou Brendon?

- Sim. O senhor chegou a ver o garanhão que eu indiquei?

- Um verdadeiro campeão, rapaz. Eu fechei o negócio. Acho que isso merece um brinde, não concorda?

O que vai beber... champanhe... vinho?

- Só uma cerveja, muito obrigado.

- De que parte da Irlanda você veio? - A pergunta era de Sarah. Os olhos dela eram verdes como os da mãe, e brilhavam de curiosidade.

- Vim de Kerry. Você dever ser Sarah, certo?

- Isso mesmo. - A moça sorriu. - Este é meu irmão, Patrick, e esta é minha irmã, Keeley. Brady está morando no campus da faculdade, por isso a família não está completa hoje.

- Prazer em conhecê-lo, Patrick. - Após saudar o jovem, Brian deliberadamente limitou-se a inclinar a cabeça, num gesto muito formal, ao

cumprimentar a princesa. - Srta. Grant...

Ela ergueu uma sobrancelha, num gesto tão deliberado quanto o dele.

- Sr. Donnelly... Oh! Obrigada, Chad. – Keeley aceitou a taça ,de champanhe trazida pelo rapaz que a galanteara minutos antes. - Chad Stuart, Brian Donnelly, de Kerry. Isso fica na Irlanda, você sabe - emendou com uma ironia seca como areia do deserto.

- Oh... Você é parente da sra. Grant?

- Não tenho esse privilégio. Para ser franco, tenho poucos parentes. Acho que os Donnelly se espalharam pelo interior da Irlanda e sumiram do mapa. Pode ser que um de meus antepassados fosse procurado pela nobreza britânica...

Patrick deixou escapar uma risada e trocou olhares com a mãe.

- Bem, mas agora você está entre amigos. Vamos nos acomodar à mesa. Junte-se a nós, Brian.

- Que acha de uma dança, Keeley? - Chad perguntou, segurando o braço da moça em um gesto possessivo.

- Eu adoraria - ela murmurou, desvencilhando-se delicadamente do homem e avançando em direção ao resto do grupo. -Mais tarde.

- Pise com cuidado - Brian sussurrou instantes depois, colocando-se bem ao lado da imponente princesa. - Ou vai acabar tropeçando nos restos do coração que acabou de destroçar.

Keeley ergueu as sobrancelhas com desdém e lançou um olhar de relance a ele.

- Caso não tenha notado, já sou bem crescida. Posso andar muito bem sozinha. - E depois de dizer isso ela ocupou estrategicamente um assento entre os dois irmãos.

Com as narinas ainda impregnadas pelo doce perfume cítrico de Keeley, Brian fez questão de sentar-se no lado oposto da mesa, na cadeira bem em frente à dela. De tempos em tempos lançava à princesa um olhar mordaz, incapaz de concentrar-se na conversa sobre cavalos que a jovem Sarah entabulara.

"Não gostei do jeito dele", Keeley pensava ao sorver mais um gole de champanhe. O homem parecia perfeito demais. Os olhos eram verdes, um pouco mais escuros que os da mãe dela. E penetrantes. Em sua opinião, Donnelly poderia cortar um oponente ao meio com um simples olhar. E com certeza gostaria de fazer isso...

Os cabelos eram castanhos e brilhantes, ajeitados com displicência como se fossem uma espécie de coroa a emoldurar o rosto anguloso.

Um rosto duro, como os olhos, mas os lábios eram definitivamente sensuais.

Ela concluiu que o homem mais parecia um caubói, alguém criado nas pradarias e com músculos demais para parecer confortável usando paletó e gravata.

E tampouco se importava com o modo que ele a olhava. Mas mesmo quando não a olhava, era como se estivesse fazendo isso. Parecendo ler seus pensamentos, Donnelly encarou-a outra vez. Um sorriso indefinível curvou os lábios másculos; a expressão no rosto duro era insolente, Keeley não tinha a menor dúvida quanto a isso. O homem queria provocá-la.

Em vez de dar a ele essa satisfação, ela preferiu levantar-se e caminhar apressada para o toalete feminino.

Mal tinha passado pela porta quando foi alcançada pela irmã, Sarah.

- Céus! Ele não é lindo?

- Quem?

- Ora, Keel, não brinque! - Revirando os olhos, Sarah sentou-se numa cadeira em frente ao toucador com ar de estar preparada para uma conversa. - Brian. Quero dizer, ele é um verdadeiro gato. Viu aqueles olhos? Incrível. E a boca... me deu até vontade de dar uma mordida. E o melhor, ele tem um traseiro lindo. Tenho certeza, pois fiz questão de caminhar atrás de vocês quando fomos para a mesa só para checar.

Rindo, Keeley sentou-se ao lado da irmã.

- Em primeiro lugar, você é muito previsível. Em segundo, se papai a ouvisse falando desse jeito, com certeza a colocaria no primeiro avião para a Irlanda. E em terceiro, não notei nem o traseiro nem nada de especial sobre o sujeito.

- Mentirosa. - Sarah apoiou o cotovelo no tampo de mármore e observou a irmã retocar o batom. –Vi muito bem quando você o olhou de alto a baixo...

Contrariada, Keeley passou o batom para Sarah.

- Então vamos colocar assim... não gostei nem um pouco do que vi. Tipos como ele, durões e orgulhosos, não são para mim.

- Pois eu não tenho nada contra. Se não tivesse que voltar para a faculdade na semana que vem, eu...

- Mas você tem - Keeley a interrompeu, sentindo uma pontada de desgosto ao lembrar que logo teria de se separar da querida irmã caçula. - Além disso, ele é velho demais para você.

- Flertar um pouco nunca machucou ninguém.

- Deve saber do que fala... Para ser franca, parece que não faz outra

coisa, irmãzinha!

- Isso é só para compensar o seu comportamento de princesa frígida. "Oh, olá, Chad..."

- Ao imitar a irmã, Sarah ergueu o queixo e fez uma pose exageradamente glamourosa.

- Agir com dignidade não faz de mim uma mulher frígida. - O comentário indignado de Keeley provocou um acesso de riso na jovem. - Devia experimentar fazer isso às vezes.

- Você já é digna o bastante por nós duas. – Sarah levantou-se. - Agora vou lá fora ver se consigo arrastar o irlandês bonitão para a pista de dança. Aposto que ele sabe se mover direitinho.

- Oh, sim - Keeley murmurou assim que a porta se fechou atrás da irmã. - Eu também aposto.

Não que aquilo a interessasse nem um pouco, claro.

No momento não estava partiçularmente interessada em homens, ponto final. Tinha seu trabalho, a fazenda, toda a sua família. A combinação a mantinha ocupada, envolvida e feliz. 1,880 não significava que fosse uma pessoa anti-social. As vezes era ótimo ter uma boa companhia para jantar, e ocasionalmente gostava de ir com alguém ao cinema ou ao teatro.

Algo mais? Bem, tinha coisas melhores para fazer. Se isso a transformava numa "princesa frígida", e daí? Preferia deixar as tolices do coração para Sarah. E, ao levantar-se, concluiu que se o pai realmente contratasse Donnelly, ela precisaria ficar de olho na irmã caçula pelo resto da semana.

Mal Keeley voltou ao salão principal, já foi abordada por Chad, que a convidou de novo para dançar. Talvez por ainda lembrar-se das palavras duras da irmã, ela recebeu o rapaz com um sorriso quente o bastante para fazê-lo sonhar.

Brian não se importava de dançar com Sarah. Seria um homem digno de pena se não aproveitasse a oportunidade de ter uma linda jovem nos braços, mesmo que aquilo significasse ser obrigado a ouvi-la falar apenas sobre preocupações de uma adolescente.

O que não podia negar era o fato de Sarah ser uma doçura, muito amistosa e, milagrosamente, nem um pouco mimada. Depois de dez minutos, ele já sabia que a jovem pretendia tornar-se uma veterinária especializada em cavalos, que adorava música irlandesa, que havia quebrado o braço ao cair de uma árvore aos oito anos de idade e que possuía uma personalidade sedutora inata e bastante charmosa.

Também foi puro prazer dançar com Adélia Grant, lembrando-se do próprio país graças ao som doce e suave da voz da mulher.

E ouviu toda a história, claro, a respeito de como ela fora para a América, e para Royal Meadows, juntar-se ao tio, Patrick Cunnane, que na época trabalhava como treinador dos cavalos de Travis Grant. Casualmente, Adélia disse que também havia sido contratada para trabalhar nas baias, pois herdara do tio o mesmo talento para lidar com animais.

Mas guiando a pequena e elegante mulher pela pista de dança, Brian não conseguiu imaginá-la trabalhando num estábulo... Aliás, não conseguia sequer imaginá-la, ou suas belas e sofisticadas filhas, perto do trabalho duro que os animais exigiam.

No fim das contas, o compromisso social não estava sendo tão ruim, Brian concluiu. E também não podia se queixar da comida, apesar de que um homem como ele preferisse um bom sanduíche de carne.

De qualquer forma, embora a ocasião não fosse o desastre que imaginara, ficou aliviado quando Travis sugeriu que saíssem para respirar um pouco de ar puro.

- Tem uma família adorável, sr. Grant.

- Sim, eu tenho. E cheia de tagarelas. Espero que você não tenha ficado com os ouvidos entupidos depois de dançar com Sarah.

Brian sorriu, mas permaneceu cauteloso.

- Ela é encantadora... e ambiciosa. Medicina veterinária é um desafio, sobretudo quando a pessoa deseja se especializar em cavalos.

- Sarah quis outra coisa. Passou por outras fases, claro, como qualquer garota - Travis continuou, enquanto caminhavam pela trilha lateral do jardim. - Bailarina, astronauta, estrela do rock... Mas, no fundo, sempre quis ser uma veterinária. Vou sentir falta dela e de Patrick, quando os dois voltarem para a faculdade na semana que vem. Imagino que sua família também sentirá falta de você, caso permaneça na América.

- Eu sempre vou de um lado para outro. Se ficar aqui, isso não será um problema.

- Minha mulher sente saudade da Irlanda – Travis murmurou. - Uma parte dela ainda está lá, não importa quão profundas sejam as raízes que tenha criado aqui. Posso entender isso. Mas... - Ele parou, observando o rosto de Brian com atenção. - Quando eu contrato um treinador, espero que tanto sua mente quanto seu coração estejam concentrados em Royal Meadows.

- Compreendi, sr. Grant.

- Sua vida tem sido bem agitada, Brian – Travis emendou. - Dois,

ocasionalmente três anos em cada haras, depois disso você pega a estrada e desaparece.

- É verdade. - Com os olhos fixos nos do outro homem, Brian assentiu. - Podemos dizer que ainda não encontrei um lugar capaz de me prender por mais tempo. Mas enquanto estive empregado nessas fazendas, os cavalos tiveram toda a minha atenção e lealdade.

- Me disseram isso, rapaz, pode acreditar que foi altamente recomendado. Mas quero que compreenda que nenhum treinador me satisfez completamente desde que Paddy Cunnane se aposentou. E foi ele quem sugeriu que eu prestasse atenção em você.

- Estou lisonjeado.

- Deve estar mesmo. Travis notou com satisfação que a expressão do jovem tinha permanecido impassível, apesar da notícia. Apreciava homens que sabiam guardar os pensamentos para si. - Eu gostaria que você desse uma passada na fazenda, assim que estiver acomodado na cidade.

- Já me registrei num hotel. Prefiro me mudar diretamente para a fazenda, isso se o senhor me contratar, claro.

- Tudo bem.

- Ótimo. Irei até lá amanhã, assim que o sol raiar, para observar como lida com as coisas, sr. Grant. Depois de ver tudo e ouvir o que tem em mente, saberemos se vai ou não funcionar para nós dois. Isso lhe parece satisfatório?

"Mas que safado confiante", Travis pensou, porém não sorriu. Ele também sabia ocultar os próprios pensamentos.

- Bastante satisfatório. Agora vamos entrar, eu lhe pago uma cerveja.

- Muito obrigado, realmente, mas prefiro ir agora mesmo para o hotel. O sol vai nascer bem cedo.

- Vejo você amanhã. - Travis estendeu a mão e apertou a de Brian energicamente.

- Estou ansioso para vê-lo em ação.

- Boa noite, sr. Travis.

Sozinho, Brian sacou um cigarro, acendeu-o e então soltou uma longa baforada.

Paddy Cunnane em pessoa o recomendara? A idéia lhe causava prazer, mas também certo nervosismo. Tinha dito a Travis que se sentia lisonjeado, mas seu sentimento real era bem maior do que isso. No mundo das corridas, o nome daquele homem era reverenciado.

Paddy Cunnane treinava campeões como os outros tomavam café da manhã... e com a mesma regularidade.

Brian tinha visto o sujeito algumas vezes ao longo dos anos, e falado com ele apenas uma vez. Mas jamais seria capaz de imaginar que Cunnane fosse se lembrar dele.

Travis Grant queria alguém capaz de substituir Paddy Cunnane. Bem, Brian Donnelly não podia e não iria substituir ninguém. Porém, com certeza, iria deixar sua própria marca, o que devia ser bom o bastante para qualquer um.

- Bem, vamos ver o que acontece pela manhã - murmurou para si mesmo em voz baixa.

Ele começava a caminhar para a saída quando o movimento de uma sombra no terraço chamou-lhe a atenção. Estreitando os olhos, Brian reconheceu Keeley, apesar da penumbra.

"Olhe só para ela", pensou. "Tão fria, solitária... e perfeita." Tinha sido feita para a luz da lua. Ou talvez o luar tivesse sido feito para aquela mulher. A brisa suave da noite fez com que o tecido delicado do vestido azul colasse ainda mais ao corpo escultural quando ela caminhou até um arbusto de flores e inclinou-se para aspirar-lhes o perfume. "Céus! Parece uma deusa grega!". Brian conteve a respiração ao contemplar tal visão.

Num impulso, arrancou uma rosa da roseira ao lado e caminhou decidido para o terraço. Keeley virou-se ao ouvir som de passos. A princípio, um brilho de irritação iluminou os olhos azuis, coisa que Brian não teria notado se não estivesse com toda a atenção concentrada nela. Mas um segundo depois, como em um passe de mágica, a herdeira dos Grant voltou a ostentar uma indefectível pose *blasé*, fria e inatingível.

- Sr. Donnelly.

- Srta. Grant - ele disse no mesmo tom formal, estendendo a rosa. - Aquelas flores são rústicas demais para alguém como a senhorita. Esta é mais adequada.

- Verdade? - Ela aceitou a rosa por pura polidez, mas não a cheirou nem sequer a olhou. - Gosto de flores simples, Mas agradeço sua preocupação. Está apreciando a noite?

- Apreciei conhecer sua família.

Porque as palavras pareciam sinceras, Keeley permitiu-se sorrir.

- Ainda não conheceu inteira.

- Seu irmão que está na universidade.

- Brady, sim, mas também não podemos esquecer meu tio Burke Logan, sua mulher, tia Erin, e seus três filhos, meus primos, que moram na fazenda vizinha, a Three Aces.

- Eu conheço os Logan, claro. Já os vi nas corridas uma ou duas vezes na

Irlanda. Não vieram à festa hoje?

- Normalmente estariam aqui, mas estão viajando. Se o senhor ficar por aqui, com certeza vai reencontrá-los.

- E a senhorita? Ainda mora com seus pais?

- Sim. - Keeley encolheu os ombros, olhando de relance para o interior do salão pela janela.

E era exatamente em casa que ela desejava estar naquele momento. A idéia de ter que voltar para a festa, enfrentar toda aquela gente e o barulho era insuportável.

- A música fica melhor a distância.

- O quê? - Ela nem se deu ao trabalho de olhar para Brian, apenas desejando que ele fosse logo embora e a deixasse desfrutar mais alguns momentos de solidão.

- A música - Brian repetiu. - É melhor quando mal se pode ouvi-la.

Como estava pensando na mesma coisa, Keeley riu.

- Melhor seria se não pudéssemos ouvir nada.

Foi a maneira como ela riu. Havia algo quente naquele riso. Algo que fez o cérebro de Brian ferver. E então ele a tomou nos braços, sem nem sequer pensar no que fazia.

- Talvez sim, talvez não...

Ela ficou rígida. Não da maneira desajeitada como a maioria das mulheres ficaria, mas distendendo cada músculo do corpo até se tornar praticamente uma estátua.

- O que o senhor está fazendo?

As palavras eram frias como gelo, e não deixaram outra saída a ele, a não ser segurá-la pela cintura com mais força.

- Dançando. A senhorita dança. Eu a vi lá dentro. Mas aqui é melhor, pois não vai acabar esbarrando em ninguém, não acha?

Talvez ela concordasse. Talvez estivesse atônita. De qualquer forma, estava acostumada a conceder uma dança a um cavalheiro, e não a ser tomada à força por um homem.

- Vim até aqui precisamente para me afastar da dança.

- Não veio, não. A senhorita saiu do salão para se afastar das outras pessoas.

Keeley acompanhava os movimentos para que aquilo não se tornasse algo mais comprometedor... como um abraço, por exemplo. E, mesmo contrariada, tinha de concordar com Sarah, o homem sabia se mover. Ergueu os olhos até encontrar os dele.

- Há quanto tempo trabalha com cavalos? – Era um assunto seguro,

Keeley concluiu, ou pelo menos previsível.

- Por toda a minha vida, de um jeito ou de outro. E a senhorita? Gosta de cavalgar ou é o tipo que prefere ficar a distância, observando?

- Sou uma excelente amazona. - A pergunta a irritou por um instante, mas não o suficiente para alterar sua expressão impassível e gélida. - Se realmente for contratado, vai encarar um grande desafio. Deve ser difícil se acostumar a um país, emprego e cultura novos ao mesmo tempo.

- Eu gosto de desafios.

Havia algo na forma como Brian falou que deixou Keeley em alerta, fazendo-a estreitar os olhos.

- Pessoas assim em geral deixam tudo de lado ao atingir o primeiro objetivo. É um jogo, nada de substância ou comprometimento. Prefiro aquelas que constroem algo fixando-se num lugar e trabalhando duro.

Isso não deveria incomodá-lo, já que era apura verdade. Mesmo assim, incomodou.

- Como seus pais fizeram?

- Sim.

- É muito fácil, não é? Realmente acha que uma pessoa como a senhorita, que nunca precisou conquistar nada com as próprias mãos, pode fazer uma crítica como essa?

- Admito que tive uma vida confortável. Porém, mesmo assim, respeito mais os que perseveram do que aqueles que saltam de uma oportunidade a outra... ou de um desafio a outro, se preferir.

- E isso que acha que eu estou fazendo aqui?

- Não posso afirmá-lo. - Ela encolheu um pouco os ombros, em um movimento sutil e gracioso. – Mal o conheço.

- De fato não conhece. Mas acha que conhece. O malandro de estábulo com unhas sujas, de olho no grande prêmio. Alguém indigno da sua atenção, claro.

Surpresa, não apenas com as palavras, mas com o tom inflamado do discurso, Keeley tentou se desvencilhar dos braços de Brian. Mas ele a deteve.

"Como se tivesse o direito de fazer isso", ela pensou, indignada.

- O que disse é ridículo! Uma afirmação caluniosa e injusta.

- Não importa para nenhum de nós. - Ele não deixaria que importasse: Não permitiria que a princesa fizesse qualquer diferença. - Se seu pai confirmar a proposta que me fez, e eu aceitar, duvido que freqüentaremos os mesmos círculos ou que dançaremos de novo... já que serei apenas um empregado.

Havia raiva ali, Keeley notou, bem atrás do verde vívido daqueles olhos.

- Sr. Donnelly, está enganado sobre mim, minha família e sobre a forma como meus pais administram a fazenda. Chega a ser insultante.

Ele arqueou as sobrancelhas.

- Está com frio ou apenas com raiva?

- O que quer dizer?

- A senhorita está tremendo.

- Faz frio aqui fora. - Keeley mastigou as palavras, irritada por haver demonstrado alguma emoção diante do homem. - Acho melhor eu voltar para a festa.

- Como quiser. - Brian soltou-a, mas continuou segurando-a pela mão e fez uma mesura exagerada, inclinando-se. - Até mesmo um garoto criado nos estábulos pode aprender boas maneiras - murmurou, ao acompanhá-la até a porta. - Obrigado pela dança, srta. Grant. Espero que se divirta pelo resto da noite.

Brian sabia que aquilo podia custar-lhe o emprego, mas não conseguiu resistir ao impulso de verificar se havia algum fogo por trás daquela muralha de gelo. Por isso ergueu a mão dela e levou-a aos lábios, beijando com suavidade os dedos longos, sem deixar de fitar o rosto de Keeley.

Um faiscar violento iluminou os olhos azuis da princesa por um instante. Logo depois ela se desvencilhou e sumiu porta adentro sem se virar, deixando para trás apenas um rastro delicioso de perfume cítrico no ar. Um perfume muito caro, certamente, Brian concluiu.

CAPÍTULO II

O amanhecer ao lado das baias de Royal Meadows era um daqueles momentos mágicos, com o nevoeiro ainda cobrindo o chão, enquanto uma luz pálida e cinzenta começava a surgir no horizonte. A trilha sonora era constituída, de ruídos, o relinchar dos cavalos e os saltos das botas dos rancheiros batendo no chão de madeira. O perfume era o cheiro dos animais, do feno, do verão.

Brian notou que os *trailers* já haviam sido carregados. Os cavalos selecionados estavam separados, e Travis Grant deixara um capataz encarregado de todos os preparativos para a corrida daquele dia. Mas ainda havia muito trabalho para executar naquela fazenda.

Os garanhões com problemas musculares precisavam ser checados e medicados, e os estábulos deviam ser limpos. Os cavalariços tinham que fazer os animais em recuperação se exercitarem e depois escová-los. Tudo no haras parecia funcionar com a precisão de um relógio.

Brian reparou que, naquele lugar, até mesmo os detalhes eram de primeira classe. Uma sofisticação a que nem todos os donos de haras chegavam... ou estavam dispostos apagar .Os estábulos, celeiros e barracões eram bem cuidados, impecavelmente pintados de branco e com os telhados limpos. As cercas também eram brancas e em perfeito estado de conservação. Os *paddocks* e pastos mais pareciam o gramado de um castelo inglês, verdejantes e extremamente bem tratados.

E também havia certa atmosfera. Só um homem esperto, ou muito rico, podia ter planejado aquele projeto paisagístico. Verdadeiras muralhas de árvores frutíferas dividiam perfeitamente os pastos. Uma das árvores em especial chamou a atenção de Brian, um imponente carvalho que ficava bem no meio de um *paddock*, isolado por um pequeno cercado branco. À direita da sede havia um gramado imenso que dava para um belíssimo lago cercado por flores coloridas.

Ele aprovou tudo o que viu. Toda aquela beleza fazia bem para os cavalos, e para os homens também. Experiências anteriores tinham ensinado a Brian que ambos trabalhavam melhor em condições tão favoráveis. Provavelmente, fotos da fazenda dos Grant já haviam sido publicadas em revistas elegantes.

Sobretudo fotos da casa, ele pensou, olhando, impressionado, para a

construção mais uma vez. As paredes de pedra, os balcões ornamentais e as grandes janelas de aço combinavam à perfeição e produziam um efeito espetacular no espectador.

Havia uma segunda estrutura, um tipo de réplica em miniatura da casa principal, que abrigava em seu andar térreo uma enorme garagem. Toda a área da sede era cercada por jardins elaborados em estilo francês.

Mas o que mais o impressionara haviam sido os cavalos. Como os animais eram acomodados e tratados. Os estábulos, caso a proposta de emprego de Grant fosse mantida, seriam sua ocupação. A vida do proprietário não lhe interessava.

- Vai querer olhar os estábulos - Travis dissera ao recebê-lo meia hora antes. - Paddy logo chegará. Creio que nós dois poderemos responder a todas as perguntas que você quiser fazer.

Para Brian, entretanto, bastava olhar para ter as respostas. A parte interna das instalações era tão bem cuidada quanto a externa, talvez até mais. Muretas de concreto separavam as espaçosas baias, e nos portões de cada uma delas, todos de madeira maciça, havia uma pequena placa de latão indicando o nome e a ascendência de cada animal. Jovens cavalariços movimentavam-se, apressados, por todo o lugar, terminando as tarefas matinais. O cheiro de feno, linimento e cavalos era forte e doce.

Travis parou diante de uma baía, onde uma jovem mulher refazia cuidadosamente um curativo na pata dianteira de uma égua.

- Como vai ela, Linda?

- Muito bem. Estará de volta ao pasto para causar problemas em um dia ou dois.

- Foi uma distensão? - Brian adentrou a baia acariciou o animal no pescoço. Linda olhou-o de relance, depois virou-se para Travis, que fez um gesto positivo com a cabeça.

- Esta é Bad Betty - Linda informou. - Ela gosta de causar confusão. Teve uma distensão leve, mas isso não vai detê-la por muito tempo.

- Então você é uma encrenqueira, certo, mocinha?

- Brian colocou as mãos em cada lado da cabeça da égua e fitou-a nos olhos. Ele gostou do que viu, havia mágica naquela potranca. - Acontece que eu gosto de encrenqueiros...

- murmurou.

- Ela morde - Linda advertiu. - Sobretudo se você der as costas para ela.

- Não quer mesmo me morder, não é, menina?

Como num desafio, Betty ergueu a cabeça e relinchou.

Brian sorriu.

- Vamos nos dar bem, desde que eu lembre que *você* é a chefe. - Ao dizer isso, ele acariciou a potranca mais uma vez. - É, garota, você é realmente linda.

Sem perceber que estava usando o idioma gaélico, Brian começou a sussurrar palavras para a égua, enquanto Linda terminava a bandagem da pata. Betty o observava atentamente, agora com mais interesse do que desconfiança.

- Ela quer correr. - Brian deu um passo para trás, examinando a plaqueta referente à baia. - Nasceu para isso. E mais, nasceu para vencer.

- Sabe disso tudo com apenas um olhar? - Travis perguntou.

- Está nos olhos dela. Não deve deixar que esta fique prenha logo, sr. Grant. Ela deve voar primeiro.

Enquanto falava, Brian deu deliberadamente as costas para a potranca, mas quando esta última ameaçou erguer a cabeça, ele olhou-a com firmeza por sobre o ombro.

- Acho melhor não fazer isso - disse em voz baixa. Homem e animal trocaram olhares por alguns instantes, e então Betty mexeu a cabeça como num gesto de desalento.

Impressionado, Travis seguiu Brian para fora da baia.

- Ela aterroriza os cavalariços.

- Faz isso porque pode, e provavelmente porque é mais esperta que a metade deles.

- Ele apontou para o box que ficava bem em frente. - E quem é aquele belo cavalheiro?

- Aquele é Prince, atualmente sem sua coroa.

- A majestade de Royal Meadows? - Havia certa reverência na voz de Brian quando ele cruzou o corredor. - Mas devo dizer que discordo, sr. Grant. Quem foi rei nunca perde a majestade... é o que dizem, não? - Com gentileza, acariciou o honorável garanhão no peito.

- Eu o vi correr em Curragh quando era garoto. Nunca vi nada parecido desde então. E trabalhei com um dos filhos que ele gerou. Suas crias são fantásticas

- Sim, eu sei.

Travis mostrou a seguir a sala de atendimento veterinário, a despensa em que ficava estocada a ração e os estábulos especiais onde eram realizados os partos das éguas. Em seguida, passaram por um pequeno *paddock* onde um potro recém-nascido ensaiava seus primeiros passos, e finalmente chegaram a um cercado maior, no qual um imponente garanhão negro era escovado por dois cavalariços muito jovens.

Um homenzinho de aparência nervosa que usava um boné azul para esconder os cabelos totalmente brancos virou-se assim que percebeu a aproximação dos dois. Ele segurava um cronômetro numa das mãos e uma prancheta na outra, e logo um sorriso fácil curvou-lhe os lábios.

- Então já acabou de fazer sua visita, não é? E o que achou de nossas humildes instalações?

- É uma linda fazenda. - Brian estendeu a mão. - Estou feliz por encontrá-lo outra vez, sr. Cunnane.

- Eu digo o mesmo, pequeno Brian de Kerry - Paddy apertou-lhe a mão com firmeza. - Eu pedi para os rapazes segurarem Zeus até que chegasse aqui, Travis. Achei que você e o rapaz gostariam de acompanhar a corrida matinal dele.

- Zeus é um dos filhos de Prince - Travis explicou. - Está correndo muito bem para nós.

- Ganhou o *derby* em Belmont no ano passado - Brian lembrou.

- Isso mesmo. Zeus gosta de percursos longos. Uma gripe o afastou das pistas por três meses, mas ele voltou a tempo da Copa Breeder. É um forte concorrente e certamente nos fará campeões.

Ao sinal de Paddy, o tratador ajudou um jóquei a montar no magnífico animal. O pêlo brilhava como ébano polido sob a luz do sol. O cavalo começou a trotar em ritmo compassado, baixando um pouco a cabeça à medida que aumentava a velocidade.

Ao assistir àquela cena, Brian soube num instante que estava diante de pura poesia.

- O que acha dele? - Paddy perguntou.

- Está em esplêndida forma - foi tudo o que Brian disse.

Seiscentos quilos de músculos sobre patas incrivelmente longas e graciosas. Um peitoral amplo, corpo esguio e postura perfeita. E os olhos, Brian notou, brilhavam com um orgulho selvagem.

- Leve-o para dar uma volta na pista, Bobbie - Paddy ordenou ao jóquei. - Não o pressione. Queremos vê-lo à vontade hoje. - Assobiando por entre os dentes, Paddy recostou-se contra uma cerca e acionou o cronômetro.

Com as mãos enfiadas nos bolsos, Brian observou o desempenho de Zeus na pista. Até a primeira curva, o rapaz controlou o animal em trote curto, liberando-o apenas quando chegaram ao último quarto de milha.

E então foi como se um trovão corresse livre sobre a terra.

O coração de Brian disparou, e sua respiração se manteve suspensa até que o conjunto homem-animal cruzasse alinha de chegada segundos depois. O dedo de Paddy interrompeu o cronômetro antes mesmo que a

poeira levantada pelos cascos de Zeus se espalhasse pelo ar.

- Nada mau - Paddy disse com descaso, ainda olhando para o marcador digital do cronômetro.

Brian não precisou olhar. Tinha um relógio interno na cabeça, e sabia que acabara de assistir à *performance* de um campeão.

- Acho que acabamos de ver o verdadeiro herdeiro de sua majestade, sr. Grant.

- E ele sabe disso.

- Quer trabalhar com esse aí, garoto? - Paddy perguntou com um sorriso maroto.

Brian decidiu que era chegada a hora de colocar as cartas na mesa.

- Eu quero, sim. - Esforçando-se para não parecer entusiasmado demais, ele virou-se para encarar Travis mais uma vez. - Se sua oferta ainda está de pé, sr. Grant, aceito o emprego.

Travis meneou a cabeça ao mesmo tempo que estendia a mão.

- Bem-vindo a Royal Meadows. Agora vamos entrar e tomar um café.

Brian ficou parado por alguns segundos, vendo o novo patrão dirigir-se para a casa principal.

- Simples assim? - murmurou.

- Ele já tinha tomado sua decisão - Paddy informou. - Caso contrário, você nem mesmo estaria aqui. Travis não gosta de perder seu tempo... nem o de ninguém. Depois que tomar seu café, apareça em minha casa, que fica em cima da garagem. Com certeza vai querer dar uma olhada no livro de registros e conversar um pouco.

- Sim, é claro. - Ainda aturdido, Brian seguiu Travis, apressando o passo para alcançá-lo.

Percebeu, surpreso e embaraçado, que as palmas de suas mãos estavam suadas. "Ora, é apenas um trabalho", lembrou a si mesmo.

- Estou agradecido pela oportunidade, sr. Grant.

- Pode me chamar apenas de Travis. Bem, você trabalhou por ela. Somos muito exigentes por aqui, e espero que se acostume logo com o ritmo do trabalho. Gostaria que começasse assim que fosse possível.

- Vou começar hoje mesmo.

Travis olhou-o de relance.

- Ótimo.

Ao observar um dos prédios que não tinham visitado, ao lado de uma pista e de um *paddock* individuais separados dos demais, Brian perguntou.

- Você também treina saltadores, cavalos de exibição.

- É um empreendimento separado. - Travis respondeu sorrindo. - Você

trabalhará com os cavalos de corrida, Quando estiver pronto, pode trazer sua bagagem para o prédio dos treinadores.

Brian abriu a boca, então fechou-a de novo. Não esperava que a hospedagem fizesse parte do pacote, mas, de qualquer forma, não pretendia discutir sobre isso. Se não gostasse de viver no lugar, falaria sobre isso em outra ocasião.

- Você tem uma linda casa. E os jardins são esplêndidos. Alguém aqui deve gostar muito de flores.

- Minha mulher. - Travis conduziu-o para uma trilha pavimentada levemente inclinada.

- Ela adora jardinagem.

Para ter um jardim como aquele, a mulher provavelmente contava com um batalhão de jardineiros e serventes, Brian pensou.

- Os cavalos gostam de lugares bonitos.

Ao chegarem ao pátio interno da casa, Travis parou.

- É mesmo?

- Com certeza.

- Bad Betty lhe disse isso quando conversou com ela?

Um sorriso curvou os lábios de Brian.

- Ela apenas me informou que era uma rainha e esperava ser tratada como tal.

- E você fará isso?

- Claro, a não ser que ela abuse de seus privilégios. Sabe como é... até mesmo a realeza precisa levar um puxão de orelhas vez por outra.

Dito isso, ele entrou pela porta que Travis segurava aberta.

Brian não sabia o que esperar. Pensava em algo elegante e sofisticado, com um toque de classe, com certeza.

Só não esperava entrar direto na cozinha dos Grant, e deparar com uma cena tipicamente familiar.

E a última coisa que imaginava ver era a própria senhora do lugar usando calça jeans e camiseta, com os pés descalços, segurando uma frigideira e ralhando com o filho mais novo.

- E vou lhe dizer outra coisa, Patrick Michael Thomas: se acha que pode sair e chegar na hora que quiser só porque está de férias da faculdade, é melhor examinar sua cabeça rápido. Eu mesma poderia abri-la com esta frigideira agora mesmo, só não quero desperdiçar uma deliciosa fritada...

- Certo, mãe. - Sentado à mesa, Patrick limitou-se a encolher os ombros, fazendo uma careta assim que Adélia virou-se de costas. - Mas por falar em fritada... acho que vou querer mais um pouco, com torradas. Ninguém

cozinha como você.

- Não vai ganhar nada me bajulando.

- Talvez sim...

Ela lançou um olhar por sobre o ombro, como se quisesse fuzilar Patrick. O tipo de olhar que só as mães conseguem ter, Brian pensou, divertido.

- ...talvez não - Patrick suspirou, desviando o olhar para a porta assim que notou a presença de Brian. - Veja, mãe, nós temos companhia! Sente-se, Brian. Já tomou o café da manhã? Minha mãe faz a fritada mais famosa do mundo, sabia?

- Testemunhas não vão salvar você - Adélia disse brandamente, virando-se com um sorriso para Brian. - Por favor, sente-se. Patrick, pegue os pratos para Brian e seu pai.

- Não, muito obrigado. Não precisa se incomodar...

- Mãe, eu não consigo encontrar meus sapatos marrons. - Sarah informou, irrompendo na cozinha. - Olá, Brian, bom dia... Oi, pai.

- Oh, meu Deus! Será que eles sumiram? - O toque de ironia na voz de Adélia era indisfarçável.

Sarah revirou os olhos e abriu a porta da geladeira.

- Vou me atrasar.

- Você podia usar um dos outros seiscentos pares que guarda em seu closet - o irmão dela sugeriu.

Ela retirou uma embalagem de suco de laranja do refrigerador e ignorou Patrick.

- Não tenho tempo para o desjejum. Pegou um copo e se serviu do suco. - Estarei em casa às cinco.

- Pegue um bolinho - Adélia ordenou.

- Não tem nenhum de amora...

- Pegue o que tiver.

- Certo, certo. - A moça obedeceu, deu um beijo no rosto da mãe, cumprimentou o pai e Brian com um aceno de cabeça e saiu, continuando a ignorar completamente a presença do irmão.

- Durante o verão, Sarah trabalha no consultório do veterinário - Adélia explicou. - Agora vocês dois lavem as mãos, depois podem comer um pouco.

Como o cheiro da fritada era realmente irresistível, Brian dirigiu-se logo à pia. Foi quando viu um enorme cão negro deitado no corredor que dava para a área de serviço. O animal estava tão imóvel que mais parecia um tapete.

- E quem é este? - Ele perguntou de imediato, abaixando-se para

acariciar o animal.

- É nosso Sheamus. Já está bem velho agora, e gosta de ficar deitado aos meus pés, perto do fogão, enquanto cozinho.

- Minha mulher gosta de velhinhos - Travis disse ao abrir a torneira da pia, piscando com cumplicidade para a esposa.

- E eles de mim. Sheamus passa a maior parte do tempo dormindo - ela contou a Brian.

- E não dá atenção a quase nada, a não ser a família. - Ao dizer isso, Adélia arqueou as sobrancelhas. Ao primeiro toque de Brian, o cachorro abriu os olhos, depois virou-se espalhando-se deitado para receber carícias na barriga.

- Ora, ora... quem diria? Ele gostou de você.

- Costumo me entender bem com bichos. Você é um bom garoto, não é, Sheamus? Gordo e feliz.

- Alguém vive dando as sobras da mesa para ele.

- Adélia olhou de relance para o marido.

- Não faço idéia sobre o que você está falando. - Fingindo inocência, Travis entregou o sabonete a Brian assim que este se levantou.

- Sei... - foi tudo o que a mulher murmurou. Você prefere café ou chá, Brian?

- Chá, muito obrigado.

- Sente-se. - Ela apontou uma cadeira, depois encarou o filho fixamente. - E você, vá embora. Terminaremos nossa conversa mais tarde.

- Vou estar nos estábulos, fazendo penitência. Com um suspiro profundo, Patrick levantou-se, então abraçou a mãe pela cintura e beijou-a na testa. - Desculpe-me.

- Fora.

Mas Brian notou que o olhar de Adélia para o filho que saía pela porta era cheio de ternura.

- Esse garoto é responsável por cada ruga que eu tenho no rosto - ela murmurou.

- Que rugas? - Travis perguntou, fazendo-a rir.

- Você sempre diz a coisa certa, querido. E então, Brian, gostou de Royal Meadows?

Depois de secar as mãos, ele foi até a mesa e sentou-se no lugar que lhe fora indicado.

- Muito, madame.

- Oh, nós não somos tão formais por aqui. Nunca me chame de "madame", a não ser que esteja metido em alguma encrenca. - Ela serviu

chá para Brian e café para o marido, depois ficou parada em pé, com a mão sobre o ombro de Travis. - Como foi Zeus hoje de manhã?

- Terminou o circuito oval em um minuto e quinze cravados.

- Pena que perdi isso. - Adélia voltou ao forno e retirou de lá algumas torradas.

-Vou lhe oferecer um contrato de um ano e... -

Travis começou.

- Não pode ao menos deixar o rapaz comer antes de falar de negócios?

- O rapaz quer saber.

Brian serviu-se de três torradas e uma porção generosa de fritada.

- Sim, ele quer.

- Você terá um salário anual garantido. – Travis mencionou uma quantia que quase fez Brian engasgar. Felizmente, porém, ele conseguiu se conter. - E, depois de dois meses, uma cota de dois por cento de cada prêmio que conquistar para nosso haras. Em seis meses renegociaremos essa percentagem.

- E renegociaremos para cima. - Novamente calmo, Brian começou a comer. - Porque, eu prometo, vou merecer isso.

Os dois discutiram minuciosamente cada detalhe, responsabilidades, benefícios, bônus e deveres.

Brian estava quase terminando seu segundo prato, e Travis sorvendo o último gole de seu segundo café, quando Keeley apareceu.

Ela usava um traje completo de montaria. Elegante até o último detalhe, claro. Suas botas negras brilhavam como um espelho.

As sobrancelhas aristocráticas arquearam-se levemente quando viu Brian sentado à mesa, e então seus lábios curvaram-se num sorriso protocolar.

- Bom dia, sr. Donnelly.

- Srta. Grant...

- Estou meio atrasada hoje. - Ela caminhou até a cabeceira da mesa e beijou o pai na face.

- Você deveria comer - Adélia murmurou sem nenhuma esperança.

- Farei isso mais tarde - Keeley foi até a geladeira e pegou uma lata de refrigerante.

- Devo estar livre em duas horas. - Depois de beijar a mãe, ela parou por um instante para acariciar Sheamus na cabeça, e então saiu sem dizer mais nenhuma palavra.

- Vou descer num minuto - Adélia disse em voz alta. - Gosto de observar, você sabe...

Vinte minutos mais tarde, Brian saiu da casa principal e se dirigiu para os aposentos de Paddy. Viu Keeley no paddock, que ficava diante da garagem. Ela montava um lindo cavalo árabe negro e, à medida que cavalgava, era fotografada em vários ângulos por um homem.

Brian parou para observar, com as mãos na cintura. Imaginou que as fotos provavelmente iriam para alguma revista chique. "A princesa de Royal Meadows". Este título cairia como uma luva.

Para completar tudo, Keeley montava como uma profissional. Seus movimentos eram ao mesmo tempo graciosos, femininos e firmes. Sim, aquela garota havia sido criada em cima de uma sela. E, Brian não pôde deixar de notar, estava em excelente forma.

Ele virou-se ignorando-a. Ou pelo menos tentando.

Segundos depois se encontrava diante da porta de Paddy, batendo.

- Entre e seja bem-vindo. Estou aqui dentro - Paddy gritou.

O homem estava sentado a uma escrivaninha. O ambiente fora organizado como um escritório. Havia armários de arquivos numa parede e fotografias de cavalos campeões na parede oposta. As janelas estavam abertas, e num dos cantos da sala encontrava-se um computador. A julgar pelo pó acumulado sobre o monitor, aquele aparelho raramente era usado.

Os óculos de Paddy equilibravam-se na ponta do nariz delgado. Ele fez um gesto indicando uma cadeira.

- Você e Travis já acertaram todos os detalhes?

- Acertamos. Ele é um homem justo.

- Esperava algo diferente?

- Eu me acostumei a nunca esperar nada, assim não tenho surpresas.

Rindo, Paddy ajeitou os óculos e coçou o nariz.

- Essa foi boa.

- Gostaria de agradecer por ter indicado meu nome para o sr. Grant.

- Mantive meus olhos e ouvidos em alerta desde que me aposentei. Bem, para dizer a verdade, essa é a segunda vez que vou me aposentar. Travis e Dee não ficaram satisfeitos com os treinadores que apareceram... sabe como é. Mas dessa vez pretendo me retirar mesmo. Quero que você acerte em cheio, rapaz.

Quando os óculos dele escorregaram outra vez, Paddy retirou-os com certa irritação.

- Ficaremos juntos aqui, se não fizer objeção, pela próxima semana. Depois disso, eu caio fora e o lugar será todo seu.

- Para onde pretende ir?

- Para casa. De volta à Irlanda.

- Depois de todos esses anos?

- Eu nasci lá. E é lá que quero morrer... embora acredite que ainda vá viver por um bom tempo. De qualquer maneira, pretendo passar meus últimos anos na velha Irlanda.

- O que vai fazer lá?

- Oh, ir ao *pub* contar mentiras - Paddy respondeu com um sorriso. - Beber uma caneca de uma excelente *Guinness*. Sinto falta disso, vou lhe dizer. A cerveja dos ianques, você sabe, é ruim de amargar!

Brian teve de rir.

- É um longo caminho para percorrer por uma caneca, mesmo sendo de *Guinness*.

- Bem, e também há aquela pequena fazenda ao sul de Cork, não muito longe de Skibbereen. Conhece Skibbereen?

- Sim. É uma linda cidade.

- Ruas curvas e casas pintadas de branco – Paddy disse com ar sonhador. - Bem, a fazenda não fica longe daquela bela cidade. Minha Dee foi criada lá por minha irmã, depois que seus pais morreram. Quando minha irmã ficou doente, a fazenda passou por maus bocados e Dee tentou administrá-la ao mesmo tempo que cuidava de sua tia Lettie. No fim, Lettie morreu e a fazenda foi à falência, e Dee finalmente voltou para mim. Alguns anos atrás, a fazenda foi colocada à venda, e embora Dee nada dissesse, Travis comprou a propriedade para ela. O homem conhece o coração da mulher.

- Então é para lá que você vai? - Brian perguntou, sem imaginar por que Paddy estava lhe contando tudo aquilo. - Vai se tornar um fazendeiro?

- É para lá que vou, porém não acredito que vou dar um bom fazendeiro. Mas pelo menos terei alguns cavalos para me fazer companhia...

O homem ajeitou-se na cadeira e contemplou a paisagem pela janela por alguns instantes antes de voltar a falar.

- Vou sentir falta da minha Dee, de Travis e das crianças. Os amigos que fiz por aqui. Mas eu preciso ir. É como uma comichão, se é que me entende...

- Eu entendo. - Sim. O "pequeno Brian" entendia muito bem o que era aquele tipo de comichão.

- Imagino que voltarei para visitá-los com freqüência... e que eles também me visitarão. Eu vi Dee se casar com um homem que respeito e amo como meu próprio filho. Vi as crianças crescerem e se transformarem em jovens maravilhosos. É uma coisa rara. E ainda tive tempo para treinar dúzias de campeões. Creio que isso me torna um homem afortunado.

- Não fez nenhum plano para sua fazenda... como criar seus próprios campeões?

- Pensei um pouco no assunto, mas no fim decidi que não. Isso não é para mim. - O homenzinho encarou Brian fixamente. - É o que pretende fazer no futuro?

- Não. Ter seu próprio lugar significa criar raízes, não é? De qualquer forma, a maioria dos proprietários deixa o trabalho duro e as decisões para o treinador, e então só se ocupam de administrar.

- Travis Grant sabe trabalhar. - Paddy inclinou a cabeça. - Conhece seus cavalos e os ama. Se você merecer sua confiança, ele confiará em você, porém, mesmo assim, vai ficar de olho em cada movimento seu. O homem não se contenta apenas com os louros da vitória, mas tem orgulho de trabalhar duro nos estábulos. E Dee é exatamente igual. Goste você ou não.

- A mulher dele?

Paddy ajeitou-se na cadeira de novo, encarando Brian com certo espanto.

- Você a conheceu ontem, quando ela estava toda arrumada para a festa. Gosto de vê-Ia assim, como uma dama. Mas você vai gostar mais de vê-Ia em ação nos estábulos, lancetando um abscesso ou ajudando no parto de uma égua. Ela não é uma flor delicada. Minha Dee é forte como uma rocha. E uma pessoa muito justa também. Nunca permitiu que os filhos fossem mimados por ninguém. Quando aprender como as coisas realmente funcionam, vai ficar surpreso ao notar que aqui a distância entre o curral e a casa principal não é tão grande quanto em outras fazendas.

- Normalmente, eu até prefiro que não me incomodem durante o trabalho - Brian murmurou, provocando um riso inesperado em Paddy.

- Você está certo, garoto, na maioria dos casos é assim. Mas vai perceber que tudo em Royal Meadows é diferente... dê tempo ao tempo. Bem, acho que agora você vai querer ver o livro de registros dos animais.

Quando Brian deixou Paddy, estava se sentindo no sétimo céu. Tinha adorado aquele lugar e não via a hora de começar a trabalhar com os animais no estábulo.

Tudo o que sempre desejara estava ao alcance de seus dedos. E ele não pretendia desperdiçar aquela chance.

Ao descer as escadas da casa, contornou o prédio caminhando na direção da garagem. Paddy lhe dissera que desse uma olhada na caminhonete vermelha da qual estava se desfazendo antes de viajar para a Irlanda, O carro pareceu bom para Brian. Não precisava de nenhum luxo, apenas um bom meio de locomoção.

Quando voltava para o estábulo principal, ao contornar a garagem ele praticamente colidiu com Keeley Grant.

Ela parecia tão composta e perfeita quanto de manhã. Não havia um fio de cabelo fora do lugar, nenhuma poeira em suas botas. Brian perguntou-se como diabos ela conseguia isso.

- Olá, srta. Grant. Eu a vi pela manhã no *paddock*. Montava um belo animal.

Keeley estava com calor, irritada e bem perto de explodir desde que o fotógrafo tentara se insinuar durante a sessão de fotos. Aquilo era necessário. Ela precisava de exposição e publicidade, mas não suportava aquele tipo deselegante de assédio.

- Sim, ele é. - Ela fez um movimento brusco para se afastar, porém Brian lhe bloqueou discretamente a passagem.

- Com licença, princesa. Por acaso eu disse ou fiz algo para irritá-la tanto?

O olhar flamejante com que Keeley o encarou falava mais do que mil palavras. Aquela mulher estava em ponto de fusão.

- Estou realmente irritada, com uma dor de cabeça terrível. Não é necessário muita coisa para que eu fique furiosa. - Mas Keeley respirou fundo. Era melhor se acalmar. Agora Brian Donnelly fazia parte da equipe do Royal Meadows, e ela não tinha o costume de destratar nenhum funcionário. - Sam é um garanhão árabe de nove anos -murmurou, depois de deixar escapar um suspiro. - Grande trotador. Eu o ganhei quando ele ainda era um potro. - Ergueu a lata de refrigerante que carregava e sorveu um longo gole.

- Isso é tudo que a senhorita coloca dentro do seu corpo? - Brian indicou a lata. - Bolhas e química?

- O senhor fala como minha mãe.

- Talvez seja essa a causa da sua dor de cabeça.

Keeley abaixou a mão com a qual pressionara a própria têmpora e percebeu que o olhar daquele irlandês era muito, muito esperto.

- Estou ótima.

- Vire-se.

- O quê?

Lentamente, Brian contornou-a, colocando-se atrás, e levou as mãos até a nuca de Keeley, que contraiu os ombros num protesto.

- Relaxe. Não estou tentando assediá-la... Acontece que não consigo ver ninguém sofrendo.

Enquanto falava, ele a massageava com habilidade, desfazendo

verdadeiros nós de tensão nos músculos do pescoço fino e longo.

- Respire fundo - ordenou ao notar que ela continuava rígida como uma pedra. - Vamos lá, senhorita, não seja tão durona. Inspire fundo e expire devagar só para me fazer feliz.

Curiosa, Keeley obedeceu, tentando não pensar em como era maravilhoso o toque dos dedos daquele homem.

- Outra vez, por favor.

A voz dele era musical, produzindo um efeito quase hipnótico nela. Enquanto era massageada, Keeley manteve os olhos fechados. Os músculos foram se soltando, a sensação de mal-estar sumindo. Estava quase em transe.

Ela inclinou-se para trás, gemendo levemente de prazer. Brian manteve as mãos firmes, agindo como um massagista profissional mesmo quando seus olhos baixaram para a pele alva e macia da nuca daquela mulher. Queria beijá-la ali, exatamente onde seus dedos trabalhavam. Sentir o gosto daquela pele aristocrática.

Mas aquilo certamente estragaria tudo antes mesmo de começar. Desejar uma mulher era natural. Arriscar tudo por um instante d;e prazer, porém, era estupidez.

Por isso, ele limitou-se a terminar a massagem e deu dois passos para trás, deixando os braços penderem ao lado do corpo, embora ainda lutasse contra a vontade de envolver Keeley Grant com eles. Quando ela se virou para encará-lo, parecia aliviada, sorrindo como uma menina.

- Nossa, obrigada. O senhor é muito bom nisso.

- Já me disseram. - Ele sorriu desajeitadamente. - Tenho a impressão de que a senhorita precisaria relaxar com mais freqüência. - Lançou um olhar para a lata de refrigerante. - Jogue isso fora, tome água fresca... e troque de roupa. Está muito calor para que fique usando esse uniforme.

Inclinando a cabeça, Keeley examinou com mais atenção o rosto másculo daquele irlandês. Os cabelos castanhos eram brilhantes, e os lábios carnudos deliciosamente esculpidos.

- Alguma outra ordem?

- Não, só uma observação.

- Sou toda ouvidos.

- Não, a senhorita está irritada de novo, mas vou lhe dizer de qualquer maneira. Sua boca fica melhor assim, ao natural, em vez de pintada como estava pela manhã.

- Quer dizer que não aprova o uso de batom?

- Não é bem isso. Algumas mulheres precisam usar. A senhorita, não.

Ela meneou a cabeça. A expressão de seu rosto era um misto de espanto e incredulidade.

- Obrigada pelo conselho. - Começou a caminhar para a casa, a fim de tomar uma ducha e trocar de roupa.

- Keeley.

Ela se deteve e limitou-se a olhar por sobre o ombro para onde Brian se encontrava, ainda parado no mesmo lugar, com as mãos nos bolsos da velha calça jeans.

- Sim?

- Não foi nada. Só queria experimentar seu nome nos meus lábios. E gostei.

- Eu também gosto. Não é curioso?

Dessa vez, enquanto avia afastar-se, Brian deixou escapar um suspiro. "Está brincando com fogo, Donnelly", disse a si mesmo. Era melhor afastar-se daquela mulher antes que fosse tarde demais para resistir.

CAPÍTULO III

- Calcanhares para baixo, Lynn. Ótimo. Mãos, Shelly. Willy, preste atenção. - Keeley acompanhava atentamente cada um de seus alunos na aula da tarde. Eles estavam evoluindo.

Seis cavalos montados por crianças trotavam em círculo no *paddock*. Dois meses antes, três daqueles pequenos nunca tinham sequer visto um cavalo, quanto mais montado um. A Academia de Equitação Royal Meadows havia mudado aquilo. E estava fazendo a diferença.

- Tudo bem, trote. Costas eretas - ela ordenou, observando, com as mãos na cintura, o sucesso dos alunos. - Calcanhares para baixo, Joelhos, Joey. Assim é que se faz. Você e o cavalo formam um time, lembre-se. Parece bom. Muito melhor.

Ela se aproximou, batendo de leve com o chicote no calcanhar de um dos garotos. O menino sorriu e corrigiu a postura. "Oh, sim, muito melhor", ela pensou. Um mês antes, Willy parecia uma marionete em cima da sela.

Tudo se baseava na confiança.

Ordenou que realizassem uma manobra conjunta, e as crianças acabaram se confundindo. Todos riram muito e tentaram outra vez, até obterem sucesso.

Tudo também precisava ser divertido.

Brian a observava a distância. Não a vira por dois dias. Quase todo o tempo estava ocupado nos estábulos ou em uma das pistas onde os cavalos de Grant corriam. Aparentemente, Keeley não passava muito tempo nesses locais.

Sentira falta dela.

E tinha concluído que a princesa Grant gastava seu tempo almoçando em restaurantes sofisticados ou fazendo compras. Cuidando do cabelo ou pintando as unhas. O tipo de coisa que garotas ricas fazem para passar o tempo.

Mas lá estava ela, trabalhando duro no *paddock* com aquelas crianças. Talvez fosse um hobby. Talvez Keeley apenas estivesse ensinando crianças privilegiadas, filhas de pais ricos do *Country Club*, como cavalgar no melhor estilo inglês.

Hobby ou não, ela parecia boa fazendo aquilo. Vestia-se de maneira informal, apenas calça jeans e camiseta. Seus cabelos estavam amarrados

em um prático rabo-de-cavalo. E as botas que usava não eram novas, pelo contrário, bastante surradas.

Parecia estar se divertindo. Se não a estivesse vendo, Brian jamais imaginaria que ela sabia sorrir daquele jeito. Incapaz de resistir., ele se aproximou quando Keeley interrompeu o treino e começou a conversar com uma das alunas, aproximando-se de sua montaria. Aparentemente, a sela precisava de algum ajuste.

O sorriso de Keeley desapareceu assim que notou a aproximação de Brian. Mas havia algo naquele olhar suspeito e frio que ela lhe lançava que o atraía ainda mais. Por isso retribuiu toda a frieza da princesa limitando-se a arquear as sobrancelhas.

Keeley não se importava de ter platéia. Com freqüência, seus pais, irmãos ou os funcionários da fazenda paravam para observar suas aulas. Isso sem contar as visitas dos pais dos alunos, claro. E como não se importava realmente com aquele observador em particular, decidiu ignorá-lo.

Um por um, os alunos realizaram a última rotina de exercícios de solo. Ela corrigiu a postura, encorajou-os e pressionou para empregarem maior esforço ou concentração. Quando mandou que desmontassem, cada um deles reclamou.

- Mais cinco minutos, srta. Keeley. Não podemos cavalgar só por mais cinco minutos?

- Já os deixei cavalgar por mais cinco minutos. - Ela ajudou Shelly a desmontar. - Na semana que vem vamos tentar um meio galope.

- Vou ganhar um cavalo no Natal - Lynn anunciou. - E mamãe disse que na primavera vou poder me inscrever nos concursos.

- Então vai ter que trabalhar muito duro. Agora escovem as suas montarias.

- É um ótimo grupo o que tem aqui, Keeley.

As boas maneiras impediram-na de deixar Brian Donnelly falando sozinho. Afinal de contas, precisava cuidar das crianças.

- Gosto de pensar que sim.

- Aquele menino ali... - Brian apontou Willy, um garoto magro e moreno. - Ele parece adorar o cavalo. Aposto que sonha com o animal à noite. Sonha que está galopando numa floresta, metido em grandes venturas.

Isso a fez sorrir outra vez.

- Teddy também o adora. Teddy Bear, o cavalo - ela explicou. - Ele tem um grande coração, por isso lhe dei esse nome.

- Essas crianças têm muita sorte por fazer aulas com uma boa

instrutora, e ainda contar com excelentes montarias. A senhorita guarda esses cavalos naquele estábulo? Nunca os vi antes em minha área.

- São meus. Eu os guardo em meu estábulo particular. - Os cavalos dela, sua escola, sua responsabilidade. - Desculpe-me, mas a lição não termina até que todos os animais sejam escovados.

"Por que tanta pressa?", Brian perguntou-se ao vê-Ia afastar-se. Também tinha coisas para fazer, mas nada que o impedisse de passar por ali mais tarde. Talvez, com alguma sorte, as crianças já teriam ido embora...

Ele a incomodava. E não havia uma explicação real para aquilo. Apenas era assim. Não gostava do jeito como a olhava. Parecia ser a única a notar os olhares ávidos que lhe lançava.

Também não gostava do jeito como ele falava. E mais uma vez, parecia ser a única capaz de captar as segundas intenções na voz daquele irlandês atrevido.

Todos consideravam Brian Donnelly um sujeito extremamente simpático. Seus pais o achavam a pessoa perfeita para substituir tio Paddy... e tio Paddy só se referia a ele com elogios.

Sarah o achava sexy e Patrick, um "cara legal"; Brendon dizia que ele era inteligente.

- Exageros - Keeley murmurou, erguendo a pata do garanhão para checar a ferradura.

Talvez fosse algum tipo de química. Algo que a fazia reagir quando o sujeito estava por perto. Afinal de contas, Donnelly parecia realmente muito competente em seu trabalho. Mais do que isso, a julgar pelos rumores que ouvira. E como ambos estavam sempre ocupados, raramente se encontravam. Não devia dar tanta importância àquilo.

Mas não gostava do fato de haver começado a evitar os estábulos e as pistas de treino. De estar deliberadamente negando a si mesma uma coisa que sempre lhe dera muito prazer.

E o que mais a incomodava era desconfiar que *ele* sabia disso, o que dava ao homem uma importância indevida.

O cavalo relinchou, agitado, fazendo-a voltar à realidade.

- Você tem um bom olho para escolher animais - Brian disse.

Keeley nem ficou surpresa por não tê-lo ouvido chegar. O que a surpreendia era o fato de sentir a presença de Donnelly mesmo sem ouvi-lo aproximar-se. Era como se a atmosfera mudasse quando ele estava por perto.

- Acho que é um dom natural.

- Que bom. Teddy, meu velho - Brian murmurou, aproximando-se do garanhão. Seus olhos estavam fixos nos do cavalo que, a exemplo de todos naquela fazenda, parecia gostar do estranho irlandês. - Você é paciente e tem um grande coração, não é? - Ele acariciou o flanco do animal com a palma da mão. - E gosta muito de carregar garotinhos sonhadores. Há quanto tempo está com ele?

Ela piscou, quase corando. Havia algo de hipnótico em relação à voz, à presença daquele homem.

- Cerca de dois anos.

Brian continuou passando as mãos no flanco de Teddy Bear. Parou. Seus olhos estreitaram-se para observar pequenas cicatrizes que encontrou no lombo.

- O que é isso? - Perguntou, apesar de já conhecer a resposta. - Este cavalo foi chicoteado, chicoteado até sangrar.

- O dono anterior dele - Keeley murmurou, encolhendo-se como se estivesse se defendendo – tinha uma mão pesada com o chicote. Queria que Teddy fosse um saltador, mas não gostou quando notou que ele refugava os obstáculos. Essa era a forma que encontrou para mostrar ao animal quem era o chefe.

- Bastardo. - E embora seus olhos ainda brilhassem furiosos, Brian voltou a falar num tom suave. - Mas você está num lugar melhor agora, garotão. Em uma ótima casa e com uma dona muito boa. Você o salvou, não é? - indagou, voltando a se dirigir a Keeley.

- Eu não iria tão longe. Existem métodos diferentes de adestrar um cavalo. Não acho que...

-Eu não adestro cavalos. - Brian acariciou a barriga de Teddy e então encarou-a. - Eu os conquisto. Qualquer idiota pode usar uma espora ou um chicote e amedrontar um animal. É necessário ter muita habilidade e paciência para fazer um campeão, ou mesmo um amigo.

Ela esperou por um instante, surpresa ao notar que os próprios joelhos tremiam.

- Por que tenho a impressão de que deseja que eu discorde de você? - Keeley pensou em voz alta. Então saiu da baia e passou para a seguinte.

A velha égua saudou Keeley com alegria, erguendo e baixando a cabeça, animada.

- Não suporto ver nada, ou ninguém, ser maltratando. - Brian disse em voz baixa logo atrás dela. Keeley não se virou nem respondeu. Em vez disso, preferiu dar algum tempo para que a raiva inicial de Brian passasse. - Sobretudo uma criatura que não pode se defender. Isso me deixa enojado e

furioso.

- Vou dizer mais uma vez: espera que eu discorde de você?

- Fui rude com você, me desculpe. - Ele tocou-a no ombro, deixando a mão ali... como se estivesse lidando com um cavalo nervoso. - Quando se olha dentro dos olhos de um animal como esse aí atrás, você consegue ver quanto ele é doce e generoso. E então eu vi as cicatrizes causadas por alguém que bateu nele por pura incompetência e maldade. Isso me abalou profundamente, desculpe.

Com esforço, Keeley relaxou os ombros.

- Levei três meses para conquistar a confiança de Teddy. Quando isso aconteceu e ele veio comer cenouras na minha mão, chorei como uma criança. Não me fale sobre maus-tratos e cicatrizes.

Brian não ficava envergonhado com freqüência, por isso a vergonha era um sentimento fácil de reconhecer. Ele respirou fundo e tentou começar de novo.

- E qual é a história dessa égua?

- Por que acha que existe uma história? É apenas uma égua.

- Keeley. - Ele passou os dedos entre os cabelos. Eu sinto muito.

Ela desviou o olhar, avançando até o animal, que abraçou com carinho.

- O crime dela é sua própria idade. Está com quase vinte anos. Foi abandonada num estábulo e negligenciada. Estava coberta de feridas e piolhos. Acho que os antigos donos simplesmente se cansaram dela.

Brian nem pensou, acariciando-a nos cabelos impulsivamente.

- Quantos animais você possui?

- Oito, contando Sam, mas ele ainda é muito arisco para as crianças.

- E você salvou todos eles?

- Sam foi meu presente de vigésimo primeiro aniversário. Os outros... bem, quando se cresce numa fazenda de criação como esta, acabamos ouvindo histórias, sabe como é... Além disso, precisava deles para a escola.

- Outras pessoas teriam preferido comprar puros-sangues jovens.

- Sim. - Ela baixou o olhar. - Outras pessoas. Desculpe-me, mas agora tenho que alimentar os cavalos e depois vou colocar alguns documentos em ordem.

- Vou lhe dar uma mão com a ração.

- Não é necessário.

- Farei isso mesmo assim.

Keeley saiu da baia, mas continuou segurando a portinhola. Decidiu que era melhor lidar com aquele assunto de forma clara e objetiva.

- Brian, você está trabalhando para a minha família numa função

essencial, por isso acho que devo ser bem direta.

- Tudo bem. - O tom sério da voz dele não combinava com o brilho estranho em seu olhar.

- Você me incomoda - ela confessou. - De várias maneiras. Talvez seja porque não goste de homens cheios de si insinuando-se como pavões para mim. Mas não é esse o ponto central.

- Sim, é exatamente esse o ponto. De que tipo de homem você gosta?

- Está vendo? É exatamente sobre esse tipo de coisa que estou falando.

- Entendo. Não é interessante que eu me ache compelido a fazer exatamente o que lhe desagrada? Você também me incomoda. Talvez porque eu não goste de mulheres aristocráticas que me olham com o nariz empinado. De qualquer forma, acho que deveríamos lidar com esse impasse da melhor maneira possível.

- Eu não olho para você, nem para ninguém, com o nariz empinado.

- Isso depende do ponto de vista, não é?

Keeley girou nos calcanhares, disposta a acabar com aquela discussão, e concentrou-se em medir a ração para cada animal.

- Por que não falamos sobre algo seguro? – Brian sugeriu. - Como sobre o que acho de Royal Meadows, Trabalho em fazendas e haras desde os dez anos. Ajudante de estábulo, jóquei, cavalariço... Em vinte anos vi todos os tipos de treinamento, adestramento e criação de cavalos. E, em vinte anos, nunca vi nada tão perfeito quanto Royal Meadows.

Keeley fez uma pausa, esforçando-se para conter um suspiro, mas logo em seguida voltou a abastecer os recipientes de ração.

- Costumo dizer que conheço pouca gente tão digna quanto um bom cavalo. Seus pais são uma exceção à regra, são pessoas admiráveis. Não apenas pelo que têm, mas pelo que são capazes de fazer com esses recursos. Estou honrado por trabalhar para eles. E - Brian fez uma pausa até que Keeley voltasse a encará-lo - acho que eles têm sorte por eu estar aqui.

Keeley riu.

- E os dois, aparentemente, concordam com você...

- Mas *você* não tem certeza, não é? Embora, para ser franco, não acho que se interesse tanto assim pelos assuntos da fazenda.

- Não me interesso?

Brian examinou a prancheta na parede que indicava os suplementos que deviam ser adicionados a cada ração e passou a preparar uma.

- Vejo regularmente seus pais e irmãos nos estábulos e nas pistas, mas você jamais aparece.

Ela podia dizer qual o tempo e colocação de cada cavalo do haras na semana passada. Que medicações tinham recebido, quais as éguas estavam prenhas. O orgulho a manteve calada. Pelo menos Keeley preferia pensar que era orgulho, e não teimosia.

- Suponho que sua escolinha a mantém bastante ocupada.

Os dentes dela ficaram cerrados, aponto de ter dificuldade para falar.

- Oh, sim, minha "escolinha" me mantém muito ocupada.

- Você é uma boa professora. - Brian foi até a baia de Teddy.

- Muito obrigada.

- Não precisa ser sarcástica. É realmente uma ótima professora. E uma dessas crianças ricas pode até se interessar de verdade por equitação depois que o entusiasmo inicial passar.

- Uma dessas crianças ricas - ela murmurou.

- Competir em torneios de equitação exige treinamento duro, habilidade... e muito dinheiro. Nunca me dediquei a isso, mas gosto de assistir a competições de vez em quando. Você pode acabar treinando um campeão para o Royal International ou o Grand Prix de Dublin. Talvez até para as Olimpíadas.

- Deixe-me ver se entendi. Crianças ricas competem em torneios de equitação e ganham os prêmios. E as que não são tão privilegiadas, fazem o quê? Tornam-se cavalariços?

- É como o mundo funciona, não é?

- Quer saber o que acho? Você é um esnobe, sr. Donnelly.

Ele ergueu a cabeça, aturdido.

- O quê?

- É um esnobe, e do pior tipo... o tipo que acha que tem todas as respostas. Agora que sei disso, já não me incomodo mais com você.

Para alívio de Keeley, o telefone tocou justamente naquele momento. Não podia haver *timing* mais perfeito. Ela atendeu imediatamente, sem dar a Brian tempo para replicar.

- Academia de Equitação Royal Meadows. Aguarde um instante, por favor. - Com um sorriso amistoso, ela colocou a mão sobre o fone. - Realmente, posso terminar sozinha aqui. Estou afastando você das suas obrigações.

- Não sou esnobe - ele finalmente conseguiu dizer.

- Claro que nunca veria as coisas assim. Podemos discutir em outra ocasião? Preciso atender a este telefonema...

Irritado, Brian enfiou a pequena pá dentro do saco de ração.

- Não sou eu quem usa esses malditos diamantes nas orelhas todo dia -

ele resmungou enquanto saía batendo o pé.

A discussão acabou com o humor de Brian pelo resto do dia. A acusação o atingira em cheio. E não fizera nem um pouco bem para seu ego.

Esnobe? Como aquela mulher podia chamá-lo de esnobe? Sobretudo depois de ele fazer um esforço para ser amistoso e até elogiar aquela tolice de academia de equitação.

Ficou até o começo da noite checando pessoalmente os preparativos para a corrida de Hialeah. Travis queria que ele fosse junto dessa vez, e Brian considerava um alívio poder se afastar da fazenda naquelas circunstâncias.

Sim, seria ótimo colocar alguns quilômetros de distância entre ele e Keeley Grant.

- Não devia ter olhado naquela direção nem por um segundo - murmurou, acariciando a égua que acabava de escovar. - Especialmente quando tenho a companhia de uma beleza como você, querida. Vamos passar algum tempo juntos na Flórida, o que acha? Vai ser divertido.

- Jogo de pôquer, hoje à noite - um dos cavalariços avisou quando Brian deixava os estábulos. Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu ante o anúncio.

- Conte comigo. E será um prazer esvaziar os bolsos de vocês. - Mas, naquele momento, tinha muita papelada para cuidar.

Quando voltasse da Flórida, os potros já teriam sido separados das mães. Por um ou dois dias os filhotes iriam reclamar muito, mas acabariam se acostumando. E então começaria o treinamento. Brian teria muitas escalas para fazer, planos nos quais pensar.

E pretendia reservar uma parte preciosa de seu tempo para treinar pessoalmente Bad Betty.

Nenhuma tarefa o levou para perto do estábulo privado de Keeley, mesmo assim ele acabou caminhando automaticamente para lá no final daquela tarde. Só que, e,m vez da princesa, acabou encontrando a irmã mais nova.

Sarah o cumprimentou com um amplo sorriso.

- Oi. O céu está lindo, não acha? Vou aproveitar isso com uma cavalgada ao pôr-do-sol. Quer se juntar a mim?

Era tentador. Sarah era sempre uma ótima companhia, além disso Brian já não montava havia alguns dias. Porém tinha trabalho a fazer

- Eu adoraria, mas tem que ser outro dia. Vai cavalgar um dos animais de Keeley?

- Sim. Ela gosta que alguém sempre exercite um de seus bebês. As

crianças ainda estão começando, por isso os animais se ressentem de falta de exercício. Ou ficam entediados. A única classe avançada é a de sábado.

Brian continuava caminhando ao lado dela.

- É. Acredito que uma hora de trote por semana não deve ser o bastante para os cavalos.

- Oh, mas ela os deixa soltos no pasto, e cavalga cada um dos animais sempre que pode.

- Vi parte da aula dela hoje.

- É mesmo? As crianças não são ótimas? Hoje até mesmo... Oh, sim, você viu Willy? É um rapaz magro que cavalga Teddy.

- Sim. Me pareceu ter bom potencial para cavaleiro, e estava muito à vontade com o velho Teddy.

- Agora sim. Mas era um coelhinho assustado quando chegou aqui pela primeira vez.

- Sarah parou diante do puxado onde eram guardadas as selas.

- Medo dos cavalos?

- De tudo. Não sei como alguém pôde fazer aquilo com uma criança. Nunca entendi.

- Fazer o quê?

Ela escolheu uma sela, agradecendo quando Brian a pegou para carregar.

- Feri-lo. - Seus olhos estreitaram-se diante da expressão perplexa dele. - Oh, eu pensei que, como tinha assistido à aula, Keeley tivesse contado tudo sobre a escola.

- Não. - Brian escolheu uma manta para o selim. - Não chegamos a falar sobre isso. Por que você mesma não me conta?

- Claro. - Sarah foi até a velha égua, começando a encilhá-la. - Esta é a minha menina...

- Enquanto falava, ela ajeitava a manta e as correias da sela. - Não sei se o início de tudo foi por causa dos cavalos ou das crianças. Acho que aconteceu ao mesmo tempo. Keeley começou comprando Estrela do Leste. Era um garanhão puro-sangue de cinco anos, mas nunca tinha brilhado nas pistas. De acordo com os proprietários. Haviam aplicado uma "bomba" nele antes de uma corrida.

- O drogaram.

- Anfetaminas. - O rosto suave de Sarah tornou-se duro. - Foram apanhados, mas prejudicaram o coração e os rins do cavalo. Keeley o comprou. Com a ajuda de nosso veterinário, fizemos tudo o que era possível por ele, mas o pobrezinho não durou um ano. Ainda sinto sua falta

- ela murmurou.

Meneando a cabeça, terminou de encilhar sua montaria.

- Depois daquilo, foi como se Keeley assumisse uma missão para si. Por isso acho que os cavalos vieram primeiro. Ela construiu este lugar e espalhou a notícia de que estava abrindo uma pequena academia. Os que podiam pagar contribuíam com uma pequena taxa para ter seus filhos treinados por ela... e posso garantir que minha irmã sempre mereceu esse salário. E o que restava do dinheiro servia para subsidiar os outros alunos.

- Que outros alunos?

- Alunos como Willy. - Sarah checou as correias da sela pela ultima vez. - Crianças abandonadas, vítimas de abusos, esquecidas pelo sistema. Keeley cuida delas sem ganhar nada, as auxilia, fornece todo o material e trabalha com uma psicóloga infantil. É por isso que já não tem tanto tempo para cavalgar como antes. Minha irmã não gosta de abandonar nada pela metade. Podia ter muitos alunos ricos, mas prefere manter as turmas pequenas para se concentrar em cada uma das crianças. Agora está fazendo uma campanha para que outros donos de escolas de equitação façam o mesmo que ela.

A caçula dos Grant acariciou o pescoço da égua.

- Fico surpresa por ela não ter mencionado nada disso. Keeley raramente perde uma oportunidade para envolver mais pessoas no seu projeto.

Com um sorriso nos lábios, a garota montou com destreza.

- Escute, por que não aparece para jantar? Ouvi dizer que papai está planejando um churrasco.

- Obrigado pelo convite, mas eu já tinha outros planos. Aproveite a sua cavalgada.

"Realmente tenho um plano", Brian pensou observando Sarah afastar-se. Queria enfiar a cabeça na terra. Podia não ser um grande plano, mas era o único que lhe ocorria no momento.

Caminhou até o escritório de Keeley e bateu. Se usasse chapéu, com certeza estaria com ele nas mãos, totalmente torcido. Ela não atendeu, então ele abriu a porta e deu uma olhada no ambiente.

Limpo, organizado, como era de esperar. O perfume dela estava presente no ar... era apenas um eco, mas inconfundível.

A atmosfera era de fato bastante profissional. Havia uma escrivaninha, com um computador que certamente era mais utilizado que o de Paddy, aparelhos de telefone e fax. Nas paredes, uma fila de arquivos, duas cadeiras giratórias e um frigobar. Curioso, Brian entrou e abriu a porta do

pequeno refrigerador. Sorriu ao notar que havia um estoque de latas do refrigerante com o qual Keeley Grant parecia se alimentar.

Um rápido exame nas outras paredes e encontrou troféus, medalhas e flâmulas de competição. Havia fotografias também, nas quais ela aparecia sorridente com uniforme completo de montaria, provavelmente em competições de salto.

Mas o que mais chamou sua atenção foi uma medalha olímpica. De prata.

- Ora, ora, conseguiu mesmo agir como um idiota, Donnelly! - ele murmurou, emendando: - Você e sua enorme boca irlandesa.

CAPÍTULO IV

Era tudo culpa de Brian Donnelly. Se ele não tivesse sido tão insuportável, Keeley não teria aceitado o convite de Chad para jantar fora. E, em conseqüência, não teria passado quase quatro horas entediada até os ossos quando podia estar fazendo algo mais útil.

Como observar um formigueiro, por exemplo.

Não havia nada de errado com Chad. Para uma pessoa que tivesse, digamos, apenas meio cérebro e nenhum outro interesse além do corte ideal para um terno, ou disposição para um debate infindável a respeito da maneira correta de servir um martíni seco, ele seria a companhia ideal.

Infelizmente, Keeley não se enquadrava em nenhuma dessas categorias.

Naquele momento ele estava discorrendo sobre a pintura que acabara de adquirir em uma feira de arte. Não, não sobre a pintura, Keeley corrigiu-se, desanimada. Uma discussão acerca de pintura, de arte, seria um milagre que a salvaria de um iminente estado de coma. Mas não, Chad estava discursando, e não havia uma palavra melhor para isso, sobre seu "investimento".

Ele mantinha os vidros fechados e o ar-condicionado no máximo enquanto dirigia. Lá fora fazia uma noite perfeita, ela pensou, mas abrir as janelas significaria desarrumar o penteado de Chad. O que era impensável.

Pelo menos Keeley não precisava se esforçar para manter uma conversação. Chad, afinal de contas, preferia os monólogos.

- O marchand me assegurou que dentro de três anos a peça vai valer cinco vezes o que paguei nela. Normalmente eu teria hesitado por se tratar de um artista jovem e desconhecido, mas a mostra foi um sucesso absoluto. Notei que T. D. Giles estava muito interessado em duas obras. E você sabe como o velho T. D. é astuto em relação a essas coisas. Eu lhe contei que encontrei com a esposa dele, Sissy, alguns dias atrás? Ela estava esplêndida. A cirurgia plástica fez maravilhas pelo rosto da mulher, um resultado espantoso. Você precisava ver como ficou natural... .

"Oh, Deus, por favor, tire-me daqui ou me mate!", era tudo em que Keeley conseguia pensar .

Quando o carro fez a última curva na estrada e apareceram os imponentes pilares de pedra de Royal Meadows, ela teve que se conter para não gritar de alegria.

- Estou tão feliz por nossas agendas finalmente baterem. A vida é mesmo muito estafante e complicada, não acha? Nada mais relaxante do que um jantarzinho íntimo, a dois.

"Agora é que vou começar a relaxar, querido", Keeley pensou, aliviada.

- Foi muita gentileza me convidar, Chad. - Ela se perguntava se seria rude demais saltar do carro ainda em movimento, correr para a porta e executar uma dança comemorativa na varanda.

Definitivamente rude, decidiu. Certo, iria cortar a dança.

- Drake e Pâmela... você conhece os Larken, é claro, estão organizando uma pequena *soirée* no próximo sábado à noite. Por que eu não passo aqui para pegá-la... digamos, às oito horas?

Era inacreditável pensar que havia saído com um sujeito que usava a palavra *soirée* numa frase.

- Eu realmente não posso, Chad. Terei um dia cheio no sábado... muitas aulas, você sabe. Quando terminar, com certeza não estarei muito disposta para um encontro social. Mas obrigada mesmo assim. - Ela segurou na maçaneta da porta, antecipando a fuga.

- Keeley, não pode deixar essa escolinha tomar tanto tempo da sua vida.

Os pêlos da nuca de Keeley eriçaram-se, contudo ela se forçou a estudar o perfil impecável daquele *playboy*. Um dia alguém iria se referir à academia como a "escolinha de Keeley" e ela seria muito, muito rude. Talvez até cortasse alguns pescoços.

- Não posso?

- Tenho certeza, claro, que isso a diverte. *Hobbie*s podem ser bastante gratificantes.

- *Hobbies*... - Ela cerrou os dentes.

- Todo mundo precisa de uma distração, eu creio. - Chad freou o carro diante da casa e retirou do volante as mãos que nunca tinham visto um dia de trabalho duro em toda a vida.

- Mas você precisa reservar tempo para si mesma. Outro dia Renny mencionou que não a vê há séculos. Afinal de contas, quando os anos de entusiasmo se forem, você vai acabar se perguntando o que fez com sua vida.

- Minha escola, não é um hobby, uma distração ou um divertimento. E um negócio muito sério, se quer saber.

- Sim, claro. - Ele bateu levemente no joelho de Keeley, num gesto condescendente.

- Mas você deve admitir que essa atividade consome quase todo o seu tempo. Demorou quase seis meses até que conseguíssemos jantar juntos.

- Tudo isso?

Chad interpretou mal o silêncio dela e inclinou-se para a frente, encarando-a com um olhar malicioso.

Keeley o deteve, pondo a palma da mão sobre seu peito...

- Nem pense nisso. Vou lhe dizer uma coisa, colega. Realizo mais em um dia em minha escola do que você em uma semana naquele escritório que herdou de seu avô... aliás, quase posso vê-lo empilhando papéis entre uma sessão de manicura e um gole de *amaretto* no final do expediente. Homens como você não me interessam absolutamente, e por isso demoramos quase seis meses para ter esse encontro tedioso. Se eu tivesse certeza de que seria assim, preferia ter ficado em casa vendo televisão. Por isso, pegue sua gravata francesa e seus mocassins italianos e os engula!

O choque deixou Chad sem fala por um instante. Ele precisou respirar fundo para se recuperar.

- Obviamente, passar tanto tempo em estábulos, cercada de animais, deve tê-la feito esquecer as boas maneiras.

- Isso mesmo, Chad. - Ela inclinou-se para a porta, encarando-o com sarcasmo. -Você descobriu meu segredo! Agora deixe-me apenas subir para meu quarto e ensopar meu travesseiro com lágrimas amargas.

- Correm rumores sobre você ser frígida, sabia? - ele murmurou numa voz sibilina e fria.

- Mas eu tinha que constatar por mim mesmo.

Aquilo doeu, porém Keeley era forte o bastante para suportar o golpe.

- Também correm rumores sobre você ser um débil mental. Acho que agora nós dois confirmamos as fofocas locais.

Chad voltou a acionar o motor, e Keeley podia quase jurar que suas mãos tremiam ao volante.

- É uma gravata inglesa, para sua informação.

Ela bateu a porta do carro com força ao descer, e observou, incrédula, enquanto o automóvel se afastava.

- Uma gravata inglesa... - Um riso incontrolável a acometeu. - Essa foi boa!

- Recuperando o controle depois de um longo suspiro, Keeley ergueu os olhos para o alto e ficou alguns instantes observando o magnífico céu estrelado. - Debilóide - murmurou. – E acho que isso vale para os dois.

Keeley ouviu um ruído metálico e virou-se, deparando com Brian, que acabara de acender um cigarro.

- Briga de namorados?

- Acho que sim. - A fúria provocada por Chad ainda não estava

adormecida. - Ele quer me levar para Antígua e eu simplesmente caí de amores por Moçambique. Antígua deve estar às moscas nesta época do ano, não concorda?

Brian deu uma longa tragada no cigarro com expressão compenetrada. Keeley estava estonteante sob a luz do luar, usando aquele ousado vestido preto. Seus cabelos caíam-lhe sobre os ombros como uma cascata de fogo sobre seda. Ouvi-la rir de maneira relaxada, momentos antes, fora um verdadeiro bálsamo para seus ouvidos. Mas agora os olhos da princesa tinham voltado a faiscar com fúria, e o alvo era Brian.

- O que era quase bom.

Ele tragou o cigarro mais uma vez, depois encarou-a por entre uma nuvem de fumaça.

- Está me dando corda, Keeley...

- Gostaria de lhe dar corda o bastante para que se enforcasse. Depois disso, eu o picaria em pedaços bem pequenos e o mandaria de volta para a Irlanda!

- Imaginei que diria isso. - Brian livrou-se do cigarro e caminhou até ela. Ao contrário de Chad, não interpretou errado o brilho furioso do olhar de Keeley.

- Você deve estar querendo socar alguém... - Ao dizer isso, tomou-a pela mão e a fez cerrar os dedos, em seguida virou-se, indicando o próprio queixo. - Vá em frente.

- Por mais tentadora que me pareça essa proposta, não costumo resolver minhas diferenças assim. - Quando ela começou a se afastar, Brian a deteve, segurando-a pelo braço. - Mas - Keeley emendou devagar - posso fazer uma exceção.

- Não gosto de me desculpar, e não farei isso... de novo... se me deixar ir direto ao assunto.

Ela arqueou uma sobrancelha. Tentar se livrar da garra daquele irlandês certamente causaria uma cena pouco digna.

- Por acaso está se referindo à minha "escolinha"?

- Está fazendo uma coisa muito boa. Admirável, na verdade, e não há nada pequeno quanto a isso. Gostaria de ajudá-la.

- O quê?

- Gostaria de lhe dar uma ajuda sempre que puder.

No meu tempo livre, quero dizer.

Desconcertada, ela meneou a cabeça.

- Não preciso de nenhuma ajuda.

- Imagino que não precise mesmo. Mas isso não machucaria ninguém,

certo?

Keeley estudou-o com uma expressão que era um misto de suspeita e interesse.

- Por quê?

- Por que não? Deve admitir que eu entendo de cavalos. Tenho braços fortes também. E acredito no que você está fazendo.

Foi a última frase que rompeu as defesas dela. Ninguém fora da família entendera o que ela queria fazer até aquele momento. Livrando-se do aperto da mão de Brian, deu um passo para trás.

- Está se oferecendo porque se sente culpado?

- Estou me oferecendo porque fiquei interessado. Culpa faria à penas que eu me desculpasse.

- Ainda não se desculpou, sabia? - Mas a pergunta foi acompanhada de um sorriso franco. - Deixe para lá. Acho que posso usar um par de braços fortes de vez em quando.

- Keeley abaixou o olhar, sentindo-se, por um motivo qualquer, incapaz de encará-lo. Talvez fosse por causa da sensação que a visão daquele homem másculo lhe causava, constatou com certa surpresa.

Forte, saudável, com mãos sensíveis e um conhecimento inato sobre como lidar com cavalos. Podia ser pior, ela pensou.

- Você cavalga?

- Ora, claro que sim. Como um bom irlandês. - Dessa vez um sorriso iluminou os lábios de Brian. - Quer dizer que me aceita?

- Isso foi fácil. Mas há um detalhe... - Keeley virou-se e começou a caminhar devagar pelo corredor do jardim que era cercado por árvores floridas de damas-da-noite. - Não posso pagá-lo.

- Já tenho um bom emprego, obrigado.

- As crianças cuidam de várias tarefas - ela informou. - Faz parte do pacote. Não se trata de ensiná-las a buscar apenas a liderança numa corrida, o galope sobre um cavalo. Trata-se de confiança... nelas mesmas, em seus animais, em mim. De fazê-las se conectarem com suas montarias. Limpar um monte de estrume, por exemplo, pode ajudá-las a compreender isso.

Ele sorriu.

- Não vou discutir com você.

- Mesmo assim, são crianças, portanto diversão é uma parte importante da programação. E ainda estão aprendendo, por isso nem sempre conseguem fazer um bom trabalho como cavalariços. Além disso, sempre acaba faltando tempo para cuidarem apropriadamente dos animais,

tratando os pequenos ferimentos deles e controlando pragas como infestação por percevejos.

- Comecei minha ilustre carreira com um escovão numa das mãos e uma barra de sabão na outra, limpando selins.

Impulsivamente, Brian apanhou uma flor branca em uma das árvores e a colocou no cabelo de Keeley. O gesto, por seu charme ingênuo, a desconcertou, fazendo-a lembrar que estavam caminhando juntos ao luar, cercados por flores.

"Não é uma boa idéia", lembrou a si mesma.

- Tudo bem então. Se e quando você tiver um tempo livre, sempre poderei lhe arranjar um forcado extra.

Quando Keeley fez menção de voltar para a casa, Brian segurou-a outra vez pela mão.

- Não entre agora. A noite está realmente linda, e seria um pecado desperdiçá-la dormindo.

A voz dele era adorável, num tom muito confortador. Mas Keeley ainda não conseguia encontrar uma explicação para o fato de aquela voz fazê-la tremer.

- Nós dois temos que acordar muito cedo amanhã.

- Verdade, mas felizmente somos jovens, não é? Eu vi a sua medalha.

Distraída, ela esqueceu de soltar sua mão da de Brian.

- Minha medalha?

- Sua medalha olímpica. Fui procurá-la mais cedo no escritório da academia.

- A medalha serve como isca para os pais que podem pagar pelo treinamento dos filhos.

- É uma coisa da qual deve se orgulhar.

- E me orgulho. - Com a mão livre, Keeley ajeitou os cabelos desarranjados pela forte brisa noturna. A ponta de seus dedos tocou de leve nas pétalas da flor que Brian havia colocado ali. - Mas isso não me define.

- E o que a definiria... como é mesmo? Uma gravata inglesa?

A risada escapou facilmente dos lábios dela, amenizando a estranha tensão que aquele encontro furtivo causara.

- É surpreendente, sabia? Mas acho que, com o tempo, se me esforçar um pouco, posso acabar gostando de você.

- Tenho todo o tempo do mundo. - Brian soltou a mão de Keeley e começou a brincar com as pontas dos cachos do cabelo dela. - Você é do tipo brincalhão - murmurou.

- Não, não particularmente. - Na maior parte do tempo, pelo menos, ela

pensou.

- Desculpe-me, mas eu gosto de tocar - ele confessou, acariciando os cabelos de Keeley mais uma vez. - Ajuda a fazer... uma conexão. Pode-se aprender muito por meio de um toque.

-Eu não... - Ela emudeceu quando aqueles dedos fortes tocaram-na com firmeza na parte posterior do pescoço.

- Aprendi que as pessoas costumam carregar toda a tensão bem aqui, na base da nuca. Todas as preocupações que nem chegam a demonstrar em seus rostos. Ainda mais você, Keeley, que parece ter um talento natural para atriz. Isso pode enganar um homem.

A tensão estava se dissolvendo sob o toque dos dedos de Brian, e mudando toda para outra parte do corpo. Uma espécie de sufocamento, misturado a um estranho calor que a dominou por dentro. A pressão que lhe oprimia o peito foi tão súbita que por um instante teve dificuldade para respirar. Os músculos de seu estômago começaram a se retorcer. A doer.

- Meu rosto não tem nada a ver com a pessoa que realmente sou.

- Talvez não, mas mesmo assim não consigo deixar de ter prazer ao admirá-lo.

Se Keeley não ficasse trêmula, ele poderia ter resistido. Era um erro. Porém Brian já cometera erros antes, e com toda certeza voltaria a cometê-los. Havia aquele luar e no ar o perfume das últimas flores desabrochadas. Além disso, que tipo de homem se afastaria de uma linda mulher que tremia sob seu toque?

"Não este aqui", ele pensou.

- Uma noite linda demais para ser desperdiçada - murmurou de novo, inclinando-se na direção dela. Keeley retrocedeu alguns milímetros, quando os lábios de Brian se aproximaram dos seus, mas os dedos fortes continuavam acariciando-a na nuca, mantendo-a próxima. O olhar dele baixou para os lábios carnudos, depois voltou a se fixar nos olhos dela.

E ele sorriu.

- *Cushla machree* - sussurrou como se recitasse um encanto, e Keeley, de fato, ficou enfeitiçada.

Os lábios dos dois roçaram-se. Tudo dentro de seu corpo a incitava a entregar-se languidamente. Brian puxou-a para mais perto de si, ajustando aquele delicado corpo feminino ao seu, encaixando ângulos e curvas. A? mesmo tempo, suas mãos deslizavam para cima e para baixo pela espinha dorsal dela.

Um suspiro escapou dos lábios de Keeley, e um segundo depois eles já estavam entreabertos, esperando pelos de Brian. E então ele a beijou.

Brian sempre se comportara com gentileza diante da fragilidade. Mas a súbita e inesperada rendição de Keeley a ele, a ela mesma, o apanhara de surpresa. Sem dúvida esperava alguma resistência. Teria compreendido tudo... desdém, frieza e até mesmo uma reação furiosa. Mas aquilo... Oh, não, a reação de Keeley o abalou profundamente.

-Mais - ele murmurou contra os lábios dela. - Só mais um pouco. - E voltou a beijá-la com furor.

Um som abafado saiu da garganta de Keeley, um ronronar que pareceu música aos ouvidos de Brian. Por um instante o coração dele parou, e então disparou como um cavalo selvagem numa pradaria.

O choque fez com que interrompesse o beijo e a encarasse, com a estranha sensação de alguém que subitamente tivesse percebido estar segurando um tigre nos braços em vez de um simples gatinho.

Como podia ter esquecido que aquilo era um erro? Nada mais que um grande erro. Agora estava completamente nas mãos dela.

- Droga.

Keeley piscou, confusa, tentando compreender o motivo da abrupta mudança de comportamento de Brian. O rosto dele agora era duro, e o toque de seus dedos, que continuavam pousados em sua nuca, já não era tão suave. Sentindo os próprios joelhos falsearem, ela respirou fundo e manteve o controle. Não estava disposta a dar mais um espetáculo de fraqueza.

- Deixe-me ir.

- Eu não a forcei.

- Não sugeri que tivesse feito isso.

Os lábios de Keeley ainda estavam amortecidos pela pressão recebida, e sentia o estômago retorcido como um saca-rolhas. Rumores diziam que era frígida, pensou. Ela mesma acreditara nisso. Entretanto, descobrir que a verdade era diferente não era motivo para celebrar. Para ser absolutamente franca, estava à beira do pânico.

- Eu não quero isso. - Aquela vulnerabilidade, aquela ânsia.

- Nem eu. - Brian soltou-a e enfiou as mãos nos bolsos num gesto nervoso. - O que só torna a situação mais complicada.

- Mas só chegará a ser um problema se nós permitirmos... - Keeley levou a mão ao peito, como se quisesse abafar o coração disparado. Era incrível que Brian não pudesse ouvi-lo. -Somos ambos adultos, capazes de responder por nossos próprios atos. Aquilo foi um lapso momentâneo de ambas as partes. Não vai acontecer de novo.

- E se acontecer?

- Não irá, porque tanto eu quanto você temos outras prioridades e... bem, uma coisa assim poderia atrapalhar tudo. Vamos esquecer. Boa noite.

Keeley caminhou para casa. Não correu, embora desejasse fazê-lo. Mas havia outra parte dela, uma da qual não se orgulhava, que desejava que Brian a detivesse.

Brian tinha esperança de que o tempo que passaria trabalhando duro na Flórida o ajudaria a conseguir fazer o que Keeley dissera. Esquecer.

Mas não foi o que aconteceu, e com o passar dos dias ele começou a achar tal pretensão ridícula. E como estava sofrendo, não via por que deixá-la escapar incólume daquela situação, pelo menos não tão facilmente.

Sabia como lidar com mulheres, lembrou a si mesmo. Princesa ou não, Keeley era uma mulher ardente por trás daquela máscara fria. E estava prestes a descobrir que não podia colocar Brian Donnelly de lado como se fosse um brinquedo usado.

Saiu do estábulo principal carregando a mochila no ombro. Ainda não havia sequer passado no próprio alojamento, e dormira muito pouco durante a viagem de volta desde Hialeah. Podia ter retornado por via aérea, mas escolhera voltar no caminhão acompanhando os animais.

Seus cavalos tinham ido muito bem, fazendo tudo o que Brian esperava deles. Isso o deixara orgulhoso e, evidentemente, um pouco mais rico. Certificar-se de que voltassem em segurança para a fazenda era o mínimo que podia fazer.

Naquele momento, porém, tudo o que queria era um bom banho, fazer a barba e tomar uma caneca de chá decente.

Mas não podia negar que trocaria todo esse prazer por mais um beijo de Keeley.

Decidiu que a procuraria assim que estivesse limpo e refrescado. Sim, eles precisavam ter uma breve conversa. Bastante breve, se conseguisse colocar as mãos nela outra vez. E, se fizesse isso, ele iria...

A imagem erótica desapareceu de sua mente quando contornou o prédio da garagem e viu a mãe de Keeley ajoelhada cuidando do canteiro de flores.

Não era a coisa mais confortável do mundo encontrar a mãe quando se estava imaginando a filha nua, afinal de contas. E então Adélia ergueu a cabeça e ele pôde ver as lágrimas que corriam pelo rosto da mulher. Aquilo realmente o aturdiu.

- Oh... sra. Grant, o que aconteceu?

- Brian. - Soluçando, ela limpou o rosto com a costa da mão. - E... eu

estava aqui, sozinha, cuidando do jardim. Não imaginava que alguém pudesse aparecer... desculpe-me por constrangê-lo - emendou num fio de voz.

- Hã... - "Diga alguma coisa, idiota", ele pensou, em pânico. Sempre se sentia um completo inútil quando via uma mulher chorando.

- Estou sentindo falta de tio Paddy. Ele partiu ontem. - A mulher nem se esforçou para conter um suspiro. - Achei que se viesse até aqui, trabalhar no jardim da antiga casa dele, eu me sentiria melhor... mas saber que não o verei mais nos estábulos... Sei que ele tinha que ir. Mas...

- Ah. - "Diabos, Donnelly, faça alguma coisa". Freneticamente, Brian puxou o lenço do bolso traseiro da calça. - Talvez a senhora devesse...

- Obrigada. - Ela apanhou o lenço e logo em seguida Brian ajoelhou-se a seu lado.

- Você deve saber como é, eu acho, por estar longe da sua família.

- Bem, a minha não é tão unida, se é que me entende.

-Família é sempre família. - Adélia Grant secou os olhos e se recompôs.

Parecia tão jovem, Brian pensou. Nunca a imaginaria como a imagem de uma mãe de cinco filhos, com aquele boné na cabeça e a calça jeans surrada. E ele agiu com espontaneidade, tomando-a pela mão.

Por um momento, ela recostou a cabeça no ombro másculo e voltou a suspirar.

- Paddy mudou minha vida quando me trouxe para cá. No começo me senti muito deslocada, claro. Uma nova casa, pessoas novas... um novo país, afinal. E fazia muitos anos que eu só via Paddy em fotografias. Na verdade, não o via desde que eu era um bebê. Mas quando, finalmente, nos encontramos, tudo mudou para melhor. Não sei o que teria sido feito de minha vida sem ele.

Aparentemente, Adélia precisava conversar com alguém. Brian preferiu não se impor, deixando-a falar e sendo apenas um bom ouvinte.

- Ainda bem que não chorei na frente de Travis ou das crianças. Eles também sentem a falta de Paddy. Consegui manter o controle até chegar aqui. Foi nesta casa que eu vivi quando vim para Royal Meadows. O quarto com paredes verdes e cortinas brancas na casa da garagem. Eu era tão jovem...

- Fala como se fosse uma velha decrépita agora - Brian protestou, sentindo-se aliviado por conseguir fazê-la rir.

- Bem, talvez não esteja decrépita... mas naquela época eu era bem inexperiente. Nunca tinha visto um lugar como este em toda a minha vida, e iria viver bem no meio dele graças a Paddy. Se não fosse por ele, creio que

Travis jamais se interessaria em olhar uma segunda vez para uma simples cavalariça.

- Cavalariça. - Brian arregalou os olhos. – Achei que isso... bem, achei que isso não passasse de uma lorota.

- Claro que não - Adélia replicou com indisfarçável orgulho. - Trabalhei duro quando cheguei aqui, não tenha dúvida. E era uma excelente cavalariça. Eu mesma treinei o pai de Prince, Majesty.

Brian sentou-se no chão e abraçou os próprios joelhos.

- A senhora treinou Majesty?

- Pode apostar que sim, e o levei pessoalmente ao seu primeiro Derby. Oh, eu adorava aquele cavalo. Você sabe como é...

- Sim, eu sei.

- Nós o perdemos no ano passado. Teve uma vida longa e próspera, o nosso velho Majesty. Acho que foi a morte dele que levou Paddy a decidir-se por uma aposentaria definitiva. De qualquer forma, creio que os ares da Irlanda farão tão bem a ele quanto o convívio com os animais daqui, e isso é um conforto. Como você foi para mim agora, Brian. Muito obrigada.

- Eu não fiz nada. Só não agüento ver ninguém chorando.

- Você me ouviu. - Ela devolveu o lenço a ele.

- É que lágrimas me deixam sem fala. Oh, a senhora está com um pouco de sujeira no rosto, deixe-me limpar.

Keeley apareceu no jardim a tempo de ver Brian limpando gentilmente o rosto de Adélia com seu lenço azul. E a primeira coisa que notou, obviamente, foram os olhos avermelhados da mãe.

- O que é isso? O que você fez? - Fuzilando Brian com o olhar, ela envolveu os ombros da mãe num abraço.

- Nada. Eu só nocauteei sua mãe e a chutei algumas vezes enquanto ela estava no chão.

- Keeley! - Com um riso surpreso, Adélia segurou as mãos da filha. - Brian nada fez, a não ser me oferecer seu ombro amigo enquanto eu chorava por causa do tio Paddy.

- Oh, mamãe. - Keeley pressionou carinhosamente o rosto contra o de Adélia. - Não fique triste.

- Eu tinha que ficar... um pouco. Mas agora estou melhor. - Ela inclinou-se para a frente, surpreendendo Brian com um beijo no rosto. - Você é um ótimo rapaz, e muito paciente também.

Ele colocou-se em pé para ajudá-la a levantar-se.

- Não é a reputação que eu tenho, sra. Grant.

- Isso porque as pessoas não se aproximam o bastante para notar. Deve

me chamar de Dee, agora que chorei no seu ombro. Bem... acho que vou até o estábulo dar uma olhada em nossos campeões. Com licença.

- Ela nunca chora - Keeley murmurou assim que a mãe se afastou. - A não ser quando está muito feliz ou muito triste. Sinto muito por tê-lo acusado daquele jeito, mas quando a vi chorando, eu perdi a cabeça.

- Lágrimas também me afetam, então deixe estar.

Ela assentiu, depois olhou ao redor como se procurasse algo para dizer.

- Ouvi dizer que você foi muito bem em Hialeah.

- Fomos bem. Herói corre particularmente bem em pistas de grama.

- Sim, eu o vi nascer. Vive para correr. - Keeley notou a mochila no chão. - E veja você. Nem bem chegou e já teve uma mulher chorando em seu ombro e outra o acusando. Realmente sinto muito.

- Sente o bastante para me preparar um bule de chá enquanto eu tomo banho?

- E... eu... tudo bem, mas tenho menos de uma hora.

- Vai demorar muito menos para preparar aquele chá. - Satisfeito, ele começou a subir a escada ao lado da garagem. - Você vai dar aula hoje à tarde?

- Sim. - Encurralada, Keeley encolheu os ombros e o seguiu. Brian fora gentil com sua mãe, por isso devia retribuir a ele. - Às três e meia. Mas ainda tenho algumas coisas para fazer antes que os alunos cheguem.

- Bem, não vou detê-la por muito tempo. Creio que sabe onde fica a cozinha.

Sem esperar a resposta, ele entrou na suíte principal e fechou a porta atrás de si. Nem chegou a ver a expressão aturdida de Keeley.

Estar nos domínios de Brian preparando-lhe chá não era a forma como planejara lidar com a situação delicada que os envolvia. Para ser franca, nos últimos dias chegara à conclusão de que era melhor manter uma prudente, porém amistosa, distância em relação a ele. O que havia acontecido noites antes não passara de uma tolice. Nada sério.

Incrível.

Keeley meneou a cabeça e procurou pelo pote de chá que Paddy sempre guardava no armário. Não, não havia nada com que se preocupar. Na verdade, devia até ser grata a Brian de certa forma. Ele lhe mostrara que não era indiferente aos homens, como já chegara a acreditar. Sempre ficava incomodada por nunca ter sentido aquele desejo ardente que as amigas viviam mencionando em conversas.

Bem, com certeza tinha sido isso o que sentira nos braços de Brian Donnelly. E era uma coisa boa, saudável. Alguém, finalmente, a apanhara na

hora certa, no lugar certo e da maneira correta. E se tinha acontecido uma vez, aconteceria de novo.

Com outra pessoa, claro. E só quando ela decidisse.

Terminou de fazer o chá e colocou-o sobre a mesa para esfriar, e então foi procurar uma caneca no armário alto que ficava sobre a geladeira.

- Eu pego isso. - Surgindo do nada, Brian pegou-a de surpresa, praticamente comprimindo o corpo dela entre a geladeira e o próprio corpo.

Quando ele esticou o braço para apanhar a caneca no alto, Keeley pôde sentir o cheiro da colônia pós-barba que Brian usava. No mesmo instante sentiu a boca ficar seca.

- Decidi que não quero esquecer.

Ela estava concentrada em manter o ritmo da própria respiração.

- O quê?

- E também decidi que tampouco não vou deixá-la esquecer.

Keeley tentou engolir, mas sua garganta não cooperava.

- Nós concordamos...

- Não, não é verdade. - Brian colocou a caneca no balcão ao lado. - Só concordamos que não queríamos isso. - O rabo-de-cavalo que ela usava deixava a adorável curva do pescoço nua. Ele encostou os lábios ali. - E eu diria que também concordamos quanto a existir uma atração mútua entre nós.

A tempestade estava de volta, uma onda de calor que descia pelo pescoço de Keeley e parecia queimar-lhe a espinha por dentro.

- Nós nem nos conhecemos...

- Conheço o seu gosto - ele murmurou, voltando a beijá-la na nuca. - E seu cheiro. Vejo seu rosto em minha mente o tempo todo, mesmo quando não quero. -Virando-a, encarou-a fixamente. - Por que você deveria ter escolha, quando eu não tenho?

Os lábios de Brian cobriram os de Keeley num beijo ansioso. Com as mãos fortes, ele pressionava o corpo dela contra o seu.

E dessa vez Keeley sentiu mais raiva que paixão naquele abraço. Aturdida, percebeu que achava tal contato inexplicavelmente excitante.

- Não estou pronta para isso - ela lutou para se livrar dos braços dele. - Não estou pronta. Consegue entender?

- Não. - Mas Brian compreendeu o que o olhar de Keeley dizia. Ele a assustara, e não tinha o direito de fazer isso. - Talvez porque eu não queira entender. - Ao dizer isso, afastou-se, deixando-a livre. – Sua mãe disse que eu era paciente. Pode ser, em determinadas circunstâncias. Vou esperar,

porque você virá a mim. Existe algo entre nós, uma coisa estranha e vibrante... por isso sei que virá até mim quando estiver pronta.

- É uma linha muito fina a que separa a autoconfiança da arrogância, Brian. Tome cuidado – Keeley sugeriu enquanto se afastava em direção à porta.

- Senti saudade de você.

A mão dela deteve-se sobre a maçaneta da porta sem abri-la.

- Sabe mesmo dizer a coisa certa - murmurou.

- Pode ser. Mas realmente senti a sua falta. Obrigado pelo chá.

Keeley suspirou.

- Seja bem-vindo - murmurou, deixando-o sozinho um segundo depois.

CAPÍTULO V

Bad Betty realmente merecia o nome que possuía. Ela não apenas se metia em encrencas como procurava por elas. Nada parecia agradá-la mais do que morder os cavalariços de surpresa. A não ser dar coices nos jóqueis. Perseguia os potros menores quando estava solta no pasto, e, ainda por cima, criava a maior confusão na hora de voltar para sua baia no estábulo, à noite.

Por todos esses motivos, e muitos mais, Brian a adorava.

O alívio dos cavalariços foi unânime quando ele optou por treiná-la pessoalmente. Betty vivia testando-o, e embora Brian raramente baixasse a guarda quando estava em sua companhia, ainda restaram muitos arranhões causados por ela.

Havia funcionários que a chamavam de devoradora de homens, mas Brian sabia qual era a verdade. Ela era uma rebelde. E uma vencedora. Só era preciso ensiná-la a competir sem que perdesse .aquele espírito selvagem.

Quando a levava para os exercícios no *paddock* maior, ela fingia ignorá-lo. Mesmo assim, ao ouvir Brian falar, Bad Betty erguia as orelhas e o olhava de relance. De qualquer forma, os dias de trabalho árduo foram recompensados quando, finalmente, conseguiu

fazê-la cavalgar com regularidade.

- Ah, assim mesmo. Que beleza você é. – Brian gostaria de ter consigo uma máquina fotográfica para eternizar aquele momento, a maravilhosa égua já com postura de campeã, cavalgando com perfeição tendo ao fundo as colinas verdes emolduradas por um céu muito azul.

Sem dúvida seria um belo retrato, e pareceria um milagre para as pessoas que não acreditavam que ele podia recuperar aquela selvagem. Mas outros, como Travis e Keeley, saberiam apreciar o momento. Teriam certeza de que estavam diante de uma futura campeã.

Brian elogiou Betty mais uma vez ao aproximar-se para recompensá-la com um afago, e conseguiu enxergar algo nos olhos faiscantes da égua.

Ele viu o próprio destino.

- Seremos nós dois, você e eu - disse em voz baixa. - Nascemos para ficar juntos. As pessoas que não nos entendem nos chamam apenas de rebeldes. Mas vamos vencer muitas corridas, não vamos?

Observar era irresistível. Tinha muito trabalho para fazer, pilhas de relatórios para concluir. Mas podia se dar ao luxo de passar alguns

momentos de um dia brilhante e glorioso de setembro como aquele para presenciar um pouco de magia, não é?

Keeley encostou-se na cerca do *paddock*, apreciando a visão de Brian e Betty treinando. Seu pai acertara ao contratá-lo. Havia uma conexão entre homem e animal que era forte, ainda mais tangível que a corda que os ligava. Ela podia sentir aquilo. Divertimento, afeição, desafio.

Era algo que não podia ser ensinado. Simplesmente existia.

Sabia que Brian arranjava tempo para acompanhar cada animal da fazenda, quando não estava fora da cidade numa corrida. Isso não era nada fácil num lugar tão grande quanto o Royal Meadows. Mas era o tipo de toque pessoal que fazia a diferença. Um treinador de cavalos esperto sabia que quanto mais um animal era tocado, incentivado durante a juventude, melhor responderia ao treinamento mais tarde.

- Ela parece boa, não acha? - Brian perguntou ao soltar acorda para que a égua realizasse seu último galope com mais liberdade.

- Muito. Você fez um progresso considerável com ela.

- Nós dois fizemos progresso juntos, temos uma química especial. Betty já está pronta para sentir um cavaleiro sobre ela.

Conhecendo a reputação de Betty, Keeley revirou os olhos e suspirou.

- E em quem você está pensando para tentar essa façanha?

Gradualmente, Brian diminuiu acorda, e Betty passou a trotar.

- Quer o trabalho?

- Já tenho muito trabalho, obrigada. - Mas era tentador.

Ele sabia que uma semente plantada precisava ser deixada sozinha para germinar.

- Bem, Betty vai sentir o peso de alguém montado nela amanhã pela manhã. -Diminuiu a corda mais uma vez, trazendo a égua para junto de si, e então os dois foram até Keeley.

Brian acariciou o pescoço do animal, que se inclinou para cheirar a bolsa que ele levava na cintura, e depois virou a cabeça para o outro lado.

- Ela quer que eu saiba que não se importa com as maçãs que eu tenho aqui. Não, ela não dá a mínima... - Brian enrolou a corda num dos mourões da cerca, retirou uma maçã da bolsa e um canivete do bolso da calça. Cortou a fruta no meio. -Talvez eu deva oferecer esta delícia para esta moça bonita aqui.

Quando o viu oferecendo a maçã para Keeley, Betty deu-lhe uma cabeçada que o arremessou contra acerca.

- Agora ela quer a minha atenção. Gostaria de uma destas, querida?

Ele estendeu o braço. Betty comeu na palma de sua mão, mas manteve

um ar altivo e cheio de dignidade.

- Ela me ama.

- Ela ama as suas maçãs - Keeley comentou.

- Oh, não é apenas isso. Veja só... - Antes que Keeley pudesse reagir, Brian a segurou pela parte de trás do pescoço e puxou-a para mais perto, roçando os lábios nos dela de maneira provocante.

Betty bufou, agitada, e o cabeceou outra vez.

- Você viu? - Brian sorriu maliciosamente antes de soltar Keeley. - Ciumenta. Ela não admite que eu tenha qualquer afeição por outra mulher.

- Da próxima vez beije-a, ou pode se machucar.

- Eu teria merecido, e não me importaria, juro.

- Cavalos são mais facilmente seduzidos que mulheres, Donnelly. - Keeley pegou uma maçã na bolsa que ele carregava. - Eu só gosto das suas maçãs - informou, afastando-se a passos largos na direção da academia.

- Essa é bem parecida com você. - Ele confidenciou para Betty, ainda observando Keeley se afastar. – O que será que me atrai tanto em mulheres difíceis?

Keeley não planejou descer até o estábulo dos potros. Mas naquela manhã acordara cedo e já terminara suas tarefas matinais. Além disso, estava curiosa. Quando entrou pela porta dos fundos do estábulo, piscando para se acostumar com a penumbra, a primeira coisa que ouviu foi a voz de Brian.

Aquilo a fez sorrir. Na verdade, foi o tom exasperado da voz que provocou o sorriso.

- Vamos lá, Jim, você perdeu o sorteio. Não pode dar para trás.

- Não é isso. Estou apenas me preparando.

O jovem cavalariço estava com os dentes cerrados, flexionando o pescoço, quando Keeley entrou na baia.

- Bom dia. Ouvi dizer que você pegou o menor palito, Jim.

- Sim, eu e o meu azar. - Ele lançou um olhar ressentido para Betty. - Aquela lá quer me comer.

- Eu diria que ela vai preferir derrubá-lo e depois lhe dar um coice - Brian murmurou, desgostoso. - Vamos lá, rapaz, você só está deixando Betty saber que é capaz de intimidá-lo. Vai entrar para a história hoje... Será o primeiro a montar a próxima ganhadora da Tríplice Coroa.

Como se reagisse àquela predição, Betty bufou, agitando-se toda enquanto Brian tentava mantê-la presa pelas rédeas. Os olhos de Jim estavam arregalados como duas enormes bolas brancas, e seu rosto

empalideceu ainda mais.

- Eu farei isso. - Keeley não sabia ao certo se estava fazendo aquilo pelo desafio ou simplesmente por compaixão pelo aterrorizado rapaz. - Se vai ser um momento histórico, um Grant deve montar a futura campeã. - Ela sorriu para Jim ao dizer isso. – Agora me passe a jaqueta e o chapéu.

- Tem certeza? - Com mais esperança que vergonha, Jim olhou de Keeley para Brian.

- Ela é a chefe. De certa forma - Brian replicou.

- Mas isso causará um enorme abalo a sua reputação, Jim.

- Prefiro engolir a minha reputação e salvar a minha pele. - Apressado, o rapaz virou as costas e começou a caminhar para a porta. Como se sentisse sua chance, Betty bufou, agitou-se e apoiou-se nas patas da frente para dar o coice. Brian praguejou, atirando-se sobre Jim a fim de protegê-lo, e acabou recebendo o impacto das patas diretamente nas costelas.

Houve silêncio por uma fração de segundo, o que só acrescentou mais impacto ao ocorrido. Keeley não pensou duas vezes para entrar na baia e segurar as rédeas e controlar a égua. Em seguida, olhou para o chão, onde Brian continuava deitado.

- Ela machucou você?

- Não tanto como queria. - "Mas o bastante para me fazer perder a respiração e ver estrelas", ele concluiu, irritado.

Em seguida Brian tirou os cabelos dos olhos, secou o suor do rosto e massageou o próprio pescoço.

- Nossa, cara... Brian, eu sinto muito - Jim murmurou.

- Devia ter mais bom senso antes de dar as costas para uma encrenqueira como essa -ele replicou. - Da próxima vez vou deixá-la acertar sua cabeça. Agora caia fora daqui. Ela sabe que já dominou você. Para trás - ordenou para Keeley no mesmo tom frio de comando, e então tomou as rédeas e puxou-as com força até forçar Betty a ficar de cabeça baixa.

- Então é assim que vai ser? Prefere a sua própria teimosia à glória? E eu perdi todo esse tempo com você? Talvez não queira correr. Podemos apenas esperar até a próxima temporada e trazer um garanhão para montá-la, e depois soltá-la no pasto. Mas desse jeito nunca vai saber, nunca mesmo, o que é vencer.

A apenas alguns passos de distância, Keeley vestiu a jaqueta e o boné. E esperou. Havia uma marca de ferradura na camisa de Brian, e seus cabelos estavam revoltos e desarrumados. Havia muito suor no peito e nos braços musculosos, e ele usava botas bastante surradas.

Brian tinha a aparência de um verdadeiro encantador de cavalos.

Poderoso. Confiante. E arrogante o bastante para acreditar que podia vencer um animal com mais de cinco vezes o seu peso.

Brian continuou falando, mas agora em gaélico. Expressava-se lentamente, com um ritmo compassado e cheio de ternura. Quase uma melodia, Keeley pensou. Uma melodia que pairava no ar com um poder hipnótico.

A égua estava quieta agora, seus olhos castanho-escuros focalizados nos verdes de Brian.

Seduzida, Keeley concluiu. Estava assistindo a um tipo de sedução. Betty faria qualquer coisa por ele. Aliás, quem seria capaz de resistir àquele toque carinhoso, ao poder incrível daquela voz?

-Entre aqui - Brian disse para Keeley. - Deixe-a cheirá-la. Depois toque-a, para que ela possa sentir você.

- Eu sei como isso funciona - Keeley murmurou. Mas nunca vira acontecer daquele jeito, tinha de admitir.

Ela entrou na baia, passou as mãos gentilmente sobre o pescoço e o flanco de Betty. Sentiu os músculos pulsando sob seus dedos, e notou que a égua não tirava os olhos de Brian.

- Já vi inúmeras pessoas, trabalhando de inúmeras maneiras com inúmeros cavalos

- Keeley falou em voz baixa enquanto acariciava Betty. E, como a égua, não tirava os olhos de Brian. - Mas nunca ninguém como você. Você tem um dom.

Os olhos dele estreitaram-se, encontrando-se com os dela por um segundo.

- É Betty quem tem um dom. Fale com ela.

- Betty. Minha garota. Você assustou o pobre Jim, não é mesmo? Mas não me assusta. Acho você linda.

- Ela viu as orelhas do animal se abaixarem e os músculos poderosos retesarem-se sob seus dedos, mas continuou falando. - Quer correr, não é? Bem, não pode fazer isso sozinha. Garanto que não vai doer nada, nem precisa se preocupar. Sei que você é orgulho puro.

Mais uma vez, Keeley olhou para Brian.

- Orgulho puro - repetiu, entendendo, ao mesmo tempo, homem e animal. - Mas não poderá experimentar o orgulho dos vitoriosos se não passar por esse estágio.

Quando Brian apertou o selim, todos por perto prenderam a respiração. Então Keeley conduziu Betty para fora da baia, apoiou o pé no joelho dobrado de Brian, tomou impulso e montou cuidadosamente.

Já se encontrava sobre a sela, mas sabia que Betty ainda estava dando as cartas. Sabia o que podia acontecer se o animal ficasse descontrolado. Um movimento errado, ou precipitado, e num instante poderia ficar debaixo de quinhentos quilos de pura agitação.

Brian manteve a voz suave, acalmando sua pupila. Então Betty começou a estranhar o peso sobre suas costas, começou a relinchar, dando passos para frente e para trás, agitando a cabeça. Keeley inclinou-se sobre o pescoço da égua e. juntou sua voz à de Brian.

- Acostume-se com isso – ordenou com firmeza. - Você nasceu para isso.

- Chegou a hora, querida. - Os lábios dele mantinham um sorriso enquanto acalmava Betty. - Já não está mais com medo, certo? Você agora tem uma princesa em suas costas, mas ainda é minha rainha.

- Quer dizer que fui desvalorizada? - Keeley não sabia ao certo se sentia-se aturdida ou insultada.

A agitação da égua diminuiu gradualmente. Brian apanhou uma maçã no bolso e entregou-a a Betty.

- Está indo bem.

- Ela gostaria de me derrubar agora mesmo.

- Oh, claro que gostaria, mas não está tentando fazer isso no momento. Você também está indo bem. - O olhar dele subiu até encontrar o de Keeley. – É tão natural fazendo isso quanto ela. Você sabe, ambas têm sangue azul.

- Estamos fazendo história, Brian?

- Pode apostar -ele replicou, beijando Betty um pouco acima do nariz.

Keeley passou a maior parte da manhã com Brian. Desmontando, montando de novo, sentada em silêncio enquanto ele as conduzia lentamente pelo interior do estábulo. Betty deu algumas cabeçadas, mas os cavalariços presentes sabiam que ela só fazia isso para se mostrar.

- Vamos tentar um pequeno trote com ela?

Por um instante Keeley quis recusar. Tinha muito trabalho para fazer e já desperdiçara grande parte do dia ali. Mas sentir o calor daquela égua lhe causava um estranho prazer, e além disso adorava desafios. Compensaria tudo trabalhando na papelada da academia à noite.

- Se acha que ela está pronta...

- Oh, ela está. Só não sei ao certo se nós estamos preparados para Betty. - Brian amarrou uma corda num suporte do arreio e então levou-as para fora do estábulo, conduzindo-as para o paddock menor.

A pista era cercada por uma parede alta, para dar aos profissionais privacidade para o trabalho diário e preveni-los, assim como aos animais, contra distrações. Quando estavam entrando pela cerca, Keeley notou uma

movimentação estranha e intensa entre os cavalariços e demais funcionários presentes. Muito dinheiro estava trocando de mãos.

- Alguns deles apostaram que não iríamos conseguir domar Betty hoje - Brian disse.

- Você acabou de me render quinhentos dólares.

- Se eu soubesse que havia uma aposta, teria apostado em mim mesma.

Ele ergueu a cabeça.

- Como assim?

- Sempre jogo para ganhar.

Brian parou no início da pista e entregou as rédeas para Keeley com um sorriso.

- Ela é toda sua agora.

- Isso é só uma maneira de dizer, não é? Afinal de contas, esta aqui jamais será totalmente de ninguém - ela replicou, iniciando um trote suave com Betty.

As duas juntas formavam um belo retrato, Brian disse a si mesmo. Espetacular. Uma égua puro-sangue de longas pernas, com um porte perfeito e um perfil real, e a delicada mulher que a montava.

Se um dia desejasse ter seu' próprio cavalo, coisa que nunca quisera, teria de ser Betty.

E se um dia desejasse uma mulher para si...

Bem, tratava-se da mesma coisa. Brian nunca quisera as responsabilidades que vinham junto com a posse. E nenhuma das duas poderia ser dele em qualquer hipótese. Pelo menos, porém, sabia que guardaria para sempre parte das duas em seu coração.

Em relação à égua, tinha consciência de que participaria da transformação dela numa verdadeira campeã, algo que constituía uma experiência única. E quanto à mulher, para sempre teria na memória a recordação daquele rapto de prazer furtivo que acontecera inesperadamente numa noite de verão. Talvez isso tivesse ocorrido só uma vez e nunca mais se repetiria. Mas, nesse caso, uma vez era o bastante para toda a vida. c:

Por outro lado, porém, também sabia que, apesar de todos os riscos para ambos, a experiência dele com a princesa Grant ainda não estava terminada. E ficava mais convencido disso cada vez que trocavam olhares. E hoje sabia que a própria Keeley compreendia isso. Bastava que se encontrassem na hora e no lugar certos e... Bem, na verdade tudo dependia exclusivamente da vontade dela.

- Elas parecem se entender.

Brian não estremeceu, mas quase o fez. Era inconveniente ter o pai da mulher com quem se estava fantasiando interrompendo uma imagem mental tão erótica. Sobretudo quando tal homem era também seu empregador.

- Concordo inteiramente. Betty precisa de alguém com mão firme, e sua filha tem.

- Sempre teve. - Travis deu um tapinha nas costas de Brian num gesto automático, mas se arrependeu imediatamente. - Oh, desculpe-me... Eu encontrei Jim, e ele me confessou tudo. Você levou um coice.

- Não foi nada. - Mentira. Ele imaginava que teria as costelas doendo por semanas.

- Passe na enfermaria para dar uma olhada nisso. - O tom era casual, mas não deixava de ser uma ordem e Travis.

- Farei isso logo que puder. A culpa não foi de Jim. Eu não devia tê-lo pressionado tanto.

- Jim é jovem - Travis concordou. - Mas isso faz parte do trabalho dele. No momento está se sentindo muito mal pelo que aconteceu.

- É um bom rapaz, Travis. Só que ainda está um pouco verde. Acho que vou levá-lo comigo para as corridas com mais freqüência, deixá-lo se acostumar com a atmosfera das competições.

- É uma boa idéia. Você vive tendo boas idéias - Grant emendou com um sorriso.

- Para isso você me paga tão bem. - Brian hesitou por um instante, então continuou:

- Betty não é apenas sua melhor aposta para o derby, ele vai vencê-lo para você. E eu aposto todo o meu salário anual como também vencerá a Tríplice Coroa.

- É uma aposta e tanto...

- Não para Betty. Garanto que ela vai quebrar todos os recordes da prova. E quando chegar a hora de cruzá-la, deve ser com Zeus. Eu fiz as planilhas – Brian prosseguiu. - Sei que você e Brendon cuidam pessoalmente disso, mas...

- Vou dar uma olhada nas suas planilhas, Brian.

Brian assentiu, virando-se para observar Betty.

- Nem precisei estudar muito as planilhas dela. É que simplesmente sei. Às vezes...

- Sem pensar, ele pegou-se olhando para Keeley - nós apenas sabemos.

- Entendo. - Com uma expressão compenetrada, Travis examinou a forma perfeita de Betty. - Trabalhe num planejamento de corridas que acha

que funcionará para ela... quando estiver pronta. Conversaremos sobre isso.

Keeley cavalgou até onde os dois se encontravam, freando o trote de Betty com as rédeas e um firme comando vocal.

- Creio que ela decidiu me tolerar.

- O que achou, filha? - Travis acariciou o pescoço da égua, ignorando o comportamento raivoso que o animal apresentara .anteriormente.

- Ela não é comum - Keeley começou. – Embora sempre tenha apresentado problemas de comportamento antes que Brian começasse a treiná-la. É muito esperta. Aprende rápido, muito rápido. O que significa que sempre devemos estar um passo adiante dela. Ainda é cedo para afirmar, claro, mas eu diria que esta égua não vai nos decepcionar. Vai trabalhar duro, e será uma ótima corredora se for montada pela pessoa certa. Se eu ainda estivesse competindo, iria querê-la para mim.

- Jamais seria uma saltadora. - Brian tirou uma maçã do bolso e a deu para Betty. -Foi feita para uma pista oval.

- Ainda precisa provar que pode correr no meio de outros animais - Keeley ponderou.

- Você pode até precisar colocar viseiras nela.

- Não nesta beleza, eu não acredito que seja necessário, Os outros cavalos não vão distraí-la. Serão competidores.

- Veremos. - Keeley desmontou e fez menção de entregar as rédeas para Brian, mas seu pai as tomou antes disso.

- Vou levá-la para o estábulo.

- Não precisa ficar preocupado - a filha murmurou enquanto Brian observava Travis afastar-se com Betty.

- Ela foi muito bem. Melhor do que eu esperava.

- Hã? Oh, foi, sim, claro. Desculpe, mas eu estava pensando em outra coisa.

- As costelas estão doendo? - Quando ele apenas encolheu os ombros, Keeley meneou a cabeça. - Deixe-me dar uma olhada.

- Ela mal raspou em mim.

- Oh, pelo amor de Deus! - Impaciente, Keeley fez exatamente o que faria com um de seus irmãos: arrancou a camiseta de Brian para fora das calças.

- Bem, querida, se soubesse que estava tão ansiosa para tirar a minha roupa, eu teria colaborado mais, e num lugar mais discreto.

- Cale a boca. Deus, Brian, você disse que não tinha sido nada!

- Realmente não foi nada sério.

A definição dele de "nada sério" era um hematoma com quase um palmo de largura, horrivelmente vermelho, roxo e negro.

- Machismo é uma coisa tediosa, por isso, fique calado.

Ele começou a sorrir, mas soltou um grito quando ela apalpou o local.

- Diabos, mulher, se essa é a sua idéia de carinho, acho melhor eu esquecer você logo!

- Você pode ter quebrado uma ou mais costelas. Precisa fazer uma radiografia.

- Eu não preciso de porc... Ai! Santo Deus, pare de apalpar isso! - Ele tentou abaixar a camiseta, mas Keeley simplesmente a ergueu outra vez.

- Fique quieto, não seja infantil.

- Um minuto atrás eu não devia ser machão, agora sou infantil. O que quer de mim?

- Quero que seja mais maduro.

- É difícil para um homem agir de forma madura quando uma mulher está tirando suas roupas em plena luz do dia. Garanto que, se der um beijinho no local, isso vai sarar logo. Já me machuquei antes. Por falar nisso, tenho uma linda cicatriz no traseiro que... Ai!

- Tenho certeza de que deve ser linda. Um dos homens deve levar você já para a enfermaria. Vou mandar buscar a picape.

- Ninguém vai me levar a lugar nenhum. Eu saberia se as minhas costelas estivessem quebradas. Já levei outros coices e...

Keeley calou-o pressionando o ferimento mais uma vez. Na verdade, estava certificando-se se não havia nenhuma hemorragia. Dessa vez Brian apenas gemeu.

- Keeley, você está me torturando.

- Estava apenas tentando... - Ela emudeceu ao erguer a cabeça e fitá-lo nos olhos.

Não havia sinal de dor ou irritação neles. Brian parecia apenas um tanto frustrado. E isso foi surpreendentemente gratificante.

- Verdade?

Era errado, uma tolice, mas saber que possuía aquele poder era uma coisa excitante. Ela deixou os dedos escorregarem outra vez pelas costas de Brian, para cima e para baixo.

- Por que não me detém?

Ele engoliu em seco.

- Está sendo uma menina má, e sabe disso.

- Talvez eu seja. Talvez eu goste... - Keeley nunca agira de forma deliberadamente provocativa. Jamais quisera fazer isso. Por outro lado, nunca tivera um homem de verdade sob o domínio de seus dedos. – Talvez eu tenha pensado em você, Brian, como sugeriu no outro dia.

- Escolheu uma hora ótima para dizer isso... com toda essa gente, inclusive seu pai, em volta de nós.

- Sim, isso também é verdade. Acho que gosto de me exibir .

- Você é uma louca, Keeley Grant. Não deve provocar um homem adulto desse jeito.

O tom das palavras de Brian era de censura, mas, para ela, foi como uma revelação.

- Nunca tentei antes. Nenhum homem me atraiu o bastante. Você sim, e eu nem sei por quê.

Quando ela abaixou as mãos, Brian segurou-a num dos pulsos. Ficou surpreso ao notar que a pulsação de Keeley estava acelerada, sobretudo porque durante todo o tempo ela mantivera a mesma expressão fria e distante de sempre.

- Acho que você também aprende depressa.

- Gosto de pensar que sim. Se continuarmos, será a primeira vez...

- Será o quê? - O rosto dele ficou imediatamente ruborizado, e então Keeley começou a rir de maneira incontrolável.

- A primeira vez que alguém consegue calar a sua boca - ela observou num tom malicioso. - Estou surpresa por descobrir que existe algo capaz de deixá-lo sem fala.

- E... eu... .- Mas Brian não conseguia pensar direito.

- Não tente achar as palavras certas. Isso seria patético, estragaria a sua imagem. -Keeley teve que lutar para não rir de novo. A expressão aturdida de Brian Donnelly realmente a divertia muito. - Digamos apenas que nas atuais circunstâncias ambos temos muito a considerar. E agora já estou atrasada... preciso preparar minha aula da tarde.

Ela se afastou gingando. Como se tivesse acabado de discutir sobre o clima, Brian pensou. E o deixou em brasas.

Brian tinha se apaixonado pela nobreza, e a nobre em questão era filha de seu chefe. E, para piorar tudo, era inocente.

Precisava ser completamente louco para tocar nela depois disso.

Ele desejou que o coice de Betty tivesse acertado sua cabeça e acabado com tudo aquilo de uma vez.

O trabalho estava quase concluído, Keeley constatou, exausta. Tinha passado metade da noite cuidando dos livros contábeis da academia, e odiava fazer aquilo.

Suspirando, ajeitou o corpo na cadeira e esfregou os olhos. Dentro de um ou dois anos a escola geraria lucro suficiente para justificar a

contratação de um contador. Mas, por enquanto, ela não iria desperdiçar dinheiro com coisas que podia fazer sozinha. Não quando esse dinheiro poderia ser usado para subsidiar outro aluno ou para comprar um bom par de botas de montaria.

Era tentador, em ocasiões como aquela, recorrer à sua conta bancária particular. Mas se tratava de uma questão de honra manter a escola funcionando com recursos próprios.

Keeley sentiu o cheiro do chá antes mesmo de virar-se e ver a mãe chegando.

- O que está fazendo aqui, mãe? Passa da meia-noite.

- Bem, eu estava acordada e vi luz em seu escritório. Pensei: "Acho que essa menina precisa de um pouco de combustível, já que decidiu passar a noite trabalhando". - Adélia colocou o bule e uma bandeja sobre a mesa. - Chá e biscoitos.

- Eu amo você.

- Também a amo. Querida, seus olhos estão vermelhos. Por que não deixa isso de lado e vai dormir um pouco?

- Estou prestes a terminar, mas a pausa é bem-vinda... e o combustível também. - Ela mordiscou um biscoito antes de sorver um bom gole do chá. – Eu me atrasei um pouco porque fiquei brincando hoje pela manhã.

- Pelo que seu pai me disse, você, definitivamente, não estava brincando. - Adélia puxou uma cadeira, aproximando-a da escrivaninha. - Ele está muito entusiasmado com a forma como Brian cuidou sozinho de Betty. Bem, na verdade, está feliz com o próprio Brian, e eu concordo com ele. Betty, de fato, é um desafio e tanto.

- Humm. - Então era sobre Brian, Keeley concluiu. - Ele tem um jeito muito especial de lidar com as coisas, mas parece estar funcionando.

Por que se sentia nervosa? Sempre tinha discutido tudo com a mãe. Por que mudar isso agora?

- Sinto-me atraída por ele.

- Eu ficaria preocupada se você não sentisse isso. Brian é um excelente rapaz.

- Mãe. - Keeley segurou a mão de Adélia. – Estou muito atraída por ele.

O olhar de Adélia era brilhante, mas não surpreso.

- Oh... Bem...

- E ele está muito atraído por mim.

- Entendo.

- Não quero falar sobre isso com papai. Os homens não vêem esse tipo de coisa como nós.

- Querida. - Depois de uma pausa, a mãe soltou um suspiro. - As mães também não enxergam esse tipo de coisa da mesma forma que as filhas. Você já é adulta e deve seguir suas próprias intuições. Mas ainda é minha filhinha, não é?

- Nunca estive com um homem antes.

- Eu sei. - O sorriso de Adélia era suave, sábio. - Acredita que eu não saberia se algo tão importante tivesse acontecido com você? Eu a criei e sei que é tão exigente com os homens como é consigo mesma. Nenhum chegou à sua altura até hoje.

Aquele era um terreno perigoso, Keeley concluiu.

- Eu não sei se é assim que penso em Brian. Porém me sinto diferente quando estou com ele. Eu o quero. Nunca quis ninguém antes. É excitante... e um pouco assustador.

Adélia levantou-se e passou os olhos pelas fotos e medalhas nas paredes.

- Já conversamos sobre esse aspecto antes, quando você ainda era uma adolescente. Sobre responsabilidade e precaução.

- Eu me lembro.

- Keeley, embora tudo isso seja importante, não vai lhe dizer... nem pode... o que é estar com um homem. É como uma força da natureza, algo que não podemos controlar racionalmente. Não é apenas um ato, embora alguns possam pensar assim. Cada pessoa entende a intimidade física de uma forma. Eu jamais lhe diria que se entregar a um homem significa o mesmo que perder a virtude. Não é assim... não precisa ser assim. Para mim, trata-se de uma abertura para um novo universo. Seu pai foi meu primeiro - ela murmurou. - E meu único homem.

- Mãe. - Comovida, Keeley tornou a segurar mãos de Adélia. Eram mãos fortes. Tudo em relação à sua mãe era forte. -Que coisa bonita você acabou de me dizer.

-S ó lhe peço para ter certeza, para não se entregar apenas ao desejo, mas também ouvir seu coração. Afinal de contas, o calor da paixão pode se transformar em gelo com o tempo.

- Claro, mãe. - Sorrindo, ela levou às mãos de

Adélia aos lábios e as beijou. -Mas ele não é esse tipo de sujeito. E pode parecer estranho, mas foi a reação de Brian quando lhe contei que seria a minha primeira vez que me deu mais certeza. Você entende? Eu sei que também significo algo para ele.

CAPÍTULO VI

Era realmente espantoso o fato de duas pessoas viverem e trabalharem no mesmo lugar e conseguirem evitar um ao outro por completo. Uma coisa em que se devia pensar.

E Brian, de fato, pensou no assunto por vários dias. Havia trabalho bastante para mantê-lo ocupado e razões mais do que suficientes para que passasse mais tempo nas corridas do que na fazenda. Mas ele acabou concluindo que aquele tipo de comportamento não era digno. Na verdade, estava bem próximo da covardia.

Além disso, tinha prometido a Keeley que a ajudaria na escola de equitação e não fizera nada a respeito. Não era o tipo de homem que falta com a palavra empenhada, independente de quanto isso lhe custasse. Lembrou a si mesmo, enquanto caminhava até os estábulos de Keeley, que também era um homem capaz de manter o autocontrole. E não tinha a menor intenção de seduzir ou tirar vantagem de uma mulher inocente.

Essa decisão já estava tomada.

Então ele entrou no estábulo e a viu. Não poderia dizer que ficou com água na boca, mas sentiu algo muito próximo disso.

Keeley vestia um daqueles trajes chiques outra vez... calça de montaria cor de chocolate e uma blusa creme que lhe emprestava uma aparência fluida. Seus cabelos estavam soltos, revoltos e selvagens como se ela tivesse acabado de correr ao vento. Antes de anunciar sua presença, Brian ainda teve tempo de vê-Ia retirar uma tira elástica de um dos bolsos e prender os cabelos, como se tivesse lido seus pensamentos.

Brian concluiu que o melhor lugar do universo para colocar as próprias mãos era dentro dos bolsos da calça, e rápido.

- Acabaram as aulas?

Keeley ergueu a cabeça, ainda segurando os cabelos. Já estava começando a se perguntar quando o veria cruzar seu caminho de novo.

- Por quê? Você por acaso está interessado em ter uma?

Franzindo as sobrancelhas, ele achou melhor não dar nenhuma resposta que pudesse ser mal-interpretada.

- Prometi que viria ajudá-la quando tivesse um tempo livre.

- É verdade. E, para ser franca, chegou no momento certo. Você disse que sabe montar, não é?

- Eu disse e é verdade.

- Ótimo. - Perfeito. Ela indicou uma das baias com um gesto. - O velho

Mulai precisa de exercício. Se você o pegar, poderei exercitar Sam também. Nenhum dos dois se mexeu muito nos últimos dias. Tenho certeza de que deve haver uma sela grande o bastante para você. - Ela abriu a porta de outra baia e tirou dela o já encilhado Sam. - Nós esperamos vocês dois no *paddock.*

Assim que a viu sair, Brian olhou para Mulai, e Mulai olhou para Brian.

- Ela é mandona, você não acha? - Então Brian encolheu os ombros e foi até os fundos do estábulo escolher uma sela para si.

Keeley estava marchando pelo paddock quando ele saiu. O corpo feminino era tão colado ao do animal que ambos pareciam fazer parte da mesma figura. Com comandos precisos no ritmo e angulação, fez a montaria saltar três obstáculos. Ainda marchando, começou a descrever o próximo círculo, e então, ao perceber a presença de Brian, diminuiu a velocidade e aproximou-se dele.

- Está pronto?

Como resposta, ele deu um tapinha amistoso no flanco de Mulai.

- Por que está toda arrumada hoje?

- Era dia de retratos. Tiramos fotografias de todas as turmas. Os alunos e os pais gostam muito dessas recordações.

Cavalgaram juntos por cerca de uma hora antes de voltarem para o estábulo da academia. Já de regresso, Brian notou a perfeita arrumação do lugar. Era bem trabalhoso manter uma escola como aquela, sobretudo se a pessoa não contasse com ajuda.

A questão o incomodou por alguns minutos, mas então ele decidiu falar sobre o assunto.

- Acho que um pouco de ajuda por aqui não seria nada má.

- Ora, você já está me ajudando, não é?

- Eu me refiro a outro tipo de ajuda. Uma pessoa fixa que dividisse as tarefas por aqui.

Keeley ficou calada por um momento, terminando de tirar os arreios do cavalo. Depois de carregar arreios e sela até uma bancada próxima, abaixou-se para checar as ferraduras do animal, e só então falou.

- Pode não perceber, Donnelly, mas muita gente me ajuda por aqui. Minha mãe, meus irmãos... até mesmo meus primos aparecem de vez em quando.

- Não vi ninguém trabalhando aqui, a não ser você - ele observou, enquanto tirava os arreios de sua montaria.

- Bem, isso é muito simples. Patrick e Sarah estão na faculdade... e Brady, que é outro que eu posso amedrontar colocando-o em estábulos,

também. Brendon está viajando mais do que de costume agora. Tio Paddy se encontra na Irlanda, e os primos voltaram para a escola depois do feriado. Tanto meu pai quanto minha mãe aparecem aqui quase todo dia no final da tarde. E nem preciso pedir.

Ela se levantou.

- E como parece tão interessado, estive pensando em contratar um auxiliar de cavalariço para trabalhar aqui em meio período. Vai funcionar muito bem. Afinal de contas, esta é apenas uma pequena escola de equitação.

Enquanto dizia isso, Keeley começou a preparar as rações noturnas dos animais.

- Você realmente podia usar uma garota ou um garoto ambicioso para aparecer antes e depois da escola... e pagá-lo com aulas.

- Garotos e garotas ambiciosos devem tomar café antes da escola, e depois dela, provavelmente estão ficando com os amigos ou fazendo a lição de casa.

- Isso é muito rigoroso.

Rindo, Keeley acrescentou algumas cenouras picadas como complemento extra para as rações.

- É o que meus alunos costumam dizer. Mas eu os quero bem formados e saudáveis. Minha família vê isso como interesse e amizade extra-estábulo, pois tive uma boa educação, viajei e conheci muita coisa além das pistas de corrida e dos estábulos. E realmente faz diferença.

Os dois distribuíram as rações, e as baias ficaram silenciosas como num passe de mágica, enquanto os cavalos comiam.

- Se não se incomodar que eu diga, você não anda viajando muito nos últimos tempos.

- Sou compulsiva. Objetiva. Quando vejo o que quero, é como... bem, como se eu colocasse viseiras numa corrida e só conseguisse enxergar realmente alinha final.

Keeley inclinou-se por sobre a porta de uma das baias e acariciou o pescoço de um cavalo como se ele fosse um animal de estimação.

- Foi justamente por isso que meus pais não me deixaram passar toda a infância no meio dos cavalos. Tive aulas de piano, e logo que comecei, decidi que seria a melhor aluna no recital. E se minha tarefa fosse limpar a cozinha depois do jantar, então a maldita cozinha teria de ficar tão brilhante aponto de você precisar de óculos escuros para fazer seu lanche noturno nela.

- É aterrador.

Reagindo à expressão aturdida dele, Keeley meneou a cabeça. - Pode ser. Mas me concentrar na escola, como um objetivo único, força minha compulsão a englobar vários elementos... as crianças, os animais e a administração da academia em si. Quando a firma estiver estabelecida, poderei delegar um pouco mais, mas antes preciso aprender como tudo funciona, passo a passo. Não gosto de cometer erros. É por isso que nunca estive com um homem antes.

Brian sentiu-se desconfortável. Era como se ouvisse nitidamente as batidas aceleradas do próprio coração.

- Bem, isso... isso é muito sábio.

Brian deu um passo para trás, com a expressão de um enxadrista diante de um lance complicado.

- É interessante que isso o deixe nervoso – Keeley disse, comentando o movimento dele.

- Não estou nervoso. É que... já terminei aqui. - Brian tentou outra tática, dando um passo para o lado.

- Interessante, - Keeley repetiu, imitando o novo movimento dele - sobretudo quando sempre esteve... acho que posso usar o termo "dando em cima de mim" desde que nos conhecemos.

- Acredito que não seja o termo correto. – Como estava encurralado num canto, Brian decidiu que era melhor tentar enfrentar a situação. - Eu reagi de maneira natural, levando-se em conta a atração física. Mas...

- E agora que estou reagindo de maneira natural, sente que já não tem as rédeas na mão e entrou em pânico.

- Eu não estou em pânico. - Ele ignorou o terror que fazia as próprias entranhas se retorcerem e fingiu estar aborrecido. - Pare com isso, Keeley.

- Não. - Com os olhos fixos nos dele, ela avançou mais. Xeque-mate.

Brian estava encostado contra a porta de uma das baias, e tinha sido coagido àquela situação por uma mulher com metade de seu peso. Era mortificante.

- Isso não fará bem para nenhum de nós. – O sangue pulsava descontrolado nas têmporas dele, e foi necessário um grande esforço para que mantivesse a voz fria e firme. - O fato é que andei repensando o assunto.

- E mesmo?

- Sim, e... pare com isso - Brian ordenou quando Keeley começou a passar a palma das mãos sobre seu peito.

- Seu coração está disparado - ela murmurou. - Como o meu. Posso lhe dizer o que me passou pela cabeça, o que aconteceu com o meu corpo,

quando me beijou?

- Não. – Brian mal sussurrou dessa vez. - E aquilo não vai acontecer de novo.

- Quer apostar? - Keeley riu, erguendo a cabeça o bastante para beijá-lo no queixo. Por toda a vida jamais fora capaz de imaginar quão *divertido* era provocar um homem até o limite. -Por que não me conta a que conclusões chegou quando *repensou* tudo?

- Não pretendo, de forma alguma, tirar vantagem, de vo... da situação.

Isso, ela pensou, foi extremamente gentil.

- No momento, parece que eu tenho a vantagem. Desta vez você está tremendo, Brian Donnelly.

"Claro que não, com os diabos!", ele pensou. Como poderia estar tremendo se não sentia suas próprias pernas?

- Não serei irresponsável. Não vou usar sua inexperiência. Eu não vou fazer isso. - A última frase foi pronunciada num tom exasperado; em seguida ele afastou Keeley de si.

- Sou responsável por mim mesma. E acho que já provei antes que, se eu decidir que você é o escolhido, pode fazer suas orações. - Ela respirou fundo, satisfeita. - Saber disso devia ser incrivelmente lisonjeiro.

- Não é preciso muita habilidade para excitar um homem, Keeley. Somos criaturas muito cooperativas quando se trata desse assunto.

Se Brian esperava arranhar o orgulho de Keeley, ou mesmo detê-la, falhou miseravelmente: Ela apenas sorriu, um sorriso repleto de sabedoria feminina.

- Se existisse apenas isso entre nós, já estaríamos nus naquele monte de feno agora mesmo.

Notando a mudança na expressão de Brian, ela riu, deliciada. - Já tinha pensado nesse cenário sozinho, não é? Bem, então vamos deixá-lo para outra ocasião.

Ele praguejou baixinho, passando os dedos entre os cabelos e tentando imaginar quando a perseguida se tornara perseguidora.

- Não gosto de mulheres presunçosas.

O som que saiu dos lábios dela foi um misto entre riso e grunhido, algo totalmente feminino, que acabou fazendo-o sorrir.

- Isso foi mentira, e sabe muito bem. Notei que é o tipo de homem honesto, Brian. Quando não quer dizer o que está pensando, fica calado... o que não é muito freqüente. Gosto disso em você, mesmo que tenha me irritado no começo. E, para ser franca, gosto até mesmo dessa sua autoconfiança gigantesca. Admiro sua paciência e dedicação com os

cavalos, a afeição e a compreensão que tem para com eles. E nunca estive envolvida com um homem que compartilhasse os mesmos interesses que eu antes.

- Você nunca esteve envolvida com homem algum.

- Exatamente. E esse foi um dos motivos. Para continuar, apreciei a gentileza com que tratou minha mãe quando ela estava triste. E essa forma como tenta me evitar... - Ela tocou-o levemente no braço, deixando escapar um suspiro. - Se eu não o respeitasse tanto, Brian, não estaríamos tendo esta conversa, independente de quão atraída me sentisse por você.

- Sexo complica as coisas, Keeley.

- Eu sei.

- Como pode saber? Você nunca fez nada.

Ela sorriu com malícia.

- Ponto para você. E então, o que acha de tentar o monte de feno? - Quando Brian abriu a boca para protestar, ela o envolveu em um abraço e beijou-o no rosto. - Estava brincando. Em vez disso, vamos até a minha casa para jantar.

- Ainda tenho trabalho.

Afastando a cabeça para trás, Keeley tentou decifrar o olhar dele, mas dessa vez não conseguiu.

- Brian, nenhum de nós comeu ainda. Podemos fazer um lanche na cozinha... e caso esteja preocupado, não vamos estar sozinhos na casa, por isso não poderei colocar minhas mãos em você. Por enquanto, pelo menos.

- Essa é boa - Ele não podia resistir. Quem poderia? Com aquela mulher linda abraçando-o afetuosamente, sempre com um sorriso nos lábios, Brian sentia-se como caminhando sobre o fio de uma navalha. Tentando fazer o movimento parecer casual, ele colocou-a gentilmente de lado. - Bem, acho que estou mesmo com fome.

- Ótimo.

Keeley podia tê-lo segurado pela mão, mas ele manteve as duas dentro dos bolsos. Era surpreendente e tocante quão determinado Brian estava a manter-se distante. Mas se isso só servia para aguçar-lhe ainda mais o desejo, o que ela podia fazer?

- Espero poder ir até Charles Town para assistir a alguns páreos, quando você levar Betty e os outros potros para correr - disse Keeley.

- Logo ela estará pronta para isso. - A mudança súbita de assunto foi um alívio para ele. Afinal de contas, falar sobre cavalos tornava tudo mais simples. - Eu até ia dizer que Betty a surpreenderia, mas você já a montou. Sabe do que aquela boneca é capaz.

- Sim, tem as pernas fortes e longas, uma forma invejável e parece nascida para vencer. - Ela sorriu quando se aproximaram da porta da cozinha. – Parece até minha própria descrição, não é? Lembre-se, Brian, sou meio irlandesa, já nasci teimosa.

- Não vou discutir isso. Uma pessoa pode tornar o mundo um lugar mais calmo para os outros sendo passiva, mas você não aplica esse conceito a si mesma, não é?

- Vamos tentar chegar a um acordo, então: diga-me que gosta de espaguete com almôndegas.

- Acontece que esse é o meu prato favorito.

- Que bom. É o meu também. E ouvi um rumor de que será o prato principal no jantar.

- Ela aproximou-se da porta, e então pegou-o de surpresa ao beijá-lo furtivamente nos lábios. - E já que vamos nos juntar a meus pais, seria melhor se não me imaginasse nua pelas próximas duas horas.

Após dizer isso, Keeley entrou na cozinha, deixando para trás um Brian aturdido e muito excitado.

Não existe nada como um pouco de culpa para esfriar a cabeça de um homem. E foi a culpa, além da perspectiva de ótima comida e de bom vinho, que ajudaria Brian a enfrentar o jantar na cozinha dos Grant. Dessa forma, felizmente sobraria pouco espaço para a luxúria em sua mente.

Adélia o recebeu com afeto, como se quisesse dizer que seria bem-vindo para jantar sempre que ele desejasse aparecer.

Antes que percebesse, Brian estava sentado à mesa, sendo servido e indagado sobre como fora o dia. Tudo, evidentemente, na maior informalidade.

Não sabia o que fazer a respeito. Gostava daquelas pessoas, de verdade. E, mesmo assim, desejava a filha delas.

E o inferno era que também gostava de Keeley; Tinha sido tão simples no começo, quando era apenas luxúria. Ou pelo menos quando ele achava que era só isso. Por algum tempo havia sido possível tolerar a idéia de estar apaixonado por ela. Mas *importar-se* realmente com uma mulher era algo que jamais lhe acontecera antes.

Obviamente podia tentar se convencer de que, na verdade, estava apaixonado mais pela *idéia* do que pela mulher. A beleza física, a classe, a inacessibilidade de Keeley. Tudo aquilo era um tipo de desafio, um risco que ele gostava de correr. Mas então ela começara a se abrir, e mostrava um pouco mais a própria personalidade cada vez que estavam juntos.

A gentileza, o senso de humor, a firmeza de propósitos e a autoconfiança que ele tanto admirava.

E agora essa provocação, o flerte sexual num corpo inocente. Tudo aquilo o estava levando à loucura. E, que Deus o perdoasse, Brian gostava muito.

- Sirva-se de um pouco mais, Brian.

- Vou me arrepender se comer mais. - Apesar do que dizia, aceitou a tigela que Adélia lhe oferecia. - Mas me arrependeria ainda mais se não aceitasse. É uma ótima cozinheira, sra. Grant.

- Já lhe disse que pode me chamar apenas de Dee. E eu só cozinho há poucos anos, para dizer a verdade. Apenas depois que Hannah se aposentou... Ela era nossa governanta. Estava com Travis há mais tempo do que eu. Quando ela se afastou, alguns anos atrás, eu simplesmente não quis outra mulher, uma estranha, você sabe, perambulando pela casa o di-a todo. Foi nessa época que decidi aprender a fazer algo além de hambúrguer e batatas fritas, ou acabaríamos todos morrendo de fome.

- E isso quase aconteceu nos primeiros seis meses - Travis comentou, merecendo um olhar de reprovação da esposa.

- Bem, decerto a experiência serviu para que você construísse aquela churrasqueira lá fora, não é? Esse homem sempre foi muito mimado. Aposto que você sabe cozinhar, sobretudo vivendo sempre tão sozinho, Brian.

Acariciando Sheamus, que estava encostado em sua perna sob a mesa, Brian meneou a cabeça.

- Só se eu não tiver outra opção.

Ele percebeu o olhar malicioso de Keeley, que esta sentada no outro extremo da mesa, e sorveu um gole de vinho. Sentiu um calor estranho. Para se defender da sensação incômoda, virou-se para Travis.

- Ouvi dizer que gosta de jogar uma ou duas mãos de pôquer de vez em quando.

- Com certeza.

- Os rapazes estão combinando um joguinho para amanhã à noite.

- Posso aparecer por lá. Ouvi dizer que é difícil vencer você nas cartas.

- Se vai jogar cartas, devia levar Burke com você. - Adélia interveio. - Então talvez Keeley, Erin e eu achemos alguma coisa igualmente tola para passar a noite.

- Boa idéia. Mas vinho, Brian? - Keeley ergueu a garrafa, arqueando as sobrancelhas. Sua voz era felina, quase um ronronar.

- Não obrigada. Ainda tenho trabalho para terminar.

- Vou descer com você quando estiver pronto - Travis disse a ele. – Gostaria de dar uma olhada naquela égua que está com cólicas.

- Vocês dois podem ir. Nós cuidaremos dos pratos. Travis sorriu como um garoto.

- Quer dizer que estou livre hoje?

- Não tem muita louça suja, você retribui o favor amanhã. - Adélia levantou-se e beijou o marido na testa. - Vá em frente, sei que está preocupado com Princesa.

- Obrigado pela ótima comida, Dee – emendou Brian.

- Você é sempre muito bem-vindo.

- Boa noite, Keeley.

- Boa noite, Brian. Obrigado por me ajudar hoje à tarde.

Adélia esperou até que os homens saíssem, então virou-se para a filha.

- Keeley, nunca pensei que pudesse ser assim. Você está atormentando o pobre rapaz!

- Esse rapaz não tem nada de pobre. – Satisfeita consigo mesma, Keeley serviu-se de um pedaço crocante de pão. - Além disso, atormentá-lo é tão excitante...

- Bem, nenhuma mulher de bom senso discordaria disso. Mas não o magoe, querida.

- Magoá-lo? - Chocada, ela levantou-se para ajudar a mãe com os pratos. - Claro que não. Eu não seria capaz.

- Nunca se sabe ao certo o que nossos atos podem causar. - Adélia segurou a filha pelo rosto, como se tratasse com uma menininha. - Ainda tem muito a aprender. Mas por mais que se julgue esperta, jamais vai saber com certeza o que se passa na mente de um homem.

- Faço uma boa idéia do que se passa na cabeça *desse* homem.

Por um instante, Adélia pensou em protestar, mas acabou desistindo. Algumas coisas, e-la sabia, não podiam ser explicadas. Tinham de ser vividas.

CAPÍTULO VII

Brian passou a conhecer as estradas que iam de Maryland para a Virgínia Ocidental tão bem quanto os caminhos do condado de Kerry. As auto-estradas por onde os carros passavam voando como pequenos foguetes e as estradas vicinais cheias de curvas agora faziam parte de sua vida, e às vezes chegava a se sentir em casa quando transitava naquelas cercanias.

Em certas ocasiões, o verde das colinas e a paisagem luxuriante faziam com que se lembrasse da Irlanda. A melancolia que o acometia nesses momentos o surpreendia, pois nunca se considerara um homem sentimental. Em outros momentos, dirigia por estradas que passavam ao largo de ravinas rochosas, e todo o cenário parecia-lhe muito diferente, quase exótico.

Gostava de estar em movimento. Viajar de um lugar para outro. E felizmente sua posição em Royal Meadows lhe proporcionava isso com freqüência. Imaginava que dentro de alguns anos já teria conhecido muito da América, mesmo que passasse a maior parte do tempo nas pistas de corrida de cavalos.

Dizia a si mesmo que não pensava na Irlanda nem em Maryland como um lar. Lar, para ele, era sinônimo de estábulos, baias e pistas, não importava onde se localizassem.

Mesmo assim, era tomado por uma sensação de bem-estar cada vez que passava sob os pilares de pedra de Royal Meadows ao regressar de uma dessas viagens. E era prazeroso ver Keeley no *paddock* da academia instruindo uma de suas turmas de alunos.

Ele parou para observar quando ela comandou o grupo, fazendo-os passar de um trote ritmado para a velocidade de marcha. Era uma bela visão, e o comportamento desajeitado e cauteloso de alguns alunos não comprometia o momento, pelo contrário. Não havia competitividade ou arroubos de audácia, apenas os primeiros passos de uma nova aventura. Diversão, Keeley tinha dito, Brian lembrou. As crianças aprenderiam, assumiriam responsabilidades, mas ela não os deixaria esquecer que eram crianças ainda.

- E algumas delas tinham sido magoadas.

Vê-las com Keeley, observá-la construindo algo com as próprias mãos em vez de passar os dias como uma garota rica comum, fazia Brian respeitá-la ainda mais. Embora toda a admiração não lhe servisse

exatamente como conforto.

Ele podia ouvir os gritos e, no meio deles, a voz calma e firme de Keeley ...uma bela visão e um belo som. Desceu então do caminhão e aproximou-se da cerca para observar mais de perto.

Entre as crianças havia uma profusão de sorrisos, piadas e comentários animados. Pelo que Brian podia ver, o humor de alguns mudava, em segundos, de gritos nervosos para uma alegria esfuziante. No meio de todo o burburinho, Keeley comandava serenamente o grupo, instruindo, encorajando e chamando cada criança pelo nome.

Os longos cabelos ruivos dela estavam mais uma vez amarrados num rabo-de-cavalo. A calça jeans que usava era desbotada, assim como o colete cheio de bolsos que vestia sobre uma blusa verde. Ela gostava de roupas coloridas. Com certeza, também devia estar usando um perfume maravilhoso. Era como se soubesse todos os truques que uma mulher pode utilizar para levar um homem à loucura.

Devia ficar longe dela. Deus sabia que ele precisava manter distância daquela tentação. Mas, no íntimo, Brian admitia que a chance disso acontecer era tão grande quanto a de um dos alunos dela ganhar o *derby* nacional montando um pangaré.

Keeley sabia que ele estava lá. Mesmo antes de vê-lo, seu sexto sentido comunicara a presença do homem. Porém não podia se dar ao luxo de ficar distraída, pois tinha a responsabilidade de zelar por seis crianças. De qualquer forma, não foi capaz de conter o ritmo disparado do coração quando finalmente o viu.

Começava a entender por que as mulheres, com tanta freqüência, faziam papel de tolas por causa de homens.

Quando ordenou à classe para que todos retornassem ao trote, houve alguns grunhidos desapontados. Ela comandou o grupo para que os alunos entrassem em formação, depois sincronizou a diminuição de velocidade até que todos parassem ao mesmo tempo. Brian esperou que a.manobra tivesse sido totalmente executada, e então aplaudiu.

- Muito bem executado - ele disse. - Se alguém estiver precisando de um emprego na fazenda, pode me procurar.

- Teremos uma apresentação hoje. Esse é o sr. Donnelly. Ele é o treinador chefe de Royal Meadows. Cuida pessoalmente dos cavalos de corrida.

- Isso é verdade, e sempre estou com os olhos abertos para ver se descubro um novo jóquei.

- Ele fala bonito - uma das meninas sussurrou para a amiguinha, mas os

ouvidos de Brian estavam atentos. Ele sorriu para a menina, que corou até ficar vermelha como um pimentão.

- Você acha mesmo?

- O sr. Donnelly veio da Irlanda - Keeley explicou.- "Incrível", ela pensou. O homem era capaz de fazer até meninas de dez anos suspirarem.

- A mãe da srta. Keeley é irlandesa. Ela também fala bonito.

Brian encarou o menino de quem lembrava chamar-se Willy, estudando-o.

- Ninguém fala tão bonito quanto os irlandeses, rapaz. Isso porque todos nós fomos beijados pelas fadas.

- Dizem que a gente ganha dinheiro da fada do dente quando perde um, mas eu nunca ganhei.

- Porque ela é só a sua mãe. - A menina atrás de Willy revirou os olhos. - Todos sabem que não existem fadas de verdade.

- Talvez elas não morem na América, mas temos um monte de onde eu vim. Vou fazer um desejo por você, Willy, da próxima vez que perder um dente.

O menino não conseguiu esconder sua surpresa.

- Como sabe meu nome?

- Uma fada deve ter me contado.

Keeley esforçou-se para não rir da expressão estupefata do garoto.

- Atenção, classe: desmontar. E, em seguida, dêem de beber às suas montarias.

Houve muito falatório e movimento. Enquanto desmontava, Willy continuou olhando fixamente para Brian. Era cauteloso demais para uma criança, este pensou. E aquilo apertou-lhe o coração.

O menino pareceu prender a respiração ao aproximar-se devagar.

- E... eu tenho um que está caindo... Um dente.

- É mesmo? - Incapaz de resistir, Brian inclinou-se sobre acerca. - Deixe-me dar uma olhada.

Prestativo, Willy empurrou com a língua um canino bambo.

- É mesmo. Acho que você vai cuspi-lo fora em um ou dois dias.

- Não se deve cuspir. - Willy lançou um olhar de relance para Brian, quando este começou a caminhar a seu lado.

- Quem disse?

- Mulheres. - Bobby se aproximou, encolhendo os ombros. - Elas também não gostam que a gente arrote.

- Mulheres podem ser um tanto complicadas quando se trata de certas coisas. Suponho que realmente seja melhor evitar cuspir ou arrotar na

frente delas.

- Também não devemos correr como um animal selvagem. - Olhando ao redor para ter certeza de que Keeley não estava por perto, Willy levantou a manga da camisa. - Isso foi o que consegui correndo na quadra da escola. Vai ficar marcado para *sempre*, e sangrou muito quando caí.

Compreendendo a própria posição, Brian retorceu os lábios e simulou uma expressão preocupada.

- Impressionante esse machucado...

- Eu tenho um pior no meu joelho. Você tem algum?

- Tenho um realmente feio. - Para brincar direito, Brian olhou ao redor primeiro, depois ergueu a camisa a fim de mostrar o hematoma já amarelado na linha das costelas.

- Uau! Isso deve ter doído muito. Você chorou?

- Eu não podia. A srta. Keeley estava vendo. Aí vem ela - ele emendou num sussurro conspirador, colocando a camisa novamente para dentro da calça e começando a assoviar uma melodia.

- Willy, você precisa tratar de Teddy.

- Sim, senhora. Sonhei com Teddy na noite passada.

- Vai me contar o sonho todo quando o estivermos escovando, tudo bem?

- Certo. Tchau, senhor.

- É um excelente garoto - Brian murmurou observando Willy se afastar levando Teddy para o estábulo.

- Sim, ele é. Sobre o que conversavam?

- Assunto de homem. - Brian apressou-se em enfiar as mãos nos bolsos. - Posso ir ver uma nova cria lá embaixo ou ajudá-la a escovar os animais.

- Obrigada, mas não vai ser necessário.

- Basta ligar para o estábulo veterinário, se mudar de idéia. - Ele precisava ir, ambos tinham muito trabalho a fazer. Mas era tão bom ficar parado ali, sentindo o perfume dela... Hoje o aroma era discreto e agradável. - Eles melhoraram muito no galope.

- Ficarão ainda melhores em poucas semanas. - Era hora de colocar os cavalos para dentro e iniciar a escovação deles. Mas ficar mais um minuto ali não ia doer, ia? - Ouvi dizer que você ganhou no pôquer ontem à noite.

- Fiquei cerca de cinqüenta dólares mais rico. Seu primo Burke também ganhou, ele parece bem esperto com as cartas.

- E meu pai?

Um sorriso curvou os lábios de Brian.

- Na verdade, foi dele que ganhei o dinheiro. Eu disse a Travis que é

melhor que continue a cuidar dos cavalos.

Keeley arqueou as sobrancelhas.

- E o que ele respondeu?

- Algo que não posso repetir na presença de uma dama.

Ela riu.

- Foi o que pensei. Preciso colocar os cavalos dentro das baias. Os pais das crianças vão chegar logo.

- Eles não vêm assistir?

- Às vezes. Na verdade, pedi que nos dessem algumas semanas para que as crianças não ficassem distraídas ou tentadas a se mostrar. Você foi uma boa platéia teste.

- Keeley. - Brian tocou-a no braço quando ela se virou para ir embora. - O menino, Willy, vai perder um dente em dois dias. Seria ótimo se alguém se lembrasse de colocar uma moeda embaixo do travesseiro dele.

O coração de Keeley, que havia disparado com o toque de Brian, aquietou-se. Derreteu-se.

- Ele está com uma ótima família adotiva agora. Pessoas muito boas e carinhosas. Eles jamais vão esquecer.

- Então está tudo bem.

- Brian. - Dessa vez foi a mão dela que o segurou pelo braço. A despeito dos olhares curiosos das crianças, Keeley ergueu a cabeça e beijou-o no rosto.

- Tenho um fraco por homens que acreditam em fadas - murmurou, e em seguida foi ajudar os alunos com os cavalos.

"Realmente tenho um fraco por homens de sorriso terno e bom coração", Keeley pensou. Abriu as portas do terraço em seu quarto e saiu para respirar o ar noturno. Lá fora, fazia frio, e o céu estava tão límpido que as estrelas pareciam brilhar mais do que o normal. Podia sentir o aroma das flores, dominado pelo perfume das últimas rosas da estação.

A brisa fazia as folhas das árvores sussurrarem.

A lua crescente era de um dourado pálido, espargindo uma luminosidade leitosa que emprestava uma aparência quase sobrenatural aos jardins logo abaixo e aos campos na linha do horizonte. Parecia que, se ela colocasse as mãos em concha, poderia armazenar aquela luminosidade entre os dedos e bebê-la como um vinho divino.

Como alguém podia dormir numa noite perfeita como aquela?

Virou-se lentamente e olhou na direção da casa da garagem, os aposentos de Brian. As luzes estavam acesas. Ela engoliu em seco.

Minutos antes tinha dito a si mesma que, se as luzes estivessem apagadas, iria entrar e tentar dormir de novo. Mas lá estavam elas, como um farol na escuridão prontas para guiá-la.

Fechou os olhos e sentiu um arrepio de antecipação e nervosismo. Preparara-se para dar aquele passo, enfrentar uma mudança radical na vida e no próprio corpo. Não se tratava de impulso, nem de imprudência. Mas Keeley se sentia impulsiva e imprudente.

Era uma mulher adulta, e a decisão era toda sua.

Voltou ao quarto e fechou a porta.

Brian fechou o livro de registros do haras e esfrego os olhos cansados com as costas das mãos. Como Paddy, não costumava confiar no computador, mas estava procurando se adaptar à máquina. Três vezes por semana passava uma hora tentando usá-la, na esperança de poder gerar seus relatórios.

Diziam que o computador era ótimo para fazer gráficos, mas ele ainda olhava para ele com suspeita. Era eficiente e capaz de poupar tempo, a julgar pelo que haviam lhe dito. Bem, naquela noite estava cansado demais para passar uma hora tentando ser eficiente.

Não tivera uma noite de sono decente por toda a semana. O que não tinha nada a ver com o trabalho, Brian admitiu. E tudo a ver com a filha do chefe.

Era bom saber que logo precisaria viajar para Saratoga, concluiu ao empilhar a papelada sobre a escrivaninha e se levantar. Um pouco de distância era tudo do que precisava. Não gostava nem um pouco daquelas sensações incômodas e da preocupação que lhe apertava o coração.

Ele não era o tipo que se preocupasse por causa de uma mulher, pensou. Gostava delas, claro, e gostava quando elas se sentiam atraídas por ele, e então cada um ia para o seu lado sem arrependimentos.

Mudar de cidade sempre acabava sendo um bom plano.

Nova York, ele lembrou, estava a uma boa distância. Longe o bastante. Mas por aquela noite bastava acrescentar um pouco de uísque ao chá para acalmar os nervos. E com alguma sorte, se a bebida fizesse efeito, conseguiria colocar a cabeça no travesseiro e ter uma boa noite de sono.

Sem pensar mais nenhuma vez em Keeley Grant...

Quando ouviu abatida na porta, Brian praguejou em voz baixa. Seu primeiro pensamento foi a égua que estava com bronquite. Talvez um dos cavalariços tivesse vindo avisar que ela piorara. Ainda estava procurando as botas que acabara de descalçar, quando gritou:

-Pode entrar, a porta está aberta. É Lucy?

- Não, é Keeley. - Com uma expressão tensa, ela ficou parada, recostada no batente da porta. - Mas se está esperando a tal Lucy, posso ir embora.

As botas caíram das mãos dele, estatelando-se no chão.

- Lucy é uma égua. -conseguiu dizer. - E ela não bate com freqüência na minha porta.

- Ah... aquela que está com bronquite. Pensei que já tinha melhorado.

- Está melhor. Consideravelmente. - Os cabelos de Keeley estavam soltos. Por que fazia aquilo com ele? Brian cerrou os punhos com tanta força aponto de sentir dor nos nós dos dedos.

- Que bom. - Ela entrou e fechou a porta. Como se ainda não estivesse satisfeita, trancou-a. Ao notar a tensão na mandíbula de Brian, ficou incrivelmente satisfeita.

- Keeley, foi um dia muito longo. Eu já estava prestes a...

- Tomar uma bebida - ela completou. Seus olhos desviaram-se por um momento para o bule de chá e a garrafa de uísque no balcão da cozinha. - Eu mesma não me incomodaria em tomar algo. - Dizendo isso, Keeley caminhou resoluta até o armário com porta de vidro onde os copos eram guardados.

Estava usando um perfume diferente. Um aroma cheio de frescor, que só servia para atormentar Brian ainda mais. Ele tinha certeza de que fizera isso de propósito, com o intuito de lhe despertar a libido. E não podia negar que a estratégia havia dado certo.

- Eu não estava preparado para ter companhia...

- Não acho que pode me qualificar como companhia. - Com ar despreocupado, Keeley serviu dois copos longos de uísque com chá. - E, certamente, não poderá, depois que nos tornarmos amantes.

A frase produziu nele o mesmo efeito de uma explosão atômica.

- Não somos amantes!

- Isso está prestes a mudar. - Depois de colocar os dois copos numa bandeja, ela se virou. - Gosta do seu chá com muito ou pouco uísque? Esqueci de perguntar.

- Gosto dele forte, mas posso me servir sozinho. Acho que você deve voltar para a sua casa agora.

- Também gosto forte. - Surpreendentemente, Keeley pensou, não se sentia nervosa, apesar de tudo. - Que sorte, foi assim que eu preparei... Ah, e quanto a voltar para casa, creio que ainda é cedo.

- Não é assim que isso funciona. - Brian murmurou mais para si mesmo do que para ela. - É uma inconseqüência, uma loucura. Nunca imaginaria

que era possível... Ei, apenas fique quieta e deixe-me pensar por um segundo.

Mas ela já estava ao lado de Brian, sorrindo, e depositou um dos copos sobre a escrivaninha.

- Se prefere me seduzir, tomar a iniciativa, vá em frente.

- Isso é exatamente o que não vou fazer. - Embora estivesse frio e as janelas do quarto se encontrassem abertas, Brian sentia a pele queimar. - Se eu soubesse que as coisas iriam tomar esse rumo, jamais teria começado isso.

Aqueles lábios, Keeley pensou. Precisava sentir o gosto deles outra vez.

- Agora que ambos sabemos como são as coisas, tenho a intenção de ir até o fim. É a minha escolha.

O sangue dele parecia queimar nas veias. Era realmente doloroso.

- Você não sabe de nada. Esse é o verdadeiro problema.

- Tem medo só porque sou inexperiente?

- Pode ter certeza.

- Mas isso não o impede de me desejar. Coloque as mãos em mim, Brian. - Ela segurou-o pelo pulso, levando a mão dele até seus seios. - Quero sentir suas mãos em mim.

- Isso é um erro.

- Eu não penso assim. Toque-me.

A mão de Brian fechou-se sobre o seio perfeito. Keeley era toda delicada, feminina, e por algum milagre momentâneo, era sua.

- Droga... Não importa se é ou não um erro - ele disse, desistindo completamente de resistir.

- Não vamos deixar que seja. - Ela fechou os olhos quando os dedos de Brian começaram a se mover.

- Não importa. Mas prometo que vou ser cuidadoso.

Os olhos de Keeley estavam brilhando. Seus braços o envolveram e, logo depois, ela ergueu as mãos, acariciando os cabelos já desalinhados de Brian.

- Não cuidadoso demais, espero.

Quando ele se levantou da cadeira e a ergueu nos braços, Keeley deixou escapar um suspiro de satisfação.

- Oh, eu esperava que fizesse isso... - Excitada, beijou-o com avidez na lateral do pescoço. – Realmente esperava que fizesse isso.

Brian mergulhou a cabeça nos cabelos dela, sentindo um perfume que lhe obscureceu os sentidos.

- Só você pode me dizer do que gosta.

Deixando a cabeça cair para trás, ela encarou-o com um olhar cheio de

paixão.

- Mostre-me o que eu gosto.

Com o luar e a brisa fresca entrando pelas janelas abertas, ele colocou-a na cama. Na primeira vez que a beijara também era uma noite de luar, muito parecida com essa. Nunca esqueceu aquele momento, nem dela.

Poucos momentos em sua vida realmente importavam e haviam ficado em seu coração e em sua memória. Keeley era um desses presentes divinos com que o céu às vezes premiava os pobres mortais. Brian tinha certeza de que seria inesquecível.

- Isso - ele murmurou, roçando os lábios nos dela até que estes se abrissem convidativos, cheios de expectativa.

Keeley entregou-se, querendo ser tocada, experimentada... tomada. Mesmo sentindo a ânsia dela, Brian continuou agindo devagar, pacientemente, conduzindo-a em meio a um turbilhão de deliciosas sensações.

Ele a acariciou com dedos leves como o ar e explorou lugares cada vez mais secretos no corpo de Keeley, apresentando-a a um universo de prazeres desconhecidos. Seus lábios viajaram sem pressa sobre sua pele sedosa, e então voltaram a encontrar os dela em uma série de beijos ardentes, incendiários.

Instintiva e avidamente, Keeley arqueou o corpo contra o dele.

Brian estava murmurando palavras apaixonadas no velho idioma gaélico, e cada frase produzia nela o efeito de um beijo na própria alma. O coração de Keeley flutuava. Pela primeira vez na vida, sentia as próprias asas e estava pronta para voar.

Não houve nervosismo, nenhuma dúvida, quando se entregou, enrodilhando o corpo ao redor do dele. E no momento em que Brian a despiu da blusa, com a brisa e os dedos dele tocando sua pele trêmula, sentiu-se linda.

Sua pele era sedosa, os cabelos ruivos brilhavam como fogo. Cada tremor era um presente, e cada suspiro, um tesouro. Em toda a vida, Brian jamais assistira a nenhuma cena tão adorável quanto Keeley descobrindo a si mesma. E ele, por sua vez, nunca imaginara o grau de excitação provocado pelo simples pensamento de ser o primeiro amante de uma mulher tão maravilhosa.

Tantas sensações, fantásticas e desconhecidas, era nisso que ela pensava. Seu corpo era dominado por forças inexplicáveis. Podia ouvir os próprios gemidos, a respiração entrecortada, mas não conseguia controlar nada. Perder o controle de si mesma era realmente avassalador.

- Entregue-se a mim - Brian sussurrou, à beiral do abismo emocional ao notar os olhos de Keeley fixos nos seus. - Seja minha.

Sem desviar o olhar, ela enlaçou-o num abraço e puxou-o para mais perto. :

Era como ficar suspensa no ar, cada movimento um novo bater de asas. O prazer levando-a a alturas cada, vez maiores, obscurecendo-lhe a mente por inteiro. Tudo o que conseguia ver eram os olhos dele, verdes e brilhantes, fixos nos seus. O corpo de Brian estava em completa sintonia com o de Keeley.

Enlevada pela beleza do momento, ela ergueu a mão para acariciá-lo no rosto e murmurou seu nome.

E então Brian ficou totalmente perdido. Amor e paixão, sonhos e desejo debatiam-se em seu coração. Indefeso, deixou o rosto mergulhar mais uma vez nos cabelos de fogo e entregou-se também.

Com os olhos fechados, Keeley absorveu as delícias de ser uma mulher bem-amada. Seu corpo era dominado por uma sensação gloriosa, sua mente ainda estava entorpecida. Não havia nenhum motivo para se preocupar em saber se tinha proporcionado o mesmo prazer para Brian. Vira no rosto dele e sentido o coração disparado quando repousara a cabeça contra o peito másculo, depois de fazerem amor.

Havia uma mudança interna nela. Uma nova consciência. E uma inequívoca sensação de triunfo.

Sorrindo para si mesma, acariciou-o nas costas com o dedo indicador.

- Como estão as costelas?

- O quê?

Não era maravilhoso vê-lo exausto, falando com um fio de voz, como nesse instante?

- Suas costelas. Ainda há um hematoma horrível aqui.

- Não consigo sentir nada. - A cabeça dele ainda rodava. - Que perfume é esse que você está usando?

Foi um golpe baixo...

- Apenas mais um dos meus segredos.

Brian ergueu a cabeça, começando a sorrir para ela, e voltou a ficar impressionado. A visão de Keeley, o amor que sentia por ela. Num impulso, apoiou-se no cotovelo e aproximou-se, beijando-a sem pressa e com muito carinho.

- Brian...

De imediato, ele ergueu o corpo, nitidamente preocupado.

- Estou machucando você? - murmurou, ansioso. - Você está bem?

- Sinto-me fabulosa, obrigada. - Rindo, ela sentou-se. Em seguida, tomou o rosto dele nas mãos e retribuiu o beijo. - E você, está bem? - indagou, imitando o tom de voz de Brian de forma bem-humorada.

- Claro que sim, mas tenho um pouco mais de prática, você sabe.

- Aposto que sim. Mas não vamos falar sobre as suas conquistas do passado. Eu odiaria ser forçada a lhe dar um soco no nariz quando me sinto tão amistosa.

- Eu não as chamaria de conquistas, para ser franco. Mas vamos deixar isso de lado.

- Sábia decisão.

- Deixe-me fechar as janelas. Sua pele está arrepiada por causa do frio.

- Você tem um robe?

- Não - ele murmurou, destravando as folhas da janela para fechá-la.

- Deixe para lá. - Keeley notou que uma das camisas de trabalho de Brian estava jogada sobre uma cadeira próxima à cama. Pegou-a e, embora tivesse cheiro de cavalo, vestiu-a. - Eu diria que aquele chá está forte o bastante, embora já esteja frio. Quer assim mesmo?

Ela parecia... interessante vestindo aquela camisa, ele pensou. Interessante o suficiente para provocá-lo novamente.

- Quais são as minhas opções?

- Pelo meu planejamento, tomamos o chá, conversamos um pouco, e então você me seduz e vamos outra vez para a cama fazer amor antes que eu volte para casa.

- Seu plano até que não é ruim, mas acredito que possa ser melhorado.

- Oh, é mesmo? E o que você tem em mente?

- Simplesmente cortamos o chá e a conversa.

Keeley passou a língua sobre o lábio superior... o gosto de Brian ainda se encontrava ali... e observou-o aproximar-se.

- Isso nos leva direto à sedução, certo?

- Esse é meu plano.

- Posso ser flexível.

O sorriso dele ampliou-se.

- Isso é muito, muito bom mesmo.

E, assim, os dois nem sequer se aproximaram do chá.

Quando Keeley finalmente partiu, Brian ficou à porta vendo-a afastar-se na direção da casa principal pela trilha que passava bem no meio do jardim.

"Seu maldito idiota romântico", disse a si mesmo. Não pode mantê-la.

Nunca conseguiu manter nada na vida que não pudesse ser colocado dentro de uma mochila na hora de partir .

Era uma infelicidade o fato de haver se apaixonado de verdade. Com certeza, acabaria sofrendo, sobretudo quando Keeley se desse conta da situação real de ambos e o deixasse. Conseguiria superar, claro. Sentiu um aperto no coração, mas não era tolo o bastante para acreditar que aquilo fosse durar.

Então era melhor aproveitar o momento, concluiu, virando-se e fechando a porta quando Keeley desapareceu envolta pela penumbra das folhagens do jardim.

Ao deitar-se na cama, sentiu o perfume dela no travesseiro. Pela primeira vez na semana dormiu profundamente e teve sonhos muito doces.

CAPÍTULO VIII

Keeley sentia saudade de Brian. Era uma coisa muito estranha pegar-se pensando nele o dia todo, imaginando uma dezena de coisas que queria lhe dizer ou mostrar quando voltasse da viagem para Saratoga.

E não era a única pessoa que sentia a falta de Brian.

Durante a aula seguinte, Willy perguntou se o sr. Donnelly iria aparecer, para que pudesse mostrar o buraco de onde acabara de cair o dente. Ele também conquistara o coração daquele menino, e fizera isso bem rápido.

Não que ela não tivesse muito o que fazer para manter a mente ocupada. Nos dias anteriores tinha trabalhado duro, lutando contra a burocracia do serviço social, e conseguira ajeitar as contas da academia para abrir uma nova classe só para crianças carentes. E ainda desejava subsidiar mais três novos alunos.

Havia feito reuniões com a psicóloga, com a agente do serviço social, com os pais e as crianças. Preencher toda a papelada em tão pouco tempo fora um trabalho insano, Keeley admitia. Mas, felizmente, tudo acabara dando certo.

Um tanto encabulada, estava naquele momento lendo a matéria publicada na *Washingtonian Magazine*. Sabia que a publicidade a ajudaria a conseguir mais alunos ricos para a academia, auxiliando-a a subsidiar um número cada vez maior de estudantes sem recursos. As fotografias tinham ficado muito bonitas, e o texto se apoiava basicamente na história dela, sua medalha olímpica e, sobretudo, sua posição social.

Nenhum problema quanto a isso, Keeley concluiu, ainda mais porque a academia tinha sido mencionada numerosas vezes na matéria.

Ela olhou para o telefone e deixou escapar um suspiro quando o aparelho tocou. Os telefonemas não paravam desde a publicação da reportagem. Já estava passando da hora em que deveria dar um pouco de folga a si mesma, contratando uma pessoa para auxiliá-la.

Mas, por enquanto, a escola dependia inteiramente dela.

- Academia de Equitação Royal Meadows, bom dia. - Seu tom frio e profissional mudou completamente quando reconheceu a voz da prima Maureen.

Quinze minutos depois as duas estavam combinando de sair para jantar e ir às corridas naquela noite. Keeley tinha dito não... ou pelo menos tentado dizer não cinco ou seis vezes. Mas ninguém conseguia demover Maureen com facilidade. Ela simplesmente não aceitava um não como

resposta.

Keeley estava olhando para a pilha de papéis diante de si quando o telefone tocou de novo.

"Faça apenas uma coisa de cada vez", ela advertiu-se. Só assim conseguiria dar conta de tudo.

Já estava na metade do trabalho quando Travis apareceu.

Ele parou à porta, erguendo a mão direita.

- Espere, não me diga... Eu conheço você! O rosto é bem familiar. - Enquanto ele estreitava os olhos. Keeley revirava os dela. - Tenho certeza de que já a vi antes em algum lugar. Tibet? Mazetlan? À mesa de um jantar um ou dois anos atrás?

- Não faz mais que uma semana, pai. - Ela levantou-se para beijá-lo no rosto quando ele se aproximou da escrivaninha. - Mas também senti a sua falta. Tenho estado bastante ocupada por aqui.

- Ouvi dizer. – Ele folheou a revista até a página onde se encontrava a matéria sobre a academia. -Linda moça. Aposto que os pais dela devem estar muito orgulhosos.

- Espero que sim. - O telefone tocou pela milésima vez, deixando-a exasperada. Keeley passou os dedos nervosamente entre os cabelos. - Vou deixar a secretária eletrônica atender. Está tocando sem parar desde domingo. Metade dos pais que ligaram nem sequer perguntou aos filhos se eles realmente querem aprender a montar. - Ela foi até o pequeno refrigerador e apanhou duas latas de refrigerante. - Muito obrigada.

- Por quê? - Travis aceitou prontamente a bebida oferecida.

- Por estar sempre por perto.

- Não há de quê. Ouvi dizer que vou acompanhar duas lindas jovens a um jantar hoje à noite.

- Maureen pegou você também?

Ele riu, ao mesmo tempo que abria a lata de refrigerante.

- Não temos um encontro com alguém da família há muito tempo - murmurou. - Por quê? Já não me ama mais?

- Ela sempre consegue convencer qualquer um. - Keeley abaixou o olhar para a ponta das velhas botas que usava. - E então... teve notícias de Brendon?

- Ontem a noite. Eles devem estar de volta ainda hoje, no final da tarde, eu acho.

- Que bom. - Aquilo a fez lembrar que Brian podia ter ligado para ela pelo menos uma vez. Mandado um telegrama, até um maldito sinal de fumaça teria servido...

- Imagino que Brian está ansioso para voltar para cá.

A cabeça dela ergueu-se sem querer.

- É mesmo?

- Betty está fazendo progressos... assim como a maioria dos animais jovens. Ela anda se saindo particularmente bem nos circuitos ovais. Já está pronta para que Brian trabalhe nela em tempo integral.

- Assisti a um dos treinamentos matinais dela na semana passada. Parece estar mais forte.

- Trabalhamos muito bem na Royal Meadows. - Havia algo melancólico no tom de voz de Travis que fez Keeley arquear as sobrancelhas.

- Qual é o problema?

- Nada. - Ele encolheu os ombros e levantou-se da cadeira onde se sentara momentos antes. Parecia um tanto nervoso. - Acho que estou ficando velho, só isso.

- Não seja ridículo.

- Ontem mesmo estava carregando você nos ombros... - ele murmurou. - A casa era sempre barulhenta. Passos subindo e descendo as escadas, portas batendo. Nem sei quantas vezes acabei pisando num daqueles malditos carrinhos de brinquedo que Brady vivia esquecendo pela casa toda. - Ele se virou e passou os dedos entre os cabelos grisalhos. -Sinto falta daquilo. Sinto falta de todos vocês.

- Pai... - Num gesto intuitivo, Keeley contornou a mesa e foi abraçá-lo.

- Creio que é assim mesmo que as coisas funcionam... Três de vocês estão na faculdade, Brendon viajava sem parar para cuidar dos negócios. É o que ele quer. E você, construindo sua própria academia. Mas... sinto falta da bagunça.

- Prometo que vou bater a porta na primeira chance que tiver.

- Isso pode ajudar.

- E um sentimental, Travis Grant. Acho que é por isso que eu o amo tanto.

- Sorte minha. - Ele apertou-a junto ao peito por um momento, até que o telefone voltou a tocar: - Na verdade, não passei por aqui por motivos sentimentais, mas para lhe dar um pequeno conselho sobre negócios. - Ao dizer isso, deu um passo para trás. - Você precisa de mais alguém por aqui.

- Estava pensando sobre isso. Verdade – Keeley emendou ao notar que o pai franzia as sobrancelhas. - Logo que eu terminar com essa papelada, vou cuidar do assunto.

- Lembro-me de que a ouvi dizer a mesma coisa seis meses atrás.

- É que ainda não era a hora certa. Eu tinha tudo sob controle. -

Enquanto falava, ela bufou de irritação porque o telefone recomeçou a tocar.

- Filha, ter ajuda não significa que você não vai estar no controle. A escola continuará sendo sua.

- Eu sei, mas... não é a mesma coisa.

- Estou aqui para lhe dizer que nada permanece igual para sempre. A fazenda não era assim quando a herdei, nem será igual quando eu a passar para você e seus irmãos. Trabalhei duro e coloquei minha marca nela, isso ninguém poderá mudar.

- Acho que não vai desistir, não é?

- Já provou do que é capaz, querida. Não precisa se matar para impressionar ninguém.

- Você tem razão, mas não é fácil encontrar a pessoa certa. Tem de ser alguém que seja ao mesmo tempo bom com crianças e cavalos, que entenda de equitação e ainda possa me ajudar com detalhes administrativos quando for necessário. Deve ser confiável, para que eu possa delegar responsabilidades. E diplomático com os pais, o que é aparte mais complicada.

Travis sorveu um longo gole do refrigerante.

- Eu posso ajudá-la a encontrar essa pessoa.

- Oh... Escute, pai, eu aprecio a sua preocupação, mas o filho de um amigo ou mesmo de um parente... Esse tipo de coisa é delicada e em geral não funciona.

- Na verdade, estava pensando numa pessoa bem mais próxima. Sua mãe.

- Mamãe? - Soltando uma risada, Keeley voltou a se sentar. - Ela não ia querer essa dor de cabeça mesmo que tivesse tempo para isso.

- Não custa fazer um esforço. - Travis terminou de beber com satisfação. - Apenas mencione o assunto diante dela... casualmente, claro. Não direi uma palavra sequer sobre isso.

Quando as aulas terminaram, com o último cavalo escovado e alimentado, Keeley caminhou para a casa principal. Não queria nada além de um bom banho e uma noite de descanso. Mas, se fizesse isso, sua prima Maureen a atormentaria por semanas. Bem, era melhor enfrentar aquele jantar para não se arrepender depois.

Ela entrou pela cozinha, passando em seguida pelo hall. Seu pai estava certo, como era possível se acostumar a tanto silêncio? Por um momento ficou ali, parada, recordando com nostalgia os momentos felizes que a

família tinha experimentado naquela casa.

Subiu as escadas e voltou a parar ao chegar ao corredor, olhando para a direita. Era o quarto de Brady e Patrick. Ela ainda se lembrava do dia em que, depois de uma briga entre os dois, Brady tinha dividido o ambiente em duas partes, colando uma fita adesiva do chão até o teto, nas paredes. Depois disso, o irmão colocara uma placa do lado dele que dizia "Território de Brady", e outra no lado oposto com os dizeres "Terra de Ninguém".

E quantas vezes ouvira Brandon esmurrar a parede do quarto contíguo, gritando para que os irmãos se calassem?

Quando passou pelo quarto de Sarah, viu a mãe sentada na cama acariciando um suéter vermelho.

- Mãe?

- Oh! - Adélia ergueu a cabeça. Parecia um pouco confusa, mas então balançou a cabeça e sorriu. – Você me assustou. Esta casa anda muito silenciosa nos últimos tempos.

Keeley entrou. O quarto tinha as paredes pintadas num azul suave. As cortinas esvoaçavam com o vento que entrava pelas janelas abertas. Era um ambiente bem agradável, muito bem decorado pela irmã.

- Você e papai se comunicam por telepatia? - Mantendo a voz suave, Keeley sentou-se na cama. – Ele estava triste hoje pela manhã, e exatamente pelo mesmo motivo.

- Suponho que depois de todos esses anos juntos, somos capazes de captar as mesmas vibrações... ou algo do gênero. Sarah ligou minutos atrás. Parece que está precisando desesperadamente deste suéter em especial, que acabou esquecendo de levar com ela. Anda muito ocupada, porém me pareceu feliz e bem mais madura.

- Todos estarão de volta no mês que vem para o Dia de Ação de Graças, e, logo depois, para o Natal.

- Eu sei. Mesmo assim, se fosse possível, eu iria entregá-lo pessoalmente para ela em vez de enviá-lo pelo correio. Nossa! - Adélia olhou espantada para o relógio de pulso. - Acabei me esquecendo do horário. Ainda tenho que tomar banho e me vestir para o jantar. E você também.

- Sim. - Keeley umedeceu os lábios, pensativa, enquanto a mãe dobrava o suéter e se levantava. - Estou atrasada hoje - ela começou. - Na verdade, nos últimos tempos parece que estou sempre atrasada.

- É isso o que acontece com pessoas bem-sucedidas.

- Creio que sim. E a nova classe vai sugar meu tempo e energia ainda mais.

- Sabe que eu posso ajudá-la sempre que for necessário, e seu pai

também. - Adélia saiu, acompanhada pela filha, e caminhou para seu próprio quarto carregando o suéter de Sarah.

- Sim, obrigada, mãe. Acho que vou ter que considerar seriamente algo mais formal e permanente. Embora não goste disso... Quero dizer, contratar um estranho é algo difícil para mim. Mas...

A palavra ficou suspensa no ar. Keeley surpreendeu-se com o fato de a mãe permanecer em silêncio, o que não era comum.

- Sei que é uma tolice... Mas você não estaria interessada em trabalhar meio período na escola?

Adélia ergueu a cabeça, encarando a filha através do reflexo no espelho.

- Está me oferecendo um emprego?

- Sei que parece muito estranho quando colocado nesses termos, mas, sim, estou. Porém não quero que se sinta obrigada. Só aceite se achar que dispõe de tempo, se realmente desejar fazer isso.

Um sorriso amplo curvou os lábios de Adélia.

- Por que diabos demorou tanto para me dizer? Vou começar amanhã mesmo.

- Verdade? Você realmente quer?

- Estive *morrendo* de vontade de me oferecer a você. Precisei me esforçar muito, dia após dia, para não descer até lá e parecer intrometida. Uau, isso é tão excitante! - Ela se levantou e foi até Keeley para abraçá-la. - Mal posso esperar para contar a seu pai.

Mantendo os braços ao redor da filha, num abraço apertado, Adélia ensaiou uma frenética dança da vitória.

- Sou uma cavalariça outra vez!

- Se soubesse que você estava disponível, Dee, e procurando emprego, eu a teria contratado. – Burke Logan ajeitou-se na cadeira e piscou para a prima da esposa. A mesa das duas famílias era das mais animadas no restaurante do hipódromo.

- Nós gostamos de manter o melhor pessoal em Royal Meadows. - Adélia sorriu para o cunhado, que se encontrava do outro lado da mesa. Era um homem tão bonito e agradável quanto quando o conhecera, vinte anos antes.

- Oh, eu não sei, não. - Burke descansou a mão no ombro da esposa. - Nós temos a melhor contadora da região na Three Aces.

- Nesse caso, quero um aumento. - Erin ergueu a taça de vinho e encarou Burke com um olhar de desafio. - E um bem grande... - Uma irlandesa típica, ela virou-se para o filho para repreendê-lo, mas sempre

com um sorriso nos lábios. - Trevor? Você pretende comer essa costela, ou vai deixá-la no prato como decoração?

- Estou lendo a sessão de turfe, mãe.

- É mesmo filho de seu pai - Erin resmungou, arrancando a folha de jornal das mãos dele. – Coma seu jantar.

O rapaz de vinte e um anos deixou escapar um suspiro profundo.

- Acho que Topeka no terceiro, com Lonesome no quinto e Hennessy no sexto, será uma boa aposta para a trifeta. Papai disse que Topeka lhe dá sorte, e essa é uma dica quente.

Notando o olhar fuzilante da esposa, Burke engoliu em seco. - Coloque aquela costela na boca, Trev. Onde está Jena?

- Arrumando o cabelo - Maureen anunciou, servindo-se de mais batatas fritas. - Como sempre - emendou num tom de censura que só uma irmã mais velha podia usar. - No momento em que completou catorze anos, ela decidiu que o cabelo era o drama de sua existência. Bah. Como se ter brilhantes cabelos longos, lisos e negros fosse um problema. Isto... - Ela pegou um cacho entre o confuso emaranhado dos próprios cabelos ruivos - ...sim é um problema. Não sei como alguém pode se preocupar com algo tão estúpido quanto os cabelos. De qualquer forma, vocês precisam ver o potro desmamado em que estou de olho. Ele vai ser fantástico. E se papai me deixar treina-lo, eu...

Maureen se calou, olhando de relance para o pai.

- Nessa altura do ano que vem você vai estar na faculdade - Burke lembrou-a.

- Não se eu puder evitar - ela murmurou em voz baixa.

Ao perceber o perigo de um motim, Erin preferiu mudar de assunto.

- Keeley, Burke me disse que seu novo treinador é excelente com os cavalos, além de se dar bem com Travis e jogar pôquer como ninguém.

- E eu também ouvi dizer que ele é um pedaço de homem - Maureen observou.

- Onde foi que ouviu isso? - Keeley perguntou sem pensar, sentindo um enorme desejo de engolir a própria língua um segundo depois.

- Oh, os rumores correm rápido neste nosso pequeno mundo, você sabe - a prima replicou com um sorriso malicioso. - E Shelley Mason... é uma de suas crianças, não? A irmã dela, Lorna, está na minha classe de história... uma aula *muito* chata, por falar nisso. De qualquer maneira, Lorna foi pegar a irmã depois da aula, na semana passada, e acabou trombando com o irlandês bonitão. Foi assim que fiquei sabendo. É por isso que estou planejando aparecer em Royal Meadows qualquer dia desses, para conferir

por mim mesma.

- Trevor, dê a costela para sua irmã. Quem sabe assim ela acaba se calando.

- Pai! -Rindo, Maureen apanhou outra batata. - Só vou para olhar, nada mais. E então, Keeley, ele é mesmo bonito? Respeito sua opinião mais do que a de Lorna Mason.

- É velho demais para você - Keeley disse, talvez um pouco ríspida demais, o que fez Maureen revirar os olhos.

- Ora essa. Não estou querendo casar e ter filhos com ele.

A risada de Travis impediu que Keeley replicasse dizendo alguma tolice.

- Essa é boa. Agora que encontrei alguém capaz de substituir Paddy à altura, não pretendo perdê-lo para a Three Aces.

- Certo. - Maureen lambeu o saldo dedo indicador. - Então prometo que só vou comê-lo com os olhos.

Irritada, e sentindo-se ridícula por sua reação, Keeley empurrou a cadeira para trás.

- Acho que vou descer e dar uma olhada em Lonesome. Ele sempre fica um pouco emburrado antes de uma corrida.

- Legal. - Maureen levantou-se também. – Vou com você. Também quero ver como está o nosso. Ela saiu tão rápido da mesa que foi impossível para Keeley achar um meio de detê-la. - Vai ser divertido para você ter sua mãe trabalhando na escola. Não existe nada como trabalhar em família, você sabe. Isso é tudo o que desejo para mim. Quero dizer, vamos lá, não é preciso ir para a faculdade para me tornar uma treinadora. Se já sei o que quero fazer, e aprendo sobre o assunto diariamente em minha própria casa, o que uma faculdade pode fazer para me ajudar?

- Expandir seus horizontes? - Keeley sugeriu.

Ignorando o comentário, Maureen apressou-se em sair pela porta do restaurante. Lá fora estava frio, e um vento cortante soprava vindo das pradarias.

- Conheço cavalos, Keeley. Você sabe como é. Para se trabalhar com eles, só é preciso ter um bom instinto e experiência. - A moça fazia gestos amplos com as mãos. - Bem, ainda tenho bastante tempo para infernizar meus pais até que aceitem a idéia.

- Ninguém faz isso melhor.

Com uma risada, Maureen passou o braço pelo ombro da prima.

-Estou feliz por vê-Ia. O verão passou voando, você sabe, e todos nós estávamos trabalhando como loucos.

- Eu sei.

Desceram pela trilha curva que levava aos estábulos. Alguns cavalos estavam sendo preparados para a próxima corrida. Os cavalariços cuidavam de cada animal com todo o carinho, escovando-os e alimentando-os com rações energéticas especiais. Antes de certas corridas, porém, alguns campeões preferiam ficar ao ar livre, desfrutando a liberdade de correr pelas pradarias verdes como um estímulo para competir por um prêmio maior.

- Ora essa, veja só quem eu encontro aqui. - Brendon apareceu contornando a curva que vinha do estábulo principal.

- Você voltou!

- Acabei de chegar. - Ele se aproximou das duas e acariciou os cabelos de Maureen.

-Conversei com mamãe duas horas atrás, quando ainda estava na estrada, e ela disse que vocês viriam para cá hoje. Por isso viemos direto.

- Nós?

- Sim. Brian está cuidando de Lonesome... e tendo uma daquelas conversas que ele costuma dedicar aos nossos campeões. Esse é um cavalo danado de bom. Acredito que na próxima corrida não vai nos decepcionar. Bem, que tal eu acompanhar vocês? Acho que Brian pode tirar Zeus do trailer e o colocar na baia.

- Me parece um plano. - Keeley ficou feliz ao notar que conseguia controlar a voz, muito embora sentisse o coração galopando. - Na verdade, eu estava indo até o pasto para ver se Lonesome estava lá, mas acho que vou ter que ir para o estábulo em vez disso. Quero ver como o nosso cavalo está.

- Ele é todo seu... e de Brian, claro. Então vou subir para jantar. Vejo vocês na pista. Até mais.

- Agora você vai poder me apresentar para o bonitão. - Maureen apressou-se em dizer, caminhando ao lado de Keeley.

- Só farei isso se você prometer se comportar como se tivesse um cérebro, e não apenas um monte de glândulas.

- Isso não tem nada a ver com glândulas, estou apenas curiosa. Não se preocupe, eu sou uma carta fora do baralho quando se trata de homens.

Ao ouvir isso, Keeley estacou, com certa curiosidade, diante da porta.

- Como é que é?

- Você sabe, é legal olhar para os rapazes e ocasionalmente sair com um deles. Mas existe um monte de coisas mais importantes. Para ser franca, não pretendo me envolver seriamente com nenhum até ter trinta anos ou mais.

Por um instante, Keeley não sabia se devia ficar espantada ou achar o comentário divertido. Então ela ouviu a voz de Brian. E esqueceu tudo o mais.

Ele estava na baia com Lonesome, um garanhão lindo e temperamental. O cavalo parecia desanimado, como habitualmente ficava antes de uma corrida.

- Estão exigindo demais de você, não tenho a menor dúvida - Brian estava dizendo enquanto checava as ataduras nas patas de Lonesome. - É um desafio terrível essa corrida que vai ter que enfrentar, mas você tem demonstrado força e uma grande coragem dia após dia. Talvez, se você ganhar essa para nós, eu possa interceder a seu favor. Você sabe, cenouras extras e esse tipo de coisas, quem sabe até um monte de melaço à noite. E providenciar uma bela placa dourada para a sua baia lá em casa.

- Isso é suborno - Keeley murmurou.

Brian virou-se e seu olhar foi caloroso.

- Isso é uma barganha - corrigiu. - Mas se estiver realmente interessada num suborno...

- Ele começou a abrir a porta da baia com a intenção de puxar Keeley para dentro e recebê-la com um beijo de boas-vindas.

Quase atingiu Maureen.

- Desculpe-me. Eu não tinha visto você.

- Sou pequena. Essa é a cruz que tenho que carregar. Olá, sou Maureen Logan. - Ela estendeu a mão para cumprimentá-lo. - Prima de Keeley, da Fazenda Three Aces.

- Prazer em conhecê-la. Não tem um cavalo seu correndo hoje à noite, srta. Logan?

- Maureen, por favor... Hennessy, no sexto páreo. E meu instinto me diz que ele vai ganhar essa rindo.

- Vou me lembrar disso se passar pelo guichê de apostas.

- Também vou querer dar uma olhada em Hennessy antes da corrida. Talvez ter com ele uma conversa como essa sua... Apareça no restaurante, se tiver tempo, Brian, mesmo que seja apenas para tomar um drinque. A família está toda reunida lá.

- Obrigado pelo convite. Bela menina - ele emendou assim que Maureen se afastou o bastante para não ouvi-lo.

- Ela veio para dar uma olhada em você, sabia? Ouviu dizer que você era um bonitão.

- É mesmo? - Divertido, Brian abriu um sorriso. - Foi você quem disse isso a ela?

- Claro que não. Respeito você o bastante para não usar esse termo para descrevê-lo. Além disso, gosto de proteger meus interesses.

- Respeito é uma coisa boa. - Ele encurralou-a contra a porta da baia, tomando os lábios dela num beijo antes que houvesse tempo para qualquer reação. - Mas estou apostando na paixão neste exato momento. Você é apaixonada por mim, Keeley?

Aquelas palavras soaram como música para os ouvidos de Keeley.

- Aparentemente - respondeu, sorrindo. - Oh, Brian, eu quero... - Ela avançou com tamanho ímpeto a ponto de fazê-lo perder o equilíbrio. Os dois acabaram caindo dentro da baia, quase colidindo com as patas do cavalo. - Você. Agora. Em qualquer lugar. Não podemos... já faz tanto tempo...

- Quatro dias - ele completou, com a voz rouca. Queria despi-Ia daquele vestido sofisticado e montá-la como um garanhão, obedecendo ao desejo cego e primitivo que o dominava.

Tinha pensado, convencido a si mesmo, que devia ser sensato em relação a ela, mantendo o próprio desejo sob controle. Mas bastara vê-Ia outra vez para que toda a sua determinação caísse por terra. Exatamente o que havia acontecido na primeira vez em que a vira. Um impulso animal que incendiava o sangue em suas veias e fazia seu coração disparar.

-Keeley... - Beijou-a no rosto várias vezes, acariciando-a nos cabelos e nos seios. - Eu te quero tanto... É como se estivesse queimando por dentro. Venha comigo, vamos até o caminhão.

- Sim. - Naquele momento ela iria com Brian para qualquer lugar. Parecia que ele desejava engoli-la inteira. - Rápido. Vamos rápido.

Ela tomou-o pela mão, passando apressada pela porta. Teria se esborrachado no chão se Brian não a segurasse a tempo.

- Nunca aprendi a andar de salto alto num estábulo - Keeley resmungou. - Minhas pernas estão trêmulas. - Com uma risada nervosa, virou-se de costas até sentir as pernas pararem de tremer. Agora ao menos conseguia senti-las. Mas seu coração continuava batendo num ritmo enlouquecido.

Brian a observava com um olhar intenso. Quando ela voltou a se virar para encará-lo, disse simplesmente:

- Você é tão linda.

Keeley nunca acreditara que palavras como aquelas importassem. Elas sempre eram ditas num tom fácil e frívolo. Mas não era a mesma coisa quando saíam dos lábios de Brian. Não havia nada de frívolo na entonação de sua voz. Antes que pudesse falar, antes que pudesse pensar no que devia ser dito, houve um grito seguido do som de passos correndo.

- Keeley, rápido, venha comigo! - Ignorando a intimidade da cena que interrompia, Maureen irrompeu no estábulo e pegou Keeley pela mão. - Preciso de ajuda. Aquele bastardo!

- O quê? O que aconteceu? .

- Se ele acha que vai se sair bem dessa, nunca esteve tão enganado. - Puxando Keeley, Maureen passou para o outro lado dos estábulos, correndo até um pavilhão que ficava no lado oposto ao que estavam.

Já era possível ouvir as vozes masculinas discutindo. Keeley imediatamente reconheceu um dos homens. Peter Tarmack, com seu cabelo oleoso e roupas baratas, era um aproveitador que comprava animais em leilões judiciais e os explorava até a morte. O tipo de sujeito que ela mais odiava.

O jóquei também tinha um rosto familiar. Já estava em fim de carreira, e era conhecido por se embebedar com freqüência nos bastidores dos circuitos de corridas. Mesmo assim, ainda conseguia correr alguns páreos quando o jóquei oficial estava doente ou ferido.

- Eu já disse, Tarmack, não vou montá-lo assim. E não vai conseguir ninguém que faça isso. O bicho não está bem para correr.

- Não me diga o que está bem. Vai montar e vai correr, e chegar numa boa posição. Você já foi pago.

- Não para montar um cavalo ferido e doente. Vai receber seu dinheiro de volta.

- Como? Já não gastou tudo com bebida?

Como Maureen estava pálida, trêmula e incapaz de falar, Keeley resolveu tomar a pulso a situação.

- Algum problema aqui, Larry?

- Srta. Keeley... - O jóquei tirou o boné e virou-se, encarando-a com uma expressão frustrada em seu rosto enrugado. - Estou tentando dizer ao sr. Tarmack que esse cavalo não pode correr hoje. Não está em condições, como pode ver.

- Não é sua função me dizer nada. E também não preciso de um dos poderosos Grant interferindo em meus negócios, especialmente essa vadia mimada!

Antes que Keeley pudesse responder, Brian irrompeu no recinto. Num instante, pegou Tarmack pelo colarinho e o ergueu do chão como se fosse uma pluma.

- Isso não é jeito de tratar uma dama - ele falou em voz baixa, mas seu olhar era feroz. Um olhar realmente feroz e perigoso. - Vai querer se desculpar por isso enquanto ainda tem dentes para ajudá-lo a articular as

palavras?

- Brian, eu posso cuidar disso.

- Não duvidei de sua capacidade nem por um minuto. - Ele mantinha os olhos no rosto apavorado de Tarmack. - Mas juro por Deus que ele vai se desculpar antes de respirar outra vez.

- E... eu peço... desculpa - Tarmack balbuciou, sem fôlego porque o colarinho apertado o impedia de respirar. Só então Brian relaxou um pouco o aperto. - Eu só estava tentando negociar com esse jóquei bêbado... a quem, aliás, paguei adiantado.

- Vai ter seu dinheiro de volta - o jóquei replicou, virando-se em seguida para Keeley.

- Srta. Keeley, não vou montar nesse animal. Ele está meio manco por causa de um ferimento no joelho, e qualquer pessoa com olhos pode ver que não é um corredor. Talvez tenha até sido usado como cavalo de carga.

- Com licença. - Com um tom de voz extremamente frio, ela passou por Tarmack e foi até a baia examinar o cavalo com os próprios olhos. Instantes depois voltou com a mandíbula tremendo de raiva.

- Sr. Tarmack, se tentar colocar um jóquei em cima desse cavalo, vou denunciá-lo ao comitê estadual de corridas. Na verdade, farei isso de qualquer forma. O animal está doente, ferido e maltratado. Posso lhe assegurar que não vai conseguir renovar sua licença para colocar animais em nenhum hipódromo neste Estado.

- Não venha com essa para cima de mim. Só estou com o bicho há menos de duas semanas.

- E em duas semanas não pôde checar as condições de saúde dele? Continuou submetendo-o a todo o tipo de esforço, não é?

- Agora escute aqui. - O homem ergueu o dedo em riste e fez menção de avançar, mas desistiu ao notar o olhar ameaçador de Brian, que o observava em alerta máximo. - Escute

- agora seu tom de voz era mais suave, e evidentemente fingido. - Talvez você possa ser sentimental quando se trata de dinheiro. Mas eu ganho a vida comprando cavalos e colocando-os para correr. Se eles não correm, fico no vermelho.

- Quanto? - Keeley voltou para a baia e acariciou o pescoço do cavalo. No coração dela, aquele animal já era seu. - Quanto ele lhe custou?

- Ah... uns dez mil.

Brian limitou-se a dar um passo para a frente, olhando no fundo dos olhos do homem.

- É melhor dizer a verdade e ser razoável. Ainda não me viu zangado, e

acho que nem vai querer ver.

Tarmack encolheu os ombros.

- Talvez tenha sido cinco mil. Preciso checar os meus livros.

- Você terá um cheque de cinco mil à sua espera amanhã. Vou ficar com esse cavalo agora. Brian, pode examiná-lo, por favor?

- Me dê um minuto - ele respondeu.

Dessa vez foi Keeley que encarou Tarmack com olhos cheios de fúria.

- Seja esperto. Pegue o dinheiro. Porque quer queira, quer não, esse cavalo vai ficar comigo.

- O joelho precisa de tratamento - Brian disse depois de um exame rápido. Estava indignado com a forma como o ferimento do animal fora negligenciado. - Podemos cuidar disso. Pelo que vi, diria que é um caso que vai requerer talas. Precisa ficar em observação.

- Vamos providenciar isso agora mesmo. – Keeley limitou-se a olhar sobre o ombro para Tarmack. – Você pode ir. - Sua voz carregava um ar de nobreza implacável, como se fosse uma princesa falando com um ladrão. - Alguém vai lhe entregar o cheque pela manhã.

O tom de desprezo irritou Tarmack. Ela não seria tão metida sem seu maldito guarda-costas, concluiu. Teria ensinado uma lição àquela vadia se o bastardo irlandês não estivesse por perto.

Ele enfiou as mãos nos bolsos, impotente, e ainda tentou uma última bravata.

- Não vou deixar você ficar com o cavalo sem me dar nada além da palavra. Não dou a mínima para quem você é.

Brian encarou o homem novamente, com os olhos injetados, mas Keeley limitou-se a erguer o braço.

- Maureen, você poderia, por favor, levar o sr. Tarmack até o restaurante? Peça a meu pai para fazer um cheque de cinco mil dólares e entregar ao homem, e diga-lhe que eu me entendo com ele depois.

- Com prazer. - Maureen apoiou-se no ombro da prima e beijou-a no rosto. - Eu sabia que você resolveria tudo. - E então, com a mesma expressão fria de Keeley, virou-se. - Venha comigo, Tarmack. Vai ter seu dinheiro.

- Sinto muito, srta. Keeley. - Larry apertava o boné entre os dedos nervosamente. -Não sabia que o estado do animal era tão grave até chegar aqui. Eu não podia montá-lo depois de ver como está ferido.

- Fez a coisa certa, Larry , não se preocupe.

- Ele me pagou adiantado, como disse.

Ela assentiu, saiu da baia mais uma vez e encarou o velho jóquei.

- Quanto vai ficar devendo?

- Cerca de vinte dólares.

- Venha me ver amanhã. Nós cuidaremos disso.

- Muito obrigado. Aquele cavalo ali, a senhorita sabe, claro... não vale cinco mil.

Keeley estudou o animal. Era um alazão castanho, magro demais para manter a elegância, e maltratado ao extremo. Tinha os olhos muito tristes também.

- Claro que vale, Larry. Vale mais do que isso para mim.

CAPÍTULO IX

- Você não tem que me ajudar com isso.

Brian não disse nada, simplesmente continuou a limpar os ferimentos na perna do cavalo. Parasitas eram um problema bastante comum, sobretudo em cavalos que viviam soltos nos pastos. Mas aquele tinha sido extremamente negligenciado. Os ovos do parasita com certeza já haviam se transferido da perna para o estômago do animal.

- Verdade, Brian. - Keeley continuava a misturar o cataplasma para o ferimento do joelho. - Você teve um dia cheio. Eu posso cuidar disso.

- Claro que pode. Pode cuidar disso, de idiotas como Tarmack, de jóqueis bêbados e de tudo que aparecer na sua frente. Ninguém disse o contrário.

Como o tom do comentário foi ambíguo, sendo facilmente interpretado como uma ironia, ela virou-se para encará-lo.

- O que há de errado com você?

- Não tem nada de errado comigo. Mas sugiro que trabalhe a idéia em você mesma. Será que tem que fazer tudo sozinha, cuidar de cada maldito detalhe pessoalmente? Por que não aceita quando lhe oferecem ajuda e fica calada?

Keeley, de fato, ficou calada, chocada, por cerca de dez longos segundos.

- Só achei que você estava cansado depois da viagem dura.

- Eu a aviso quando estiver cansado.

- Penso que não é só este animal aqui que está doente.

- Bem, se você quer mesmo saber, estou olhando para aquela que está me deixando doente.

A frase atingiu Keeley como um soco no queixo, magoando-a profundamente. Mas o orgulho a fez reagir para se defender.

- Ficarei feliz em me afastar.

- Se eu achasse que isso iria funcionar - Brian murmurou, olhando para o cavalo e mudando radicalmente de assunto. - Vai ter que esperar pelo menos até amanhã à tarde antes de lhe dar um purgante - opinou. - Você não sabe ao certo quando ele foi alimentado pela última vez.

- Sei como tratar de verminoses, obrigada. - Com cuidado, Keeley começou a aplicar o cataplasma no joelho ferido do pobre animal.

- Me dê isso. Vai acabar derrubando em sua roupa.

Ela deu um safanão, mal-humorada, quando Brian tentou tirar o pote de medicamento de suas mãos.

- As roupas são minhas.

- Então devia ser mais cuidadosa com elas. Não vê que é absurdo lidar com cavalos vestida desse jeito? É um vestido de seda, pelo amor de Deus!

- Tenho um armário cheio destes. Nós, princesas, somos assim, não sabia?

- Mas que bobagem! - Os dedos dele curvaram-se ao redor do pote e, embaixo do cavalo doente, os dois começaram um ridículo cabo-de-guerra. Brian teria rido, estava a ponto de fazer isso, mas então olhou para o rosto de Keeley e notou que os olhos dela estavam úmidos.

Ele largou o pote abruptamente, e a surpresa fez com que ela caísse sentada no chão.

- O que está fazendo? - Brian perguntou.

- Aplicando um cataplasma antibiótico num joelho doente. Agora suma daqui e me deixe terminar com isso.

- Não existe nenhum motivo para ficar irritada assim. Nenhum mesmo. - Uma onda de pânico invadiu Brian, fazendo-o sentir uma estranha dor de cabeça. - Não precisa começar a chorar.

- Estou zangada, furiosa. Este é meu estábulo. Posso chorar quando e onde quiser .

- Tudo bem, tudo bem... - Ele se levantou e tirou um lenço do bolso, depois voltou a ajoelhar-se ao lado dela, entregando-lhe o lenço. - Pegue isto, assoe o nariz, limpe o rosto.

- Por que não vai para o inferno? - Com a expressão fechada, Keeley deu as costas para ele e continuou aplicando o cataplasma no animal.

- Keeley, eu sinto muito. - Brian não sabia ao certo por que estava se desculpando, mas aquele não era o lugar nem o momento certo para discutir. – Seque seus olhos agora, querida, e então vamos deixar este rapagão aqui confortável para passar a noite.

- Não use esse tom condescendente comigo. Não sou uma criança nem um cavalo doente.

Brian passou os dedos entre os cabelos num gesto nervoso, e deixou escapar um suspiro frustrado.

- E que tom de voz você prefere?

- Um que seja honesto. - Após verificar se o medicamento estava bem aplicado, cobrindo todo o ferimento, ela se levantou. - Mas temo que esse tom de zombaria que está usando desde que chegamos até aqui se encaixe nessa categoria. Na sua opinião, eu sou mimada, teimosa e orgulhosa demais para aceitar ajuda.

Embora a crise de choro aparentemente tivesse passado, ele achou

melhor ser cauteloso.

- Isso chega bem perto da verdade - concordou, ficando em pé. - Mas é uma mistura interessante, e estou começando a gostar.

- Não sou mimada.

Brian ergueu as sobrancelhas e coçou a cabeça.

- Talvez a palavra tenha um significado diferente para vocês, ianques. Mas, para mim, parece que não é qualquer um que pode pedir ao pai um cheque de cinco mil dólares para comprar um cavalo doente.

- Vou pagar meu pai pela manhã.

- Não tenho nenhuma dúvida de que fará isso.

Perplexa, Keeley abriu os braços.

- Então eu deveria tê-lo deixado ali, para que aquele idiota de Tarmack encontrasse um jóquei que aceitasse montá-lo?

- Não, você fez a coisa certa. Mas isso não muda o fato de você poder gastar uma soma tão grande de dinheiro sem nem mesmo piscar.

Brian aproximou-se do cavalo e passou a examinar-lhe os olhos e os dentes.

- É uma mulher generosa, Keeley.

- Só porque posso ser, não é? - completou irada.

- Não deixa de ser verdade. - Ele passou a palma da mão pelo pescoço do animal, tateando cada centímetro. - Mas isso não diminuiu a grandeza de seu sentimento.

- Lentamente, continuou o exame mais minucioso do cavalo. - Vai ter que me perdoar... Irlandeses de meu nível social em geral são um tanto ressentidos com a nobreza. É uma coisa atávica que passa de pai para filho.

- O sistema de classes não sai de sua cabeça, Brian.

Aquilo era algo que não valia a pena discutir. Ele era como era. Seus dedos encontraram um pequeno nó.

- Ele tem um abscesso aqui. Acho que vamos ter que trabalhar nisso, talvez até lancetar.

Tinham muito o que trabalhar no próprio relacionamento que os ligava, Keeley concluiu, encarando-o por sobre o corpo do pobre animal.

- Então me diga como homens de sua classe lidam com o fato de levarem mulheres como eu para a cama.

Os olhos de Brian faiscaram por um instante, fixos nos dela.

- Em geral não colocamos as mãos nelas, se for possível.

- Por acaso eu deveria achar isso lisonjeiro?

- Não. É a realidade, e uma realidade nada lisonjeira para nós dois.

Brian saiu da baia para apanhar um pouco mais de anti-séptico.

Keeley suspirou.

- Então é assim que realmente pensa, Brian? - perguntou, seguindo-o até o armário de medicamentos veterinários. - O que aconteceu entre nós foi apenas sexo?

Depois de apanhar o remédio, Brian fechou a porta do armário.

- Não - ele falou sem se virar para encará-la. - Eu me importo com você. E isso só torna as coisas mais difíceis.

- Deveria torná-las mais fáceis.

- Mas não torna.

- Não entendo você. Não deveria ficar feliz por termos ficado atraídos um pelo outro, sem nenhum interesse, sem nos preocuparmos em entender nossos sentimentos?

Brian começou a voltar para a baia.

- Infinitamente feliz. Mas é tarde demais para isso, não é?

Outra vez perplexa, Keeley seguiu-o até ficarem ao lado do animal.

- Você está zangado *comigo* porque se importa *comigo*... Que interessante!

- Não é exatamente assim. Na verdade, não estou zangado com você. - Murmurando algumas palavras para o cavalo, ele começou a tratar de pequenos arranhões que havia no pescoço. - Talvez esteja zangado comigo mesmo... e fica mais fácil descarregar essa frustração em cima de você.

- Isso, pelo menos, eu posso entender. Brian, por que estamos brigando? - Keeley colocou a mão sobre a dele. - Estamos fazendo a coisa certa esta noite. O método pelo qual trouxemos o cavalo para cá não é tão importante quanto o que vai acontecer com ele agora.

- Você está certa, claro. - Brian estudou o contraste entre as mãos de ambos. A dele, grande, calejada pelo trabalho duro, e a dela, pequena e elegante.

- E o fato de nos importarmos um com o outro não é tão importante quanto o que vamos fazer a respeito disso.

Sobre aquilo ele já não estava tão certo, por isso preferiu nada dizer, continuando a tratar do novo cavalo de Keeley em completo silêncio.

A manhã nasceu fria e cheia de névoa. Como tinha dormido pouco, Keeley sentia dificuldade para pensar com clareza. A habitual descarga de adrenalina matinal não acontecera, por isso ela começou a cuidar da rotina diária com o corpo dolorido e a mente embotada.

A culpa era de Brian, concluiu, emburrada. A inconsistência dele, aquela mania de manter certa distância entre os dois era algo inexplicável. Ela

nunca encontrara um problema que não pudesse resolver, um obstáculo que não pudesse transpor. Mas aquele homem podia se tornar uma exceção à regra.

Ele a magoara, e Keeley não estava preparada para isso. Era possível que pudessem passar tanto tempo juntos, chegar a uma intimidade tão grande, e ainda assim não se compreenderem? Brian se importava com ela, e isso era um problema... Que tipo de lógica era aquela? Onde estava o bom senso nessa maneira de pensar?

Importar-se realmente com alguém fazia toda a diferença. Keeley já observara a constante inclinação de Brian para a compaixão. E isso, em sua opinião, era mais atraente e tinha maior apelo do que seu corpo másculo.

A aparência de Brian, o rosto forte e anguloso, os olhos de um verde profundo, podiam até fazer o sangue dela ferver... o que realmente acontecia com freqüência. Mas, no início, esses mesmos detalhes a irritavam mais do que a atraíam. Entretanto, o coração generoso e a paciência com animais e pessoas eram os aspectos de sua personalidade que haviam conquistado o interesse e o respeito de Keeley.

Em vez de serem um problema, tinham se tornado, e ainda eram, uma solução para ela.

Como Brian podia olhá-la nos olhos agora, depois de tudo o que haviam compartilhado, e ver apenas a filha mimada de um fazendeiro rico?

Como podia acreditar nisso e mesmo assim alimentar sentimentos por ela?

A dubiedade a deixava perplexa, irritada e muito próxima da fúria. Que seria inevitável, ela pensou com um bocejo, se não estivesse tão cansada para sentir qualquer coisa.

Aquele lapso de energia ficou ainda mais evidente e insuportável quando Maureen apareceu no estábulo.

- Só dei uma passadinha por aqui antes de ir para aquele inferno de escola - ela anunciou ao entrar na baia onde Keeley estava examinando o joelho ferido do cavalo recém-adquirido. - Como ele está indo?

- Está mais confortável. - Testando, Keeley ergueu a pata e dobrou o joelho. O animal bufou, agitado. - Mas como você pode ver, ainda está muito dolorido.

- Pobrezinho. Que maldade fizeram com você. - Maureen inclinou-se sobre o flanco do cavalo, acariciando-o. - Você foi uma verdadeira heroína ontem à noite, prima. Entrou naquele estábulo e foi logo assumindo o controle. Eu sabia que faria isso.

As sobrancelhas de Keeley arquearam-se.

- Eu não assumi o controle. Nunca estou no controle.

- Claro que sim... você sempre faz isso. É a verdadeira durona. Foi muito legal assistir. E este garotão aqui está muito agradecido, não é, gracinha? É claro que observar aquele bonitão em ação também não foi nada mau... - Sorrindo, ela suspirou. - É o típico macho caladão. Pensei que ele ia afundar o nariz daquele idiota de Tarmack. Por um momento até desejei que fizesse isso. De qualquer forma, vocês dois juntos formam um time da pesada.

- Acho que sim...

- Nossa, e aqueles olhares ardentes?

- Que olhares ardentes?

- Vamos lá! - A menina revirou os olhos. - Fiquei num canto e fui apenas uma testemunha inocente. A cara com que ele olhava para você, como se, fosse um garotinho faminto e você fosse a última barra de chocolate do mundo.

- Essa é uma analogia ridícula, e você está imaginando coisas.

- Ele ia fazer picadinho de Tarmack quando aquele canalha xingou você. Nossa, fiquei sem respiração quando ele agarrou o sujeito pelo colarinho e o ergueu do chão. Foi tão romântico...

- Não há nada de romântico numa briga. E embora eu, com certeza, tivesse conseguido cuidar de Tarmack sozinha, fiquei feliz com a ajuda de Brian.

"Droga!", ela pensou. Não tinha sequer se lembrado de agradecer a ele. Carrancuda, saiu da baia para pegar uma escova que estava pendurada na parede oposta.

- Sim, você podia ter cuidado do cara. Você sabe se virar sozinha muito bem o tempo todo. Mas não precisar ser salva não torna o fato de realmente ser salva menos excitante, você sabe.

- Não, eu não sei - Keeley disparou. - Vá para a escola, Maureen. Tenho muito trabalho para fazer aqui.

- Estou indo, estou indo... Uau! Você não deve ter consumido sua cota normal de cafeína pela manhã. Vou voltar mais tarde para ver como nosso cavalinho está passando. Até mais.

- Sim, claro. Como quiser - Keeley murmurou quase para si, voltando a trabalhar nos outros cavalos. Não havia nada errado em ser capaz de lidar com problemas sozinha. Nada errado em querer fazer isso. Mas, na verdade, tinha gostado de receber ajuda de Brian.

E não precisava de nenhuma cafeína.

- Gosto de cafeína - resmungou. - Gosto disso, o que é inteiramente diferente de precisar disso. Poderia largar esse hábito na hora que

quisesse, e não sentiria nenhuma falta.

Contrariada, apanhou a lata de refrigerante energético que havia deixado em cima do balcão de selas.

Tudo bem, talvez sentisse falta daquilo. Mas só porque gostava do sabor. Não era como se fosse uma viciada, dependente ou...

Ela não entendeu por que a lembrança de Brian voltou à sua mente naquele instante. Tinha certeza de que se a visse olhando horrorizada para uma lata, ficaria espantado. Só não saberia que, em vez da lata de energético, ela estava vendo o rosto dele.

Não, aquilo também não era uma necessidade, Keeley apressou-se em dizer a si mesma. Não precisava de Brian Donnelly. Era atração o que sentia. Afeição... um tipo cauteloso de afeição. Ele era um homem que a interessava, e a quem admirava de várias formas. Mas não era como se precisasse...

- Oh, céus!

Tinha que ser uma reação exagerada, concluiu, ao colocar a lata de lado como se ela contivesse nitroglicerina. O que estava fazendo era algo tão simples quanto super-romantizar um caso amoroso. Era uma coisa muito natural, sobretudo por ser sua primeira experiência.

Não queria estar apaixonada por Brian. Começou a esfregar a escova vigorosamente no flanco do cavalo, como se aquele esforço a ajudasse a afastar os pensamentos daquele irlandês impossível. Não tinha *escolhido* ficar apaixonada por ele. Aquilo era ainda mais importante. Ao sentir as mãos começarem a tremer, ela as ignorou e passou a escovar com mais força ainda.

Quando sua mãe apareceu para trabalhar, Keeley já estava suficientemente sob controle para perguntar se Adélia não podia cuidar dos assuntos do escritório enquanto ela exercitava Sam.

Keeley Grant nunca fugira de um problema em toda a vida, e não estava disposta a começar a fazer isso agora. Encilhou sua montaria, depois cavalgou pela pradaria para limpar a mente antes de enfrentar com objetividade o problema que tinha diante de si.

A cancela automática portátil estava no lugar, instalada no meio da reta do circuito oval. O ar soprava suave e frio. A coloração das folhas das árvores começava a mudar, sinal de mudança de tempo. Brian imaginava que aquilo iria acontecer em uma ou no máximo duas semanas, mas no momento estava totalmente concentrado nos cavalos.

Trabalhava com grupos de cinco, usando dois potros e três corredores experimentados em cada bateria. Aquela última fase de treinamento iria

expor os novos animais a uma corrida real, dando a ele chance de observar as reações de cada um em uma simulação no circuito oval.

Precisava analisar o estilo de cada um, descobrir quais eram suas preferências, seus tiques, seus limites. Os novos animais eram apenas apostas... muito bem tratadas e instruídas, claro, mas apostas mesmo assim, pelo menos até terem um sólido currículo de vitórias em seu registro.

Brian, porém, era muito bom quando se tratava de apostar.

- Quero Tempestade na primeira raia nessa bateria. - Ele acendeu um cigarro, pois isso o ajudava a pensar. - E também The Brooder, Betty, Caramel e Giant correndo por fora.

Ao ouvir o som das patas de um cavalo se aproximando num trote, ele se virou. Keeley contornava o circuito oval pelo lado de fora. Irritado, desviou o olhar e tentou fechar a porta da área incrivelmente grande que aquela mulher insistia em ocupar em sua mente.

- Não quero ver ninguém usando chicote - ele ordenou, dirigindo-se aos jovens jóqueis.

- Nem nenhum animal sendo punido. Meus cavalos não precisam de violência para correr.

A despeito da concentração no trabalho, Brian percebeu quando Keeley desmontou logo atrás dele. Olhou para o cronômetro que segurava, zerou-o e girou-o várias vezes na mão enquanto os cavalos eram colocados na linha de partida.

- Não conheço aquele garanhão na primeira raia

- Keeley disse num tom casual, amarrando as rédeas de Sam num dos mourões da cerca.

- Seu pai o batizou de "Tempestade num copo d'água", pois é um animal pequeno mas cheio de espírito. Você não costuma cavalgar por aqui tão cedo.

- Não, mas eu queria ver os progressos de nossa nova geração de campeões. Além disso, minha nova assistente está cuidando da papelada no escritório.

Interessado, Brian virou-se para encará-la. Keeley não usava os cabelos presos nessa manhã. Os cachos ruivos caíam-lhe em uma cascata selvagem sobre os ombros, mas no rosto havia uma expressão fria e séria.

- Assistente? Quando foi que isso aconteceu?

- Ontem. Minha mãe está trabalhando comigo na escola, agora. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, eu não insisto em cuidar de todos os detalhes sozinha, quando me oferecem ajuda.

- Ainda está sentida, não é?

- Aparentemente.

- Bem, você vai ter que discutir comigo mais tarde. Estou ocupado. Jim! Segure-o firme agora! – Brian gritou quando Tempestade rebelou-se dentro do box. - Aquele lá é um verdadeiro rebelde. Isso, assim é que se faz - ele murmurou quando todos os cavalos estavam posicionados e com as portinholas dos boxes fechadas. Manteve o dedo no cronômetro, disparando-o no instante em que as portinholas se abriram em sincronia.

Os animais pareciam voar.

A largada era o momento da corrida que provocava a maior emoção em Brian. Aquele primeiro arremesso dos corpos espetaculares dos cavalos em velocidade, dominando a pista até a primeira curva.

Era o momento em que as corridas curtas se definiam, no qual era possível analisar o empenho e o talento de cada animal com maior precisão, antes que a nuvem de poeira levantada pelas patas em tropel impedisse a visão do observador.

- Betty quer a liderança desde o começo - ele murmurou. - Quer fazer os outros comerem poeira.

Hipnotizada, Keeley apoiou-.se na cerca quando os cavalos faziam a primeira curva. O trovejar das patas sempre fazia seu coração disparar.

- Ela corre bem no meio dos outros. Você estava certo sobre isso. Tempestade me parece um pouco nervoso.

- Devemos tentar uma tática diferente com ele. Ele quer sempre ficar por fora. É um garanhão forte, resistente. Quanto mais longo for o percurso, melhor se sairá. Não foi feito para corridas curtas. Mas veja Betty... ela quer ficar colada na cerca. É precisa como um raio, passa a centímetros do limite da curva!

Sem pensar, ele colocou a mão sobre a de Keeley na cerca.

- Olhe para ela, está vendo? É uma campeã. Não precisa de nenhum de nós. E ela sabe disso.

Sentindo a mão firme e quente de Brian sobre a sua, Keeley assistiu à parelha aparecer na última curva, vinda da reta oposta, com Betty liderando com quase um corpo de vantagem. Prazer e orgulho misturavam-se em sua mente.

Quando Brian soltou um grito entusiasmado, apertando o botão do cronômetro na chegada, ela quis se virar para abraçá-lo, reagindo a um impulso irresistível. Mas ele já estava se afastando.

- É um ótimo tempo, um tempo danado de bom. E ela pode fazer ainda melhor. - Brian murmurou, agarrando acerca com as duas mãos e mantendo os olhos fixos na pista enquanto os jóqueis se erguiam nas selas

e diminuíam a velocidade de suas montarias. - Vou encontrar a corrida certa para ela, fazê-la sentir o gostinho de uma disputa real.

Depois de dar um tapinha amistoso no ombro de Keeley, ele saltou a cerca sem dificuldade.

Ela o observou caminhar até os cavalos, parar, cumprimentar Tempestade e trocar algumas palavras com o jóquei do garanhão antes de ir até onde Betty se encontrava.

A égua recebeu-o como uma adolescente apaixonada, flertando com Brian e abaixando a cabeça devagar para tocar no ombro dele.

Brian estava errado, Keeley concluiu. Por mais talentosa e brilhante que fosse, Betty precisava dele.

"E eu também preciso, droga", pensou.

Depois de comemorar, cumprimentar a todos, acariciar os animais um a um e mandá-los de volta ao estábulo para serem refrescados, Brian pulou acerca outra vez e apanhou sua prancheta de anotações.

- Esperava que seu pai estivesse aqui para vê-la correr numa pista pela primeira vez.

- Tenho certeza de que ele gostaria de ver isso. Deve estar ocupado com alguma outra coisa.

Respondendo com um grunhido, ele continuou fazendo anotações.

- Bem, vou colocar outros novatos para correr pelo resto da manhã, então ele ainda vai poder ver muita coisa. Como está seu novo cavalo?

- Confortável. A febre baixou bastante. Mas vou esperar até depois de minha aula para fazer a lavagem estomacal nele. É uma coisa complicada, e não quero ter uma dúzia de crianças presentes para me atrapalhar quando estiver trabalhando.

- De fato, convém esperar até o final da tarde para fazer isso. Melhor darmos um intervalo de 24 horas entre sua última refeição e a lavagem. Posso fazer isso para você, se estiver muito ocupada.

A recusa automática estava na ponta da língua de Keeley. Mas ela conseguiu se conter, literalmente mordendo a própria língua, como para puni-la.

- Na verdade, eu tinha esperança que você encontrasse algum tempo livre para dar uma olhada nele mais tarde.

- Farei isso. - Brian encarou-a com ar preocupado, nitidamente incomodado com a seriedade em seu rosto.

- O que foi? Está preocupada com ele, não é?

- Não. - Keeley respirou fundo, ordenando a si mesma para relaxar. - Tenho certeza de que tudo vai dar certo. - Sim, tudo ia dar certo, de uma

maneira ou de outra. - Mas vou me sentir melhor quando nosso amigão estiver correndo saudável e feliz pelo pasto dentro de alguns dias.

Keeley considerou o assunto. Sentia-se melhor quando conseguia ser mais racional e definir objetivos. E aquele, afinal, não era tão complicado assim. Desejava Brian. E tinha quase certeza de que estava apaixonada por ele. Precisava de um pouco mais de tempo para ter certeza absoluta, tinha que pensar no assunto friamente.

Afinal de contas, aquele era um território novo, e, para movimentar-se nele, eram necessárias altas doses de cautela e preparação.

Mas ao menos uma coisa era certa: o que sentia por Brian era algo muito forte, não apenas uma simples atração física.

Se era amor, precisava fazê-lo se apaixonar também. E era perfeitamente capaz de fazer concessões, se conseguisse o que queria no final.

Agradavelmente cansada depois de um longo dia de trabalho, Keeley distribuiu a. ração noturna para os animais. Não tinha mais nenhuma dúvida sobre outra questão. Contar com a ajuda da mãe havia tirado um pesado fardo de seus ombros.

Seria mesmo teimosia o impulso que a fazia sempre recusar a oferta de ajuda de uma mão amiga? Achava que não. Mas era algo em que devia pensar. Queria que as pessoas que amava, e que a amavam, tivessem orgulho dela. E, por mais tolo que isso fosse, era esse o motivo que afazia ceder ao impulso de tentar ser perfeita.

Entretanto, preferia pensar nisso como assumir responsabilidades.

Justamente como estava agindo em relação a Brian agora, concluiu. Se estava apaixonada por ele, tinha que assumir a responsabilidade sobre os próprios sentimentos, E também era responsabilidade dela gerar nele o mesmo tipo de sentimento.

Se falhasse... Não, nem iria considerar essa possibilidade. Aceitar a chance de um fracasso era dar um passo para longe do sucesso.

Depois de entrar na baia do cavalo doente, Keeley checou a quantidade de ração que havia na bolsa de feno.

- Está melhor, não é? - Agachou-se e checou o ferimento do joelho. Quando ouviu passos fortes soando no piso de concreto do pátio, sorriu para si mesma.

- Você o está alimentando? - Brian entrou na baia com ar jovial. - Desculpe, não pude aparecer mais cedo.

- Tudo bem. Ele agüentou a lavagem sem reclamar. É um garotão

corajoso. E pode acreditar no que digo: a lavagem funcionou. - Ela se levantou sorrindo. - Pode-se notar isso pelo jeito como está comendo. Ele está se sentindo muito melhor.

-S abe que tirou a sorte grande. - Brian examinou o ferimento rapidamente, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça. - Tivemos um garanhão com tendinite, o que me segurou por mais tempo do que eu previa.

- São criaturas delicadas, não? - Keeley passou a mão com carinho pelo flanco do cavalo. - Incrível. O tamanho deles, a velocidade e a força. Tudo isso emana poder. Mas por trás dessa aparência, a delicadeza. Podemos ser enganados quando olhamos para algo, julgando sem conhecer o que está por trás das aparências.

- É a mais pura verdade.

- Eu não sou delicada, Brian. Tenho justamente o problema oposto. Por trás da minha aparência, sou feita de aço.

Ele a encarou.

- Sei que você é forte, Keeley. E, mesmo assim, parece uma rosa. - Gentilmente, ele acariciou-a no rosto com a ponta dos dedos. - Tenho mãos grandes e calejadas, por isso preciso tomar cuidado. Mas não significa que ache você fraca.

- Tudo bem.

Virando a cabeça, ele indicou o cavalo com um gesto.

- Já deu um nome a ele?

- Para dizer a verdade, dei. Nós tínhamos um cachorro em casa quando eu era pequena. Minha mãe o achou, era um cão perdido que apareceu no jardim em busca de comida. Ela o alimentou, ganhando sua confiança, e antes que meu pai percebesse, ganhamos um animal de estimação. O nome dele era Finnegan. - Ela encostou o rosto no pescoço do cavalo. - E agora é o nome deste bonitão.

- Você é bem sentimental, por baixo da camada de aço, Keeley.

- Sim, eu sou. E uma romântica latente também.

- Isso é verdade? - Brian murmurou, um pouco surpreso quando ela o acariciou no peito com ambas as mãos.

- Aparentemente, sim. Não lhe agradeci por haver corrido para me salvar ontem à noite.

- Não me lembro de haver corrido. - Os lábios dele curvaram-se num sorriso quando Keeley o puxou para fora da baia.

- É só uma maneira de dizer. Você ficou ofendido e defendeu minha honra. Eu estava tão preocupada com Finnegan que mal percebi o que se

passava à minha volta. Mas percebi mais tarde, e quero lhe agradecer.

- Bem, aquilo não foi nada.

- Ainda não terminei meu agradecimento. – Ela ergueu a cabeça e lhe mordiscou de leve o lábio inferior. O gesto sensual fez o coração de Brian bater mais forte.

- Se é o que estou imaginando, pode acabar de me agradecer lá no meu quarto.

- Por que não posso simplesmente mostrar o que tenho em mente... aqui mesmo?

Antes que Brian percebesse, Keeley o empurrou vagarosamente para o fundo da baia, ao mesmo tempo desabotoando-lhe a camisa.

- Aqui? - Ele riu, segurando as mãos dela com preocupação. - Acho que não é uma boa idéia.

- Aqui. - Keeley reagiu, libertando as mãos e encurralando-o contra a parede. - Tenho certeza de que é uma idéia excelente.

- Não seja ridícula. - A essa altura a excitação impedia-o de respirar direito. - Pode aparecer alguém a qualquer momento.

- Viva perigosamente... não é o que dizem? - Ela fechou a porta do estábulo com um chute.

- É o que faço todo dia, desde que coloquei os olhos em você.

A voz de Keeley tornou-se mais rouca.

-Por que parar agora? Seduza-me, Brian, eu o desafio.

- Sempre achei difícil resistir a um desafio. - Ele tirou uma mecha de cabelo da frente dos olhos de Keeley. - Você confunde meus sentidos, princesa, como perfume. Antes que eu me dê conta, não há nada na minha mente além de você. - Colocando a mão atrás do pescoço dela, Brian puxou-a contra si. - Nada mais importa.

Os lábios dele cobriram os de Keeley, suave e delicadamente, num beijo quente o bastante para derreter toda a neve do Everest. Keeley tinha pedido para ser seduzida, mas não sabia que tal pedido era desnecessário.

- Eu quero você, Brian. Acordo querendo. Me beije de novo.

E a forma como seu corpo se fundiu no dele, sem falar naqueles lábios carnudos abrindo-se convidativos, fez todo o corpo de Brian vibrar como acorda de um violino.

- Não quero ser gentil desta vez. - Ele reverteu a posição em que estavam, prendendo-a contra a parede, segura pelos pulsos. Seus olhos brilhavam na penumbra como os de um predador diante da caça. – Não quero ser cauteloso, só desta vez.

As palavras provocaram uma reação imediata. Os joelhos de Keeley

falsearam.

- Então não seja. Não sou frágil como seus cavalos, Brian. Não se engane.

- Vou deixá-la com medo. - Brian podia ter dito aquilo como uma advertência, mas o tom era de desafio.

- Tente.

Ele abriu a camisa de Keeley com violência, fazendo os botões voarem por todos os lados. Observou o olhar chocado dela por um instante e beijou-a com furor, tirando-lhe a respiração. Então suas mãos começaram a acariciá-la com força, mãos calejadas sobre a pele fina e sensível. Parte dele esperava que Keeley protestasse, tentasse fugir, mas ela limitou-se a gemer, saboreando cada beijo com avidez.

Quando os joelhos de Keeley finalmente entraram em colapso, segurou-a nos braços e a carregou até o monte de feno.

Tinha mostrado a ela o lado amoroso e sensível do sexo, mas agora queria revelar a essência mais animal do desejo humano. Como para corroborar aquilo, os animais nas baias começaram a bufar, criando uma atmosfera ainda mais selvagem.

Em segundos os dois estavam nus. Keeley gemia baixinho, arqueando o corpo e puxando-o para si ao mesmo tempo em que o enlaçava pela cintura com as pernas longas e bem torneadas. A penetração foi rápida e lancinante, reduzindo a razão dela a uma lembrança distante e fria.

- Sou eu quem a está possuindo. - Selvagem até a medula, Brian movia-se com vigor entre as pernas de Keeley. - Sou eu quem está dentro de você.

Ela ouviu um grito agudo sair sem controle dos próprios lábios. Keeley se sentia poderosa, feminina, como jamais imaginara ser possível. Entorpecida, como se tivesse experimentado o néctar dos deuses e não se importasse em ficar embriagada com ele.

Seus lábios procuraram os de Brian, rápidos e sedentos. E ela o segurou, prendendo-o com as pernas e deixando o próprio corpo obedecer ao ritmo da luxúria até sentir o corpo de Brian desabar inerte, satisfeito, quente, sobre si.

- Sou... eu - Keeley balbuciou então, contendo um suspiro - quem possui você. - E ainda segurando-o com força, deixou-se fundir a ele de corpo e alma.

CAPÍTULO X

No que dizia respeito a Keeley, era perfeito. Havia se apaixonado por um homem que combinava com ela. Os dois tinham muitos interesses comuns, gostavam da companhia um do outro e respeitavam as opiniões um do outro.

Claro que Brian possuía alguns defeitos. Tendia a ser caprichoso e sua autoconfiança muitas vezes cruzava os limites da arrogância. Mas as qualidades compensavam tudo isso.

O problema, no ponto de vista dela, era fazê-lo evoluir de um caso para um compromisso, e de um compromisso para o casamento. Havia sido criada acreditando em permanência, família, na promessa que duas pessoas faziam de se amar para sempre.

Realmente não tinha outra escolha, a não ser casar com Brian e construir uma vida com ele. E pretendia fazê-lo ver que ele também não tinha escolha.

Era mais ou menos como treinar um cavalo, supunha. Havia uma série de repetições, recompensas, paciência e afeição. E uma mão firme acima de tudo.

Planejou que seria mais prático ficarem noivos no Natal e casar no verão seguinte. Certamente seria mais conveniente para ambos começar a vida perto de Royal Meadows, já que trabalhavam lá. Nada podia ser mais simples.

Tudo o que Keeley tinha que fazer era levar Brian às mesmas conclusões.

Sendo o tipo de homem que era, Keeley imaginava que ele iria querer tomar a iniciativa. Era um pouco irritante, mas o amava o bastante para esperar até que Brian se declarasse. Não seria com flores e corações de chocolate, ela meditou enquanto caminhava com Finnegan ao redor do *paddock.* Conhecendo Brian, imaginava que devia haver paixão e a perspectiva de desafio para incitá-lo.

E já estava planejando como fazer isso.

Parou para checar a pata do cavalo à procura de inchaços ou calor. Ergueu a pata gentilmente para verificar o joelho. Como Finnegan não demonstrou nenhum sinal de desconforto, acariciou-o no pescoço com alegria.

- Sim - disse quando o animal bufou amistosamente. - Está se sentindo bem melhor agora, não é mesmo? Acho que já está pronto para fazer um

pouco de exercício.

As feridas nos flancos já estavam cicatrizadas, ela notou ao encilhá-lo. Tempo, cuidado e atenção tinham virado o jogo a favor de Finnegan. Talvez ele nunca fosse uma beleza, e com certeza não era um campeão, mas tinha uma natureza doce e muita disposição.

Aquilo era o mais importante.

Quando Keeley sentou na sela, o animal meneou a cabeça e então, ao sinal dela, começou a sair do *paddock* caminhando com dignidade.

Ela foi cautelosa no começo, totalmente sintonizada com o cavalo, a qualquer sinal de ele estar mancando por causa de dor. Ficou satisfeita ao notar que Finnegan mantinha um ritmo tranqüilo e sem sobressaltos, e então conseguiu relaxar.

O outono já começara a pintar as árvores em tons fortes de dourado, vermelho e laranja. Tais cores pareciam flamejar sob a luz oblíqua do sol e a moldura azul do céu.

Os campos ainda mantinham o verde profundo do verão. Potros corriam pelos pastos, as pernas longas e firmes ajudando-os a perseguir a própria sombra. Éguas prenhes, com suas barrigas arredondadas pelas crias que carregavam, vagavam preguiçosamente.

No circuito oval, as novas promessas do haras corriam num tropel estrepitoso como um trovão.

Aquele cenário, Keeley pensou, tinha sido o pano de fundo de toda sua vida. As imagens que retornavam, estação após estação. A beleza e a força daquilo, e a certeza íntima de que tudo iria se repetir no ano seguinte.

Aquilo ela podia, e iria, passar para seus filhos quando a hora chegasse. A solidez daquele mundo, as responsabilidades, as alegrias e o suor...

Quando viu Brian encostado na cerca, com a atenção concentrada na *performance* dos cavalos de corrida, ela sentiu um aperto enorme no coração. Sua pele ficou arrepiada. Não havia palavras para descrever o que sentiu naquele momento. Nenhum verbete do dicionário poderia dar o sentido completo daquela sensação.

O amor provocava um ultrajante choque em um indivíduo, Keeley pensou. Era fantástico saber que as pessoas sobreviviam a isso.

Ela era uma Grant, lembrou a si mesma, ajeitando-se na sela. Sabia se recompor, focalizar a mente e toda a energia para alcançar um objetivo. Iria sobreviver àquela ânsia insana. Apostava tudo nisso. E quando tivesse terminado com Brian Donnelly, ele nem saberia o que o havia atingido.

Brian virou-se ao ouvi-la aproximar-se. Sorriu ao ver que ela montava Finnegan. Estava realmente interessado no estado do cavalo, e depois de

passar algumas instruções ao assistente e entregar-lhe a prancheta, caminhou em direção a eles.

- Vejam só! Agora você parece novo em folha, não é, garotão? - Automaticamente, agachou-se para examinar o joelho ferido. - Nada de calor. Isso é bom. Há quanto tempo o está exercitando?

- Há cerca de quinze minutos, sem forçar.

- Ele, provavelmente, já pode até galopar. Parece em ótimo estado, sem sinais de inchaço. - Brian estreitou os olhos, protegendo-os com as mãos a fim de olhar para Keeley contra o sol. - E você? Está tudo bem? Parece um pouco pálida.

- É mesmo? - Era uma maravilha poder ocultar segredos íntimos dele. - Não me sinto nada mal. Mas você... - Ainda experimentando uma onda de audácia, ela inclinou-se sobre a sela. - Você parece maravilhoso. Durão, gostoso e sexy.

Um tanto perplexo, Brian deu um passo para trás, sentindo-se pouco à vontade quando Keeley o acariciou no rosto. Havia pelo menos duas dúzias de empregados da fazenda por perto. E cada um deles tinha olhos.

- Me chamaram para ir ao estábulo muito cedo hoje, nem tive tempo de me barbear.

Ela decidiu encarar a evasiva dele mais como um desafio que como um insulto.

- Gostei. Fica com um ar perigoso. Se tiver tempo mais tarde, gostaria que me ajudasse.

- A fazer o quê?

- Cavalgar ao meu lado.

- Eu posso fazer isso.

- Ótimo. Que tal às cinco? - Keeley inclinou-se para a frente outra vez, e agora foi rápida o bastante para segurá-lo pelo colarinho, puxando-o para si. - E, Brian... - sussurrou. - Não se barbeie. Também me sinto perigosa hoje...

Keeley o tirava do sério, e ele nem se importava. Depois daqueles olhares incendiários e insinuações mais do que explícitas, Brian ficou excitado, com uma enorme comichão, pelo resto do dia.

E o pior era o fato de que o homem que o pagava para trabalhar duro, e não para ficar distraído por causa dos hormônios, era o próprio pai dela.

"Que situação!", Brian pensou, sem esquecer que grande parte da culpa era dele próprio. Mesmo assim, como poderia saber no começo que iria ficar tão envolvido com ela e em tantos níveis? Apaixonar-se tinha sido um

duro golpe, mas Brian já havia sofrido golpes duros antes. O máximo que podia acontecer eram alguns arranhões, depois bastava se levantar e seguir em frente. Tudo bem sentir um pouco de atração, e um pequeno flerte era suficientemente inofensivo. Além disso, na verdade, ele gostava de correr riscos. Até determinado ponto.

Mas já passara em muito esse ponto. Agora a situação entre ele e Keeley tinha se complicado, ao mesmo tempo em que se apegava à família dela. Travis não era apenas um patrão justo e decente, mas de certa forma vinha se tornando um amigo.

E lá estava Brian, tentando encontrar tantas formas de fazer amor com a filha do amigo quantas fossem possíveis.

Pior do que isso, ele admitiu enquanto caminhava na direção dos estábulos da academia, com uma freqüência cada vez maior pegava a si mesmo sonhando. Aquelas pequenas fantasias que lhe surgiam na mente quando estava ocupado fazendo outra coisa. Pegava-se imaginando como seria entre Keeley e ele se as coisas fossem diferentes, se estivessem no mesmo nível, por assim dizer. E pensava... bem, isso se ele fosse do tipo que gostasse de compromisso... que ela seria a mulher ideal para algo mais sério. Se estivesse interessado em criar raízes num lugar, com uma pessoa, claro. O que, obviamente, não fazia parte de seus planos. E, mesmo que fizesse, não funcionaria naquele caso. Porque ela pertencia à aristocracia, e ele, aos estábulos. Simples assim.

Keeley estava apenas experimentando novas sensações. Brian compreendia, e não podia culpá-la por isso. Apesar de privilegiada, fora criada dentro de uma redoma, e agora desejava conhecer um pouco da vida real. Ele mesmo tinha se rebelado na juventude, escolhendo trabalhar com cavalos, ao contrário do desejo da família. Nada o detivera, discussões, ameaças e até mesmo punições.

Deixara a casa da família o mais cedo possível, mudando-se de fazenda para fazenda, trabalhando em um estábulo depois de outro. A liberdade sempre fora sua meta principal. E nunca tinha olhado para trás, nem por um segundo. Seus irmãos e irmãs casaram, tiveram filhos, plantaram jardins e trabalhavam em empregos estáveis. Eles possuíam coisas, enquanto Brian só possuía o que podia ser facilmente colocado dentro de uma mochila quando decidisse pegar a estrada outra vez.

Se possuímos coisas, devemos cuidar delas. E antes que se perceba, você acaba acumulando mais e mais. E logo o peso dessas coisas acaba mantendo-o preso, plantado no lugar.

Ele olhou a bela fachada de pedra da casa em que morava, admirando

como a silhueta se destacava contra a moldura do céu no crepúsculo. Flores com cores que variavam do escarlate ao violeta, com as folhas já douradas pelo começo do outono, margeavam as fundações do prédio em jardins bem cuidados. E a caminhonete que havia comprado de Paddy estava estacionada ali, como se pertencesse ao lugar.

Brian parou e, como Keeley fizera naquela manhã, virou-se para contemplar a paisagem. Era um lugar, concluiu, que podia seduzir um homem se ele não tivesse cuidado. A amplidão do cenário podia confundir, fazendo-o acreditar que não estava confinado, e então tudo aquilo podia tentá-lo a criar raízes... até possuí-lo de corpo e alma.

Era melhor se lembrar de que aquelas terras não eram suas, assim como os cavalos que treinava. Ou Keeley...

Mas quando caminhava até o *paddock* da academia, aquela fantasia voltou a dominar-lhe os pensamentos. Nas sombras douradas do fim de tarde, Keeley estava encimando uma égua de nome Honey. Seus cabelos haviam sido presos num rabo-de-cavalo nada elaborado, e a confusão dos cachos deixava-a ainda mais sexy. Vestia jeans e um suéter verde, da mesma cor da bandeira da Irlanda.

Ela parecia... convidativa, Brian percebeu. Como o tipo de mulher que um homem esperava encontrar em casa depois de um longo dia de trabalho. Haveria muito para conversar com essa mulher depois do jantar, na privacidade da cama. Contar as novidades, as piadas...

Um homem podia acordar pela manhã ao lado de uma mulher assim e não se sentir trapaceado, nem ter medo de que ela sentisse o mesmo.

Brian meneou a cabeça com força para afastar tais fantasias. Era tolice pensar naquilo.

- Ora, veja só. - Ele caminhou até a cerca e se apoiou nela. - Já fez todo o trabalho sozinha.

- Você me pegou num bom dia. - Keeley terminou de checar as correias, depois afastou-se da égua e aproximou-se da cerca. - Não sei por quanto tempo vou poder contar com a ajuda de mamãe na academia, então achei melhor aproveitar o tempo livre que isso está me proporcionando.

- E o que mais pretende fazer nas horas vagas?

- Viver a vida. - Quando Brian abriu a porta da cerca, ela tirou os dois animais do *paddock.* - Tenho me concentrado tanto no trabalho, nos últimos dois anos, que nem tive tempo para apreciar os resultados. - Keeley entregou as rédeas para ele. - E gostei dos resultados, devo admitir.

- Então, talvez possa usar um pouco desse tempo livre para aparecer na pista de corridas. - Brian esperou que Keeley montasse antes de fazer o

mesmo. - Estou tentando melhorar meus resultados também, inscrevi Betty numa corrida de novatos amanhã.

- Ela vai debutar? Não posso perder isso.

- Em Charles Town. Duas da tarde.

- Vou pedir para minha mãe cuidar da classe de amanhã. Estarei lá.

Saíram para uma cavalgada, contornando o *paddock,* e foram na direção da floresta de pinheiros além do pasto, admirando o tom dourado das copas das árvores no caminho. Sobre a cabeça deles, uma revoada de gansos vindos do Canadá passou produzindo um ruído estrepitoso.

- Passam em bandos duas vezes por dia - Brian disse, observando os pássaros. - É uma jornada bem longa até o sul, mas eles a fazem todos os anos.

- Sempre gostei do som que produzem. É uma coisa que me faz sentir realmente em casa nesta época do ano. - Keeley manteve os olhos no céu até que o ganso desaparecesse na distância. - Tio Paddy ligou hoje.

- E como ele vai indo?

- Mais do que bem. Acabou comprando um casal de reprodutores. Ele decidiu tentar começar a própria criação.

- Esse é o Paddy Cunnane que eu conheço - Brian disse. - Nunca achei que conseguisse ficar longe do jogo.

- Você sentiria falta dos cavalos, não é? O cheiro e o barulho deles. Nunca pensou em ter seu próprio lugar, iniciar sua própria linhagem de campeões?

- Não, isso não é para mim. Fico feliz por cuidar dos cavalos de outra pessoa. A partir do momento que a gente se torna dono de animais, tudo vira uma questão de negócios, não é? Uma empresa. Não fui talhado para ser um homem de negócios.

- Alguns proprietários fazem isso por amor - Keeley observou. - E mesmo os negócios não podem obscurecer tal sentimento.

- São casos raros. - Brian olhou para trás, admirando as construções da fazenda por um instante. Sim, aquele lugar era um desses casos. - Seu pai é um deles, e eu conheci outra fazenda assim em Cork. Mas para ser um homem de negócios desse tipo, é preciso ter isso no sangue, caso contrário acaba perdendo o toque. Antes que se perceba, tudo vira uma questão de números, resultados e sede de lucro. Soa como um tipo de prisão para mim.

Interessante.

- Construir algo estável é uma prisão para você?

- A necessidade de ter mais, e depois mais ainda. É uma armadilha. Meu próprio pai foi uma vítima desse sistema.

- Verdade? - Ele raramente mencionava a própria família. - O que ele faz?

- É caixa num grande banco. Dia após dia fica engaiolado, literalmente, atrás de uma grade com barras num lugar minúsculo contando o dinheiro de outras pessoas. Que vida...

- Bem, com certeza não é o tipo de vida para você.

- Graças a Deus, não é. Esses garotões estão querendo galopar um pouco - ele murmurou, disparando com Honey um segundo depois.

Keeley suspirou, frustrada, mas acelerou a própria montaria para alcançá-lo. Voltariam àquele assunto, prometeu a si mesma. Ainda sabia muito pouco sobre o homem com quem pretendia se casar.

Passearam por uma hora antes de voltar para guardar e escovar os cavalos, além de entregar a eles a ração noturna. Brian tinha esperança de que Keeley o convidasse para jantar em sua casa, porém ela o parou quando saíam do estábulo, arqueando as sobrancelhas.

- Por que não me convida para um drinque?

- Um drinque? Não tenho uma grande variedade de bebidas em casa, mas você será bem-vinda.

- É bom ser convidada ocasionalmente. - Antes que Brian pudesse colocar as mãos nos bolsos, ela as segurou, entrelaçando os dedos nos dele. - Você costuma ter tempo livre. Fiquei imaginando se já ouviu falar de conceitos como encontros, jantar fora, ir ao cinema...

- Já tive algumas experiências assim. - Ele olhou para a picape enquanto se aproximavam da casa da garagem. - Se quiser sair, tudo bem para mim, pode subir na caminhonete, mas vou ter que empurrá-la para pegar.

Keeley deixou escapar um suspiro.

- Isso, Donnelly, não foi um convite dos mais românticos.

- Carros de segunda mão não são particularmente românticos, e esqueci onde foi que estacionei minha carruagem de cristal.

- Se isso é outra brincadeira sobre princesas e... - Ela se calou, mordiscando a língua. Paciência, lembrou a si mesma. Não iria estragar as coisas com uma discussão. - Deixe para lá. Vamos esquecer esse passeio. - Keeley abriu a porta da casa dele. - E ir direto para o jantar.

Brian percebeu o cheiro logo que entrou na sala. O aroma de comida bem temperada o fez lembrar-se de que estava com o estômago quase vazio.

- O que é isso?

- O quê? - Ela sorriu, simulando perceber o cheiro só naquele momento. - Oh, isso? É *chili,* uma das minhas especialidades. Coloquei para cozinhar

em fogo baixo pouco antes de sairmos para cavalgar.

- Você mesma fez o jantar?

- Fiz. - Divertida, e muito satisfeita com a reação chocada de Brian, foi até a cozinha.

- Achei que você não ia se importar, e sabia que nós dois estaríamos famintos a esta altura.

- Ela ergueu a tampa da panela de barro e sentiu a fragrância deliciosa. - É o tipo de prato que precisa ser feito com muita paciência e carinho, por isso mesmo gosto dele. Oh, e eu também trouxe uma garrafa de *merlot,* muito embora o *chili* também combine muito bem com uma cerveja gelada.

- Estou tentando me lembrar da última vez que alguém cozinhou para mim... excluindo minha mãe e minhas tias, claro.

Ainda mais satisfeita, Keeley fechou a panela e foi abraçá-lo.

- Nenhuma das várias mulheres que conheceu no passado cozinhou para você?

- Uma ou duas vezes talvez, mas isso não aconteceu recentemente. - Como estavam a sós, Brian sentiu-se confortável para pegá-la pela cintura e trazê-la para mais junto de si. - E com certeza nunca pareceu tão apetitosa.

- O quê? A mulher ou o comida?

- Ambas. - Ele abaixou a cabeça e a beijou sem pressa. - Isso me fez lembrar que estou realmente faminto.

- O que você quer primeiro? - Keeley mordiscou o lábio inferior. - Eu ou a comida?

- Eu quero você em primeiro lugar. E em último também...

- Isso é bom, porque também quero você primeiro. - Ela se afastou. - Por que não nos refrescamos? Eu gostaria muito de um banho. - Rindo e segurando-o pelas mãos, ela o puxou para fora da cozinha.

Keeley trouxera uma muda de roupas. O que deu a Brian a chance de vê-la se vestindo. Os cabelos ainda estavam molhados por causa do banho que haviam tomado juntos, e sua pele parecia fresca e rosada. E, ele notou, um tanto arranhada em alguns lugares porque não tinha se barbeado.

Mas o amor selvagem que fizeram sob o jato quente da ducha, por mais estranho que pudesse parecer, não era algo tão íntimo e pessoal quanto ver o suéter abandonado aos pés da cama. Ela se abaixou para pegá-lo, e notou que estava sendo observada.

- O que foi?

Brian meneou a cabeça. Não era possível explicar a sensação de pânico misturada com prazer que o dominara enquanto a observara vestindo-se.

- Sua pele está arranhada. - Aproximando-se, ele acariciou-a no pescoço com a ponta dos dedos. - Eu devia ter me barbeado. Você é tão suave - murmurou, deixando os dedos repousarem no ombro dela. - Não sei como pude me esquecer disso.

Quando Keeley estremeceu, Brian encarou-a fixamente. Por um momento, pensou ver ressurgir naquele olhar o brilho do desejo, como se ele se equilibrasse no fio de uma navalha.

- Agora está frio. Coloque o suéter. Vou passar uma pomada nos arranhões.

A onda de desejo se foi tão rápido quanto aparecera. Era frustrante, ela pensou observando-o mexer no armário do *closet,* que os únicos momentos em que realmente conseguia vê-lo perdendo o controle fossem aqueles em que faziam amor.

Ele pegou um tubo e aproximou-se, espremeu um pouco da pomada na palma da mão e lhe massageou a pele avermelhada dos ombros e do pescoço. Keeley, que não tinha colocado o suéter, reconheceu o cheiro imediatamente.

- Isso é para cavalos.

- E daí?

Ela riu e deixou-o continuar.

- Quer dizer que isso faz de mim sua égua?

- Não, você é jovem demais para isso. Ainda é apenas uma potranca.

- Você pretende me treinar, Donnelly?

- Oh, você está longe de minhas possibilidades, srta. Grant. - Erguendo a cabeça, Brian arqueou as sobrancelhas ao notar que Keeley sorria. - O que a diverte assim?

- Você não consegue evitar, não é? Precisa ficar sempre na defensiva.

- Eu provoquei estes arranhões - ele murmurou, mudando deliberadamente de assunto e terminando de espalhar a pomada. - Estou apenas assumindo a responsabilidade pelos meus próprios atos.

Keeley ergueu o braço e tocou-o nos cabelos.

- Gosto de estar com um homem de cabeça dura e coração mole.

Aquele coração mole podia ficar muito dolorido, ele lembrou a si mesmo. Mas, quando voltou a falar, sua voz era suave.

- Não é um trabalho duro passar meus dedos na sua pele. Sobretudo quando você não demonstra nenhuma inibição, ficando parada aí, meio nua, e me deixando fazer isso...

- Será que eu deveria ficar embaraçada e corar?

- Não é o tipo de mulher que fica embaraçada. Gosto disso em você. -

Satisfeito, Brian fechou o tubo, e então colocou ele mesmo o suéter nela. - Mas não quero que uma criação tão perfeita de Deus pegue um resfriado. Pronto - disse ao tirar os cabelos ruivos para fora do colarinho.

- Você não tem um secador de cabelos?

- Um brutamontes como eu não é chegado a esse tipo de comodidade, madame.

Rindo, Keeley chacoalhou a cabeça e ajeitou os cachos ruivos com os dedos.

- Então acho que vou ter de esperar que eles sequem sozinhos, não é, brutamontes? Vamos, que tal abrir aquele vinho enquanto eu termino de preparar o jantar?

Brian não conhecia muita coisa sobre vinhos, mas ao sorver o primeiro gole desconfiou de que aquela era uma bebida sofisticada demais para acompanhar uma refeição tão humilde quanto o *chili.*

Keeley parecia mais à vontade naquela cozinha do que o próprio morador, encontrando coisas em armários que ele jamais abrira. Quando ela começou a temperar a salada, Brian colocou a taça de vinho de lado.

- Volto num minuto.

- Um minuto é tudo o que você tem. Já estou colocando o pão no forno para esquentar.

Como a resposta dele foi o bater da porta, ela encolheu os ombros e acendeu as velas que havia colocado na pequena mesa da cozinha. Aconchegante, pensou, satisfeita com a decoração. E romântico o suficiente para duas pessoas práticas como eles.

Aquele era o tipo de refeição perfeita para duas pessoas desfrutarem juntas no fim de um dia de trabalho. Keeley pretendia que fosse a primeira de muitas, só faltava fazer o homem entender que não tinha escapatória.

Feliz, ergueu a própria taça de vinho e brindou sozinha.

- Ao começo de uma longa história - murmurou antes de beber.

Ao ouvir a porta se abrir, retirou o pão do forno.

- Está na mesa, e juro que me sinto faminta.

Ao virar-se para colocar o cesto de pão na mesa, Keeley notou que Brian estava segurando um buquê improvisado de rosas na mão.

- Me pareceu que estava faltando isto - comentou ele.

Ela olhou para as flores, depois encarou Brian.

- Você as colheu para mim!

O tom admirado na voz dela fez com que ele encolhesse os ombros.

- Bem, você me preparou um jantar com vinho, velas e tudo o mais. De qualquer forma, as flores são suas mesmo.

- Não são, não. - Com uma expressão apaixonada no rosto, Keeley abaixou a cesta e esperou. - Até que você me dê.

- Nunca entendi por que as mulheres são tão sentimentais quando se trata de flores

- Brian disse, entregando-as.

- Muito obrigada. - Keeley fechou os olhos, mergulhando o rosto no buquê. Queria lembrar a fragrância exata, a textura. Então abaixou as flores e ergueu a cabeça para beijá-lo.

Os braços dele enlaçaram-na tão de repente e com tanta força que ela estranhou.

- Brian? Que é isso?

- Não é nada... É que gosto de senti-la colada no meu corpo quando a abraço.

- Me abrace mais forte e vai me quebrar em duas.

- Sinto muito - ele beijou-a na testa e ficou na mesma posição por um momento para se recompor. - Acho que, quando estou faminto, acabo esquecendo da minha própria força.

- Então sente-se e comece a se servir. Vou colocar as rosas na água.

- Eu... - Brian precisava dizer alguma coisa e procurou na mente por um assunto neutro que não causasse nenhum embaraço. - Eu andei olhando os registros de Finnegan.

"Muito bem", ele pensou enquanto se sentava e começava a servir a salada para ambos. Um assunto seguro.

- Claro que ele está registrado como Flight.

- Sim, eu sabia disso. - Keeley colocou as flores num vaso, ajeitando-as no centro da mesa antes de juntar-se a Brian. - Mas acho que Finnegan é um nome mais apropriado.

- Ele é seu agora, pode chamá-lo como quiser. O registro do primeiro ano de corridas dele é impressionante. E tem um *pedigree* muito decente, mas nunca chegou a desenvolver todo o seu potencial, e os proprietários o venderam há poucas semanas, quando tinha acabado de completar três anos.

- Eu ia dar uma olhada nesses dados. Obrigada por me poupar o trabalho. - Ela partiu um pedaço de pão com as mãos e o ofereceu a Brian. - Então ele é um puro-sangue... Bem, devo dizer que se comportou como um. Mesmo depois dos abusos pelo qual passou, não se transformou num cavalo comum.

- O fato é que ele estava indo consideravelmente melhor no começo deste ano. Alguns de seus tempos são impressionantes, e na minha opinião

ele foi mal utilizado. Eu teria feito as coisas diferentes, se estivesse encarregado de treiná-lo.

- Você faz as coisas diferentes o tempo todo, Brian.

- Pode ser. De qualquer maneira, ele acabou entrando naquele leilão judicial, e foi assim que Tarmack o comprou.

- Aquele bastardo - Keeley disse gelidamente. Brian coçou a cabeça.

- Concordo. Eu estive pensando... Você vai desperdiçar o talento dele na sua escola. Aquele cavalo nasceu para correr, não deve ficar afastado do circuito.

Surpresa, Keeley arqueou as sobrancelhas.

- Você acha que Finnegan pode correr?

- Acho que você deveria considerar a idéia seriamente. Ele é um puro-sangue, Keeley, criado para competir. A necessidade de disputa está no sangue dele. Apenas foi maltratado e subutilizado. Embora eu ache sua escola ótima, não creio que seja o lugar certo para Finnegan.

- Mas e aquele inchaço nos joelhos...

- Já vi a mesma coisa várias vezes antes. Não é algo hereditário. Foi um ferimento causado por um homem irresponsável. Pode pedir para seu pai dar uma olhada nele, se não acredita no que estou dizendo.

Keeley meditou por um momento sorvendo um gole de vinho.

- Evidente que confio em seu julgamento, Brian. Não se trata disso. Você e eu sabemos que um cavalo pode ficar seriamente comprometido quando é maltratado. No corpo e no espírito. Eu só não quero forçá-lo.

- Claro, isso é uma prerrogativa sua.

- Você trabalharia com ele?

- Eu poderia. - Brian começou a servir o *chili.* - Mas você também pode. Sabe o que fazer, o que procurar, para ajudá-lo a recuperar-se completamente.

Keeley meneou a cabeça, suspirando.

- Não para competir. Conheço minha área, mas nada sobre corridas. Se eu considerar a idéia de deixá-lo voltar às pistas, quero que tenha o melhor treinador.

- E esse sou eu - ele disse com tamanha arrogância a ponto de fazê-la sorrir.

- Isso é um sim?

- Se seu pai concordar que eu o treine junto com os outros, ficarei feliz em fazê-lo. Podemos começar devagar e ver como ele se sai. - Brian ia deixar assim, mas como sabia que ela iria compreender o que tinha a dizer, finalizou: - Notei nos olhos dele, hoje de manhã, quando você o levou até a

pista. Estava lá. O desejo de voar.

- Eu não notei. - Keeley estendeu o braço e o tocou na mão. - Fico feliz que você tenha enxergado.

- É meu trabalho enxergar esse tipo de coisa.

- É um dom - ela corrigiu. - Sua família devia se orgulhar de você. - A frase foi casual, e Keeley já estava começando a comer outra vez, quando Brian riu. - O que é tão engraçado?

- Orgulho não é exatamente o que eles sentiriam por mim, eu acho.

- Por quê?

- As pessoas não podem se orgulhar daquilo que não conhecem. Keeley, nem todas as famílias são tão unidas como a sua... por amor e objetivos comuns, quero dizer.

- Sinto muito - ela disse com sinceridade. De certa forma, achava que havia se intrometido demais ao falar sobre a família dele.

- Nenhum problema. Vamos deixar isso de lado.

Keeley queria realmente deixar aquilo passar, mudar de assunto, mas as palavras simplesmente escaparam de seus lábios.

- Se eles não têm orgulho de você, então são estúpidos. - Quando Brian parou, segurando o garfo com *chili* perto da boca, ela encolheu os ombros. - Sinto muito, mas é o que penso.

Observando-a, Brian começou a comer de novo. Os olhos dela dardejavam, suas bochechas estavam coradas e a mandíbula, tensa. Por que Keeley estava tão furiosa?

- Querida, foi muita gentileza sua dizer isso...

- Não foi gentil. Foi rude, mas eu falei sério. - Ela pegou a garrafa de vinho e encheu as taças de ambos. - Você tem um talento real e construiu uma reputação sólida... caso contrário, não estaria aqui em Royal Meadows. Por que não se orgulhar? - Keeley indagou, num tom ainda mais indignado. - Seu pai, entre todas as pessoas, devia entender.

- Por quê?

- Foi ele que o fez conhecer os cavalos.

- Me levou às pistas, certamente. Mas meu pai não estava interessado em cavalos — Brian se sentia tão fascinado pela reação de Keeley que não lhe ocorreu de estar conversando abertamente sobre a própria família. Aquilo era algo que jamais fazia. — Eles eram um tipo de desculpa. Claro que os admirava, mas era o vício pelo jogo que o atraía. Como ainda atrai. Isso e a chance de colocar algum dinheiro no bolso sem precisar enfrentar a desaprovação de minha mãe. Eu lhe contei, Keeley, ele é um caixa de banco.

- E que diferença isso faz?

Toda a diferença do mundo, foi o que Brian pensou, mas procurou encontrar uma explicação mais tangível para ela.

- Meu pai parou de olhar além das barras de sua pequena gaiola anos atrás. Ele e minha mãe se casaram jovens, e minha irmã mais velha nasceu cerca de nove meses depois, você sabe como é...

- Isso pode ser difícil, mesmo assim...

- Não, meus pais ficaram contentes. Acho que se amam, do jeito deles. - Brian não costumava pensar muito sobre amor e relacionamentos, mas como estava envolvido em um agora, tentou se explicar melhor. — Eles formaram um lar, criaram seus filhos. Meu pai sempre foi um assalariado. E embora ele jogasse, nós nunca passamos fome... e as contas acabavam sendo pagas, mais cedo ou mais tarde. Minha mãe sempre conseguia pôr uma mesa decente, e nossas roupas eram limpas. Mas para mim sempre pareceu que os dois estavam cansados daquela vida no final de cada dia.

Keeley lembrou-se de uma frase que a própria mãe costumava dizer: *Uma criança pode estar faminta mesmo diante de um prato cheio.* E agora ela compreendia que sem amor, afeição e alegria, o espírito podia ficar faminto.

- Mesmo assim, não deviam deixar de ficar felizes por você ter escolhido seu próprio caminho e se realizado nele.

- Meu irmão e minhas irmãs têm empregos estáveis e levam vidas comuns. Eu sou um quebra-cabeça, e cedo ou tarde, quando, não se consegue resolver um quebra-cabeça, as pessoas tendem a pensar que existe algo errado com ele. Acho que é o que pensam a meu respeito.

- Você fugiu daquilo - ela murmurou.

Brian não sabia ao certo se tinha gostado da frase, mas assentiu.

- De certa forma, acho, e o mais rápido que pude. Qual o sentido em se olhar para trás?

Mas ele estava olhando para trás, Keeley pensou. Olhando por sobre o ombro, e ainda fugindo como um louco do próprio passado.

CAPÍTULO XI

Keeley concluiu que era difícil fazer alguns homens enxergarem que não tinham saída. Mas não podia se queixar da situação que enfrentava com Brian, já que estava vivendo momentos maravilhosos. Tornara-se um hábito passar pela pista de treinamento uma vez por semana, um prazer que ela afastara da própria vida enquanto organizava a academia.

Ainda havia uma série de detalhes que exigiam sua atenção pessoal... as reuniões com os pais, os relatórios e avaliações individuais de cada criança. Ela queria planejar uma atividade aberta durante os feriados, em que todos os pais, avós e famílias adotivas pudessem se encontrar na academia. Encontrar-se, socializar e, o mais importante, verificar pessoalmente os progressos que suas crianças vinham apresentando.

Mas agora que a escola começava a caminhar bem, e ela expandira as atividades para os sete dias da semana, Keeley ficava mais do que feliz por poder delegar aulas para a mãe por pelo menos um dia.

Estava entusiasmada por acompanhar o progresso de Betty, ver por si mesma que os instintos de Brian estavam certos em relação à potranca. Betty vinha, dia após dia e semana após semana, provando a si mesma e a todos que era uma competidora de ponta e uma campeã em potencial.

Mas ainda mais maravilhoso era ver Finnegan retornando à vida sob a mão segura e paciente de Brian.

Encolhendo-se de frio numa manhã gelada, Keeley estava encostada na cerca da pista oval, esperando, enquanto Brian dava ao jóquei que montaria Finnegan as últimas instruções antes da corrida de tomada de tempo. Esse jóquei era Larry, o mesmo que havia se revoltado com o tratamento que Tarmack dispensava ao animal.

- Ele fica nervoso na cancela, mas arremete muito bem. Você vai ter que controlá-lo no início, pois ele ainda está entusiasmado demais por voltar a correr. Não o deixe se esforçar além dos próprios limites. Esse cavalo prefere correr no meio dos outros, não gosta de ficar na frente. Mantenha-o lá até depois da segunda volta, depois pode pedir mais, com firmeza, e ele vai lhe dar o máximo, pode apostar.

- Vou mantê-lo de olho na linha, Sr. Donnelly. Estou muito agradecido por me dar essa chance de trabalhar com o senhor.

- É a srta. Grant quem está lhe dando essa chance. Mas se eu sentir cheiro de uísque em você antes do fim do expediente de trabalho, não terá

uma segunda.

- Nenhuma gota. Vou correr para o senhor, nem que seja apenas para mostrar para aquele bastardo de Tarmack como se deve tratar um puro-sangue.

- Boas falas. Agora vamos ver como nosso garotão se sai. - Brian caminhou de volta à cerca, onde Keeley tomava café segurando uma pequena garrafa térmica na mão. - Não sei se você fez a melhor opção quanto ao jóquei, mas esse sujeito está louco para provar algo a si mesmo, por isso acho que é uma boa aposta.

- Não estamos disputando um prêmio hoje, Brian.

Ele pegou a garrafa térmica e serviu-se de um pouco do café. A bebida quente caiu muito bem.

- Sempre se está disputando algo.

- Você fez um excelente trabalho com ele.

- Não vamos saber até a corrida de amanhã, em Pimlico.

- Pare com isso - ela ordenou quando ele passou pela portinhola da cerca. - Aceite um elogio quando é merecido. Esse cavalo reencontrou o amor-próprio. E foi você quem deu isso a ele.

- Pelo amor de Deus, Keeley, o cavalo é seu! Foi você quem o cobriu de carinho e lhe curou os ferimentos. Eu só o ajudei a se lembrar de que era um puro-sangue.

"Você está errado", ela pensou. "Devolveu o orgulho a Finnegan, e ele sempre vai ser grato a você, não a mim."

Mas Brian já estava com toda a atenção concentrada no cavalo. Ele segurou nervosamente o cronômetro na mão.

- Vamos ver quanto ele se lembra de uma corrida de verdade.

Uma névoa pesada concentrava-se junto ao solo. Cristais de gelo na grama testemunhavam a geada da noite anterior, e só derreteriam quando os raios do sol conseguissem vazar a espessa camada de nuvens cinzentas que dominava o céu.

O sino de partida soou e as portinholas da cancela abriram-se num estrondo. E os cavalos dispararam.

- É isso - Brian murmurou. - Mantenha-o no centro. Assim mesmo.

- Eles são lindos. Todos eles...

- Segure-o agora. - Brian observou os animais completarem a primeira volta enquanto o relógio em sua cabeça lhe informava o tempo com precisão. - Veja, ele está seguindo o ritmo do líder. É como um jogo. Vai enganar os competidores com estratégia, é nisso que está pensando agora.

Keeley riu, inclinando-se para a frente e sentindo o coração disparar.

- Como pode saber no que ele está pensando?

- Ele me disse. Fique pronto agora. Pronto. Sim, é isso aí! Ele é forte. Nunca vai ser uma beleza, mas é forte. Veja, está se aproximando. - Num impulso, Brian colocou a mão no ombro de Keeley. Parecia entusiasmado. - Esse cavalo tem mais coração do que cérebro, e é seu coração que o faz correr.

Ele clicou o cronômetro quando Finnegan cruzou a linha final, meio corpo atrás do líder.

- Muito bom. Sim, muito bom mesmo. Eu diria que nosso rapaz não vai decepcioná-la amanhã, srta. Grant.

- Isso não importa.

Mais chocado do que ofendido, Brian virou-se para encará-la.

- Como pode dizer uma coisa dessas? E que tipo de sorte acha que vai nos trazer falando assim? Eu realmente gostaria de saber.

- É o bastante vê-lo correr. E melhor, ver você assistindo-o correr, Brian. - Tocada, ela levou a mão ao peito dele. - Você acabou se apaixonando por Finnegan.

- Eu amo todos os cavalos que treino.

- Sim, já notei isso, e compreendo por que também sou assim. Mas sei que esse cavalo é especial para você.

Embaraçado porque aquilo era verdade, Brian saltou a cerca. - É apenas seu lado sentimental falando, mulher.

Keeley sorriu enquanto Brian caminhava até o centro da pista para continuar seu trabalho.

- É uma coisa bonita de ver minha filha e meu treinador recuperando um competidor.

Keeley olhou por sobre o ombro, estendendo a mão para o pai, que se aproximava.

- Você o viu correr?

- Só os últimos segundos. Vocês fizeram um bem enorme a esse animal em pouco tempo. - Travis beijou-a afetuosamente na testa. - Estou orgulhoso.

Ela fechou os olhos. Como era fácil para ele dizer aquelas palavras, e como era adorável ouvi-las. Aquilo só serviu para deixá-la ainda mais triste com o fato de Brian não ter a sorte de ouvir o mesmo do próprio pai.

- Você me ensinou tudo o que sei, você e mamãe. Quando vi aquele cavalo, lembrei-me de tudo o que já tinha visto você fazer. - Ela ergueu a cabeça e beijou o rosto do pai. - Me ensinou a me importar, por isso lhe agradeço.

Quando Travis a abraçou, Keeley sentiu-se protegida e confortável.

- Brian estava certo. O cavalo precisa correr. É o que ele é. Eu quis salvá-lo. Mas Brian sabia que isso não seria o bastante. Ele conhece a natureza dos animais como se realmente falasse com eles.

- Os dois, você e Brian, fizeram isso juntos.

- Você está certo. - Ela riu satisfeita ao concluir que aquela era uma verdade cristalina, e se perguntou como não tinha percebido antes. - Absolutamente certo.

Keeley cancelou as aulas naquele dia. Disse a si mesma que era um tipo de feriado. Uma celebração à compaixão, à compreensão e ao trabalho duro. Não se tratava apenas da volta de Finnegan às pistas, mas também seria a primeira corrida importante de Betty. Seus pais estariam lá, e Brendon também.

Se havia um dia para fechar as portas do negócio, aquele era o dia.

Foi até o hipódromo pela manhã, a fim de acompanhar o trabalho de aquecimento dos animais, sentir a expectativa de todos os envolvidos.

- Você realmente está entusiasmada - Brendon murmurou quando a acompanhou de volta ao estábulo principal. - Não parou de falar um segundo.

- Nunca tive um cavalo de corrida antes. E tenho certeza de que esse vai ser o meu primeiro e último. Claro que estou adorando cada segundo disso tudo, mas... Não é minha paixão. Não é o mesmo que você sente, ou o pai e a mãe.

- Você canalizou toda a sua paixão para a academia. Nunca pensei que fosse parar de competir, Keel.

- Nem eu. E também não achava que iria encontrar algo que me satisfizesse ou me desafiasse tanto.

Os dois pararam, observando os cavalos sendo trazidos de volta às suas baias.

Havia um movimento frenético de cavalariços e tratadores, alguém tocava uma melodia alegre numa gaita, com as batidas do ferreiro na bigorna marcando o compasso.

- Este aqui é seu território - Keeley disse, gesticulando, quando Betty passou, orgulhosa como sempre. - Já eu fico feliz por apenas observar.

- É mesmo? Então por que apareceu por aqui tão cedo?

- Apenas para manter uma boa e velha tradição familiar. Vou trabalhar como cavalariça na baia do Finnegan.

Um pouco mais tarde, ao ouvir a novidade, Brian não ficou exatamente satisfeito.

- Proprietários não fazem isso. Eles ficam sentados nos melhores lugares das arquibancadas, ou então na área vip do hipódromo. Ficam fora do caminho, por assim dizer...

Keeley continuou a escovar Finnegan com habilidade.

- Há quanto tempo está trabalhando em Royal Meadows?

As sobrancelhas dele ficaram arqueadas.

- Desde a metade de agosto.

- Bem, isso deve ser tempo bastante para que tenha percebido que os Grant nunca ficam "fora do caminho", por assim dizer...

- Isso não quer dizer que eu tenha de aprovar. - Brian observou a forma como ela trabalhava e não conseguiu achar falhas. Mas não se tratava disso. - Preparar um cavalo para exercícios básicos de equitação, ou mesmo para exibições, é algo muito diferente do que acontece antes de uma corrida.

Keeley deixou escapar um longo suspiro.

- Não lhe parece que sei exatamente o que estou fazendo?

- Precisa enfaixar as pernas dele.

Sem dizer nada, ela retirou do bolso do casaco de couro uma embalagem contendo faixas e outra com alfinetes de pressão.

Sem estar ainda convencido, ele examinou a disposição de todos os acessórios, inclusive sela e arreios. A manta, os cobertores...

- As partes de metal não foram polidas.

Keeley olhou para a sela.

- Sei como fazer isso.

Brian lutou para se conter. Ainda precisava ver Betty, que correria no segundo páreo.

- É preciso que falem com ele.

- Isso é engraçado, mas acontece que eu sei falar, caso não tenha percebido.

Um palavrão quase escapou dos lábios de Brian.

- Ele prefere uma canção.

- Como é que é?

- Eu já disse, o garotão gosta que cantem para ele.

- Oh! - Keeley mordeu a língua para não rir. - Alguma canção em especial? Espere, deixe-me adivinhar... Já sei! *Finnegan's Wake,* certo? - Apesar do olhar indignado de Brian, ela riu até não agüentar mais, a ponto de ter que se encostar no cavalo para manter o equilíbrio. Finnegan respondeu balançando a cabeça e tentando fuçar nos bolsos dela à procura

de maçãs.

- É uma ótima música - Brian replicou friamente. - Além disso, ele gosta de ouvir o próprio nome.

- Sei o refrão. - Ela lutou muito para não voltar a rir. - Mas não sei a letra toda. Tem muitos versos, pelo que me lembro.

- Faça o melhor que puder - ele murmurou, saindo da baia em seguida. Um sorriso curvou-lhe teimosamente os lábios quando ouviu Keeley começar a cantar a velha canção sobre o dublinense que gostava muito de um bom uísque.

Quando chegou à baia de Betty, meneou a cabeça desconsolado.

- Eu já devia saber. Se nós desviamos de um Grant, aparece outro, até que acabamos tropeçando neles.

Travis estava acariciando o pescoço da potranca.

- Quem está cantando? É Keeley?

- Ela está sendo sarcástica, mas tudo bem para mim, desde que o trabalho seja bem-feito. Sua filha colocou na cabeça que precisa trabalhar como cavalariça para Finnegan.

- Ah, isso é natural nela. A cabeça dura e a habilidade para lidar com cavalos são traços de todos os membros da família.

- Nunca tinha visto antes ricaços que gostassem tanto do cheiro de cocô de cavalo! Nós não precisamos deles, não é, querida? — Brian colocou as mãos no rosto de Betty, e ela balançou a cabeça, depois brincou com o cabelo dele.

- Droga, essa potranca parece mesmo ter uma queda por você! - Travis observou.

- Ela pode ser sua dama, senhor, mas é meu verdadeiro amor. Você não é mesmo linda, coração? - Ele passou a sussurrar em gaélico bem perto da orelha de Betty, e aquilo a fez ficar subitamente atenta, com o corpo estranhamente tenso.

- Ela gosta de ficar excitada antes de correr - Brian murmurou. Como vocês dizem... entrar no clima, que nem os jogadores do seu futebol americano. É realmente um esporte muito esquisito, esse de vocês.

- Ouvi dizer que você ganhou o bolão do jogo no último domingo - Travis comentou.

- Apostar é a única coisa que entendo sobre esse seu futebol. - Brian pegou as rédeas da potranca. - Vou levá-la para passear em volta da pista antes da competição. Ela gosta de se exibir. Você e esta beleza vão aparecer no círculo dos vencedores, pode apostar.

Travis sorriu.

- Estarei observando tudo ao lado da pista.

- Vamos mostrar a ele. - Brian disse, conduzindo Betty para fora da baia.

Keeley terminou de polir os metais da sela, massageou os ombros cansados e decidiu que era hora de tomar um energético antes de ter uma última conversa musical com Finnegan.

Saiu para fora do estábulo e piscou por causa da súbita exposição à luz solar. Quando conseguiu focalizar os olhos, viu Brian perto da porta do estábulo, sentado em um balde virado.

Ficou alarmada imediatamente. Ele segurava a cabeça entre as mãos e estava imóvel como uma pedra.

- O que é? O que foi? - perguntou; indo até lá e agachando-se para ficar a seu lado. - E Betty? - Sua respiração estava entrecortada. - Pensei que Betty estava correndo.

- Estava. Já acabou. Ela venceu.

- Céus, Brian, pensei que tivesse acontecido algo errado!

Erguendo a cabeça, ele a encarou com os olhos umedecidos pela emoção.

- Dois corpos e meio - disse. - Venceu por dois corpos e meio, e juro que ela nem mesmo se esforçou. Nada pode tocá-la, você entende? Nada. Nunca em toda a minha vida tive um cavalo assim nas mãos. Ela é um milagre.

Keeley repousou as mãos nos joelhos dele, sentando-se nos próprios calcanhares. Estava olhando para um homem totalmente apaixonado por seu trabalho.

- Você a fez. - Antes que ele pudesse falar, meneou a cabeça. - É o que me disse uma vez. Você não treina cavalos, você os faz. Não pode se esquecer disso agora. Betty sempre foi forte. Agora vai precisar ensinar a ela um pouco de humildade, para que possa encarar a pressão constante das competições.

Ainda emocionado, Brian passou os dedos entre os cabelos e riu.

- Bem, sinto decepcionar você, mas ela nunca vai aprender o significado da palavra humildade.

- Por que não está com ela?

- Isso é para seus pais. A potranca é deles.

- Você também tem muito o que aprender. - Keeley se levantou, batendo nos joelhos para limpar a calça jeans. - Bem, Finnegan vai ter que descer para a pista daqui a pouco. Por que não vai comigo e dá uma checada nele?

Brian respirou fundo, deixou o ar sair lentamente e então se levantou.

- Achei que queria cuidar de tudo sozinha - ele disse ao acompanhá-la

para dentro do estábulo. - E não seria uma má idéia apostar nele. Jogue até a quinta colocação, tenho certeza de que ele chegará entre os primeiros.

- Pretendo fazer isso. - Enquanto Brian checava o enfaixamento das patas de Finnegan, Keeley retirou alguns papéis do bolso da jaqueta que estava pendurada na parede da baia.

- As faixas foram bem colocadas. - Ele passou o dedo indicador nos arreios. - E você poliu os metais muito bem.

- Fico feliz por aprovar meu trabalho. Da próxima vez pode fazer isso sozinho. - Ela estendeu os papéis, entregando-os a ele.

- O que é isso.

- Documentos transferindo para você metade dos direitos de propriedade sobre Flight of Fancy, também conhecido como Finnegan.

- Do que diabo está falando?

- Ele é metade seu, Brian. Isso só torna tudo legal.

As palmas das mãos dele ficaram suadas.

- Não seja ridícula. Eu não posso aceitar.

Keeley já esperava que ele recusasse inicialmente, mas não esperava vê-lo pálido daquele jeito.

- Por quê? Você é responsável pelo retorno dele. Foi você quem o recuperou e treinou.

- Algumas semanas de trabalho, usando meu tempo livre. Agora guarde isso e pare de ser tola.

Negando-se a aceitar os papéis de volta, Keeley simplesmente deu dois passos para trás.

- Primeiro, ele não estaria correndo hoje se não fosse por você. E segundo, está tão afeiçoado a ele quanto eu estou. Provavelmente mais. Se o problema é dinheiro...

- Não é isso. - Mas parte de Brian sabia que era exatamente esse o problema. Porque o dinheiro era de Keeley.

- Então o que é?

- Eu não possuo cavalos. Não quero ser um proprietário.

- Isso é uma pena, porque você já é um. Meio proprietário, pelo menos.

- Eu já disse que não vou aceitar isso.

- Discutiremos o assunto mais tarde.

- Não há nada para discutir.

Keeley saiu da baia com um sorriso enigmático nos lábios.

- Quer saber, Brian? Não é porque consegue controlar um cavalo de quinhentos quilos que vai conseguir me intimidar nem me fazer recuar um centímetro sequer. Agora eu estou indo apostar em nosso cavalo. E vou

apostar tudo na ponta.

- Ele não é nosso... - Brian se calou irritado, vendo-a afastar-se com passos decididos.

- E você não deve fazer essa aposta, droga! - murmurou. - Não é nada pessoal, amigão - disse, dirigindo-se a Finnegan, que o observava com seus grandes olhos tristes. - É que eu nunca fui dono de nada. Isso, porém, não significa que não tenha grande afeição e respeito por você, porque eu tenho. Mas o que acontecerá se eu decidir ir embora dentro de um ou dois anos? E mesmo que não faça isso... bem, acontece que me incomoda ganhar um cavalo de uma mulher. Sobretudo *dessa* mulher. Mesmo que seja apenas meio cavalo. Bem, não se preocupe. Nós vamos esclarecer tudo isso mais tarde.

Ele não devia estar nervoso. Era patético. Tratava-se apenas de outro cavalo, de outra corrida. E não era como Betty, um talento brilhante. Aquele era um comedor de maçãs de bom coração que, apesar de ser um puro-sangue, tinha experimentado o sabor da decadência em sua curta carreira.

Brian se afeiçoara a ele, claro, e queria vê-lo conquistar seu lugar ao sol. Mas não alimentava nenhuma ilusão quanto a transformá-lo de novo num campeão.

Simplesmente tinha ajudado o cavalo a voltar a fazer aquilo para o que nascera. O que já era um verdadeiro milagre.

Apesar de toda a lógica, o estômago de Brian se retorcia por causa da tensão.

- A pista está seca e rápida - ele disse a Larry, pouco antes do sinal para que os jóqueis posicionassem os animais dentro da cancela. - Isso é bom para ele. Foi posicionado na raia central, e ele também gosta disso. Blue Devil, o cavalo número seis, o favorito nas apostas, uma barbada. Existe motivo para isso.

- Eu conheço Blue Devil. - Larry assentiu, sem parar de mastigar a goma de mascar...

- O bicho é esperto como uma serpente. Gosta de sair na frente, imprimindo um ritmo forte. Em geral lidera de ponta a ponta.

- Espero que ele aja exatamente assim hoje. Quero que você faça Finnegan prestar atenção nele. Não o force, deixe-o livre depois da primeira volta. Deixe que ele teste as próprias patas.

- Vou cuidar bem dele, Sr. Donnelly. Aí vem a srta. Grant... Ele parece ótimo, a senhorita foi muito boa com nosso amigo aqui.

- Sim. - Quase sem fôlego por voltar correndo do guichê de apostas, Keeley abraçou o pescoço de Finnegan com carinho. - Nós fomos.

Quando soou o sinal para que os competidores tomassem posição, ela deu um passo para trás.

- Boa sorte.

- Fale com ele. — Foi o último lembrete que Brian deu a Larry. - Não se esqueça de falar com ele por todo o percurso. Não deixe que ele se esqueça por que está aqui.

- Eles parecem bem - Keeley declarou. - Pegue...

- O que é isso agora?

- Suas pules. Coloquei cinqüenta dólares para você.

- Você... droga!

- Vai poder me pagar de volta com a parte do lucro - ela murmurou num tom angelical.

- Melhor nos apressarmos. Não quero perder a largada. Você viu minha família?

- Não. Eles estão por aí. Os Grant estão espalhados por todo este lugar. - Temendo que Keeley esbarrasse em alguém, ele a conduziu pela mão entre a multidão de cavalariços, treinadores e curiosos que se amontoavam na parte lateral da pista. - Não sei por que não subiu até o bar, onde podia assistir a tudo num ambiente mais civilizado.

- Esnobe.

- Não é uma questão de... - Brian desistiu. - Quero que você rasgue aqueles papéis.

- Não. Veja! Já estão se posicionando nas cancelas...

- Não vou aceitar metade de seu cavalo.

- Nosso cavalo. Quem é o número três? Eu perdi meu programa.

- Prime Target, oito por cinco, gosta de vir de trás... Keeley, foi um bonito gesto, mas...

- Foi um gesto sensato. Certo, lá vamos nós. - Ela encarou Brian com um sorriso brilhante. - Nossa primeira corrida.

O sino soou.

Eles saíram dos boxes, dez corpos musculosos levando homens pequeninos nas costas. Em segundos se transformaram numa massa veloz na qual mal se conseguia distinguir onde começava um animal e terminava o outro. Até mesmo as cores vistosas das jaquetas de seda dos jóqueis pareceram se fundir no momento da partida, formando um mosaico multicolorido. O ruído das patas em tropel era impressionante.

Fechando os olhos, Keeley segurou a mão de Brian com força.

A excitação a impedia de respirar e até mesmo de pensar com clareza.

Nuvens de poeira levantaram-se da pista seca, os jóqueis projetando os corpos para a frente como bonecos. Os cavalos separaram-se em dois grupos no começo da segunda volta.

- Ele está mantendo o quarto lugar - Keeley gritou. - Está agüentando firme!

O cavalo líder distanciou-se. Uma cabeça, um corpo, um corpo e meio. Finnegan afastou-se um pouco da cerca e correu pela raia mais próxima, passando para terceiro.

Keeley ouvia a multidão ao redor, o rumor abafado das vozes, mas, acima de tudo, ouvia o próprio coração bater no mesmo ritmo dos cascos dos cavalos.

Aquelas patas esticadas, lançando-se, avançando.

- Ele está ganhando! - gritou, começando a rir, ainda agarrada na mão de Brian. A julgar por sua alegria, era como se ela mesma estivesse na sela do cavalo. - Está ganhando. Passando para segundo. Olhe só para ele!

Brian estava olhando e seu sorriso ia de orelha a orelha.

- Não dei bastante crédito a ele, santo Deus... Nem cheguei perto. Ele vai passar por fora. Se a mágica ainda estiver nele, vai conseguir.

E Finnegan correu por fora, um cavalo grande, feio, com pules de vinte por um e um jóquei decadente na sela. Movia-se como uma bala, levantando poeira, ameaçando o líder, correndo cabeça a cabeça com o favorito enquanto a multidão gritava enlouquecida.

Segundos antes da linha final, ele colocou o focinho à frente.

- Ele venceu! - Keeley virou-se para encarar Brian. Imaginou se a própria expressão era tão chocada quanto a dele. - Meu Deus, Brian, ele venceu!

- Dois milagres num só dia. - Ele deixou escapar um riso curto, abafado, e então outro, mais longo e sonoro. Dominado pela excitação, tomou Keeley nos braços e girou-a no ar como se os dois fossem crianças.

- Nunca esperei isso. - Ela enlaçou Brian num abraço e beijou-o. - Nunca esperei que ele vencesse.

- Você apostou nele.

— Aquilo foi por amor, não pela realidade. Nunca imaginei que pudesse vencer.

- Ele conseguiu. - Brian girou-a uma última vez antes de colocá-la no chão. - É isso que conta.

Enquanto a vitória de Betty o comovera até a alma, por deixá-lo sentir o prazer de presenciar o nascimento de uma campeã, a de Finnegan causou-

lhe uma alegria delirante, indescritível. Ele tomou Keeley nos braços outra vez, mas agora ensaiou alguns passos de dança no meio da multidão.

- Vou lhe comprar uma garrafa de champanhe.

- Duas - ela o corrigiu. - Uma para cada um de nós. Temos que ir até o círculo dos vencedores.

— Você vai. Nunca estive naquele pódio.

Ele podia agir como uma mula, Keeley meditou, mas era um homem. E ela sabia que botões apertar.

- Não precisa ir por minha causa nem por você mesmo. Mas deve isso a ele. - E, ao dizer isso, apontou para a pista, onde Finnegan agora trotava.

Brian quis protestar, mas percebeu que seria perda de tempo. - Eu vou, como treinador dele. O cavalo é seu. Eu não quero ter nenhuma parte dele.

- Metade dele - ela o corrigiu, puxando Brian pela mão na direção do estábulo. - Mas podemos discutir qual metade vai querer.

CAPÍTULO XII

- Claro que eu vim cuidar dele. - Keeley continuou tirando as faixas da pata de Finnegan.

- Devia estar lá em cima celebrando - Brian repreendeu-a.

- Isso faz parte da celebração. - Ela passou a mão pela perna do garanhão antes de jogar as faixas usadas no lixo. - Finnegan e eu estamos nos congratulando enquanto o limpo. Mas você poderia me fazer um favor. - Keeley puxou o bilhete de apostas do bolso. — Ir até a caixa retirar os meus ganhos.

Brian meneou a cabeça.

- No momento estou contente demais para ficar zangado com você por ter apostado meu dinheiro. - Apoiando-se no cavalo, ele se inclinou para beijá-la. - Mas não vou aceitar a metade do cavalo.

Keeley passou um braço ao redor do pescoço de Finnegan.

- Ouviu isso? Ele não quer você.

- Não diga coisas assim para ele.

Ela encostou o rosto no do cavalo.

- É você quem está ferindo os sentimentos dele.

Quando se viu observado por dois pares de olhos, Brian deixou escapar um suspiro.

- Discutiremos isso em particular quando tivermos tempo.

- Ele precisa de você. Nós dois precisamos.

Os músculos do estômago de Brian se contraíram.

- Isso é jogo sujo.

- É um fato.

Ele parecia tão desconfortável que Keeley suspirou. Queria pegar aquela cabeça dura nas mãos e dar-lhe um belo chacoalhão. Mas não era hora de discutir, mesmo que fosse para forçá-lo a dar uma boa olhada na mulher que o amava.

- Conversaremos sobre isso. - Eles teriam que conversar sobre muitas coisas, ela decidiu. Muito em breve. - Mas, por enquanto, vamos apenas ser felizes.

Brian hesitou, observando-a desenfaixar outra perna de Finnegan.

- Fui mais feliz nos últimos meses do que no resto de minha vida.

- Isso não tem que mudar. - Terminando de retirar as faixas, ela apanhou uma escova que estava pendurada na parede da baia. - Formamos

um bom time, Brian. Podemos fazer muita coisa juntos.

- Começamos muito bem, pelo menos - ele murmurou, acariciando o pescoço do animal. - Que acha de sairmos mais tarde... você sabe, jantar fora, com vinho, velas e tudo mais?

Keeley ergueu a cabeça para encará-lo.

- Finalmente está me convidando para um encontro?

- Me pareceu apropriado no momento - sorrindo, ele mostrou os bilhetes de aposta. - E parece que hoje vou ter algum dinheiro extra no bolso.

- Então eu vou adorar.

- Preciso passar na baia de Betty e me certificar de que será colocada no caminhão da fazenda sem problemas.

- Se encontrar alguém de minha família, diga que estou aqui, certo?

- Tudo bem. Nosso garotão teve seu momento de glória, não é? - Brian murmurou.

Keeley colocou a escova de lado e cruzou a baia quando Brian abriu a portinhola.

- Teve um dia e tanto, Donnelly.

- Tive. Não sei quando vai acontecer outro assim.

- Haverá outros - ela murmurou, enlaçando-o num abraço e repousando a cabeça em seu ombro. - Vamos cuidar disso - prometeu, cobrindo os lábios dele num beijo.

Brian poderia se perder nela. Era fácil confundir-se com aquele momento de magia, passando a acreditar em sonhos.

- Está negligenciando seu cavalo. - Ele encostou o rosto no de Keeley e fechou os olhos. - Deixe-me ir... eu volto logo para você.

- Estarei esperando.

Mas Brian não se moveu, sentindo o amor expandindo-se em seu peito como um relâmpago.

- Não esqueça de dar maçãs para o garotão. Ele gosta muito...

- Sim, eu sei. - Era como se seu coração fosse explodir. - Brian...

- Volto logo - ele disse e saiu, antes que as palavras presas em sua garganta escapassem.

- Algo mudou — Keeley sussurrou. - Posso sentir. - Ela pressionou o peito com as mãos ainda tépidas pelo toque das dele. - Oh, foi mesmo um dia e tanto. E ainda nem terminou...

- Voltou a entrar no estábulo, onde Finnegan a observava pacientemente. - Ele me ama. Apenas não consegue dizer as palavras... ainda. Mas ele me ama. Eu sei. Pegou novamente a escova. - Vamos cruzar

outra linha de chegada antes que o dia termine. Vou me arrumar para ficar bem bonita. Teremos um jantar à luz de velas e vinho e...

Ela se calou ao ouvir a portinhola da baia sendo aberta. Pensando que era Brian voltando, virou-se. Seu brilhante sorriso desapareceu quando viu Tarmack.

- Está se achando muito esperta, não é?

- Você não é bem-vindo aqui.

- Tirando esse bicho de mim. Não é melhor que um ladrão de cavalos. E acha que pode se safar só porque é uma Grant.

- Você fez seu preço e ele foi pago - Keeley disse friamente. Podia sentir o cheiro de uísque barato que o homem exalava. Finnegan ficou agitado. Com calma, ela segurou-o pelas rédeas. - Se tiver qualquer reclamação, leve-a para a comissão de corridas.

- Para que seu pai possa subornar os juizes?

O olhar de Keeley passou do gelo ao fogo em um segundo.

- Tenha cuidado com o que diz sobre meu pai.

- Eu digo o que quiser - ele esbravejou, avançando. Seus olhos estavam embaçados por causa do álcool. - Ratos, todos vocês... e ainda se acham melhores do que gente como eu, que só tenta ganhar a vida. Roubou esse cavalo de mim. - Ele empurrou-a pelo ombro com violência. - Dizendo que ele não estava pronto para correr.

- E não estava. - Keeley não sentia medo. Havia muita gente por perto. Só precisava gritar. Mas uma Grant nunca faria isso diante de uma simples ameaça. Podia muito bem lidar com aquele bêbado gorducho e patético.

- Mas estava pronto para correr para você. Correr e vencer. Aquele prêmio é meu por direito.

Tratava-se apenas do dinheiro. Exatamente como Brian dissera, números e resultados, e nada de dedicação ou sentimento.

- Já teve todo o dinheiro que merecia. - Ela se afastou, preocupada em acalmar o cavalo. - Agora eu sugiro que suma daqui, ou vou chamar a segurança.

- Não se faça de esperta comigo, sua vadia.

O choque e a dor fizeram Keeley soluçar quando Tarmack a segurou pelo pulso, torcendo-o. Ao tentar se livrar, a manga de sua blusa rasgou-se. Logo atrás, Finnegan bufava e mexia-se, nervoso.

- Olhe para mim quando falo com você. Acha que é melhor do que eu, não é? - O homem arremessou-a contra o corpo do cavalo, e então voltou a avançar de maneira ameaçadora.

- Pensa que é especial só porque o papai vive nadando em dinheiro?

- Eu acho que é melhor você tirar suas mãos sujas de mim - Keeley replicou com uma calma surpreendente. Enfiando a mão no bolso, fechou os dedos ao redor de um cravo de ferradura que havia se desprendido da pata de Finnegan.

Aconteceu tudo muito rápido. Quando ela ergueu o braço para se defender, Finnegan deu uma cabeçada no ombro de Tarmack, que reagiu imediatamente, arremessando-a com mais violência ainda contra o flanco do cavalo.

O homem cerrou o punho, armando-o para socar a cabeça do animal, e então Keeley se colocou no trajeto do golpe para defender Finnegan. O soco a atingiu na têmpora, obscurecendo-lhe a visão e os sentidos. Enquanto caía de joelhos, erguendo os braços para defender a si mesma e ao cavalo, Brian entrou na baia como um anjo vingador.

Instintivamente, Keeley segurou as rédeas do garanhão, tentando acalmá-lo.

- Está tudo bem. Está tudo bem agora.

Mas ao ouvir os sons da luta, ela se virou.

- Brian, não!

O rosto dele era como uma máscara fria, sem nenhuma emoção. Tinha encurralado Tarmack contra a parede e segurava-o pelo pescoço enquanto o golpeava violentamente com a mão livre. O nariz do homem já estava reduzido a uma massa sangrenta, e Brian não fazia nenhuma menção de interromper os golpes.

- É o bastante! Chega!

Sem desviar o olhar do homem, Brian ignorou o esforço de Keeley, que se pendurou em seu braço. Ele continuou segurando o pescoço de Tarmack como se ela não pesasse mais que uma pluma.

- Ele encostou a mão em você.

- Pare! - Keeley podia ouvir o outro homem lutando para respirar. Sua pele já começava a ficar azulada. - Estou bem, Brian! Não estou ferida, juro!

Muito lentamente, Brian virou a cabeça. Quando notou o olhar mortífero dele, Keeley tremeu.

- Ele tocou em você - a voz grave pronunciou cada palavra com cuidado. - Agora pode se afastar, por favor.

- Não, Brian, é o bastante! Deixe-o ir.

- Não é o bastante - ele disse sem olhá-la. O tom da voz era gelado, e o brilho em seu olhar, uma visão do inferno. - Eu vou matá-lo.

Keeley não tivera medo ao enfrentar Tarmack, mas agora ficou realmente apavorada.

- Qual é o problema aqui?

Um suspiro aliviado escapou dos lábios dela ao ouvir a voz do pai. O grupo de curiosos que se formara na frente da baia abriu-se para Travis Grant passar. Ele olhou para o rosto da filha, depois para a roupa rasgada, e apesar de colocar a mão com gentileza no ombro dela, sua expressão tornou-se ameaçadora.

- Para trás, Keeley - disse numa voz fria como aço.

- Pai! - Ela balançou a cabeça, exasperada. - Diga para Brian soltar o homem, ele não quer me ouvir!

Brian mantinha Tarmack colado contra a parede. Quando voltou a falar, as palavras soaram firmes, pacientes, mas envoltas num tom violento e letal.

— Ele pôs as mãos nela.

Os olhos de Travis Grant dardejavam de ódio quando ele encarou a filha.

- Ele tocou em você?

- Pai, pelo amor de Deus! - Keeley abaixou o volume da voz. - Se não parar Brian, ele vai matar esse sujeito num minuto.

- Solte-o, Brian. - Adélia apareceu, compreendendo a situação toda com apenas um olhar. Gentilmente, tocou no ombro de Brian. - Você já acabou com ele. É um tipo asqueroso e desprezível. Está assustando Keeley agora.

- Ele atacou Keeley. Não viu em que estado está a blusa dela? - Ele continuava a falar lentamente, com um sotaque irlandês bastante carregado. - Tire-a daqui.

- Eu vou fazer isso, vou fazer, prometo. Mas solte esse sujeito patético agora. Ele não vale a pena, querido, por favor.

Talvez fosse a voz, a maneira melódica de falar que lembrava a terra natal de Brian, mas algo amenizou a onda de fúria que o dominava completamente. Ele soltou o pescoço do homem, que desabou no chão, lutando para respirar.

- Ele a encurralou na baia. Encurralou, você entende? E ousou colocar as mãos nela.

Adélia assentiu. Seu olhar desviou-se para o marido. Muito tempo atrás, Travis a salvara de um bêbado em uma situação parecida. Ela era capaz de compreender a reação violenta e fulminante de Brian. Ainda mais por ele ser um irlandês de sangue quente.

- Ela está bem agora. Você a salvou.

- Ainda não terminei. - Brian disse isso tão calmamente que Adélia nem teve tempo de piscar ao vê-lo acertar um direto no queixo do homem

gordo, que ainda estava de joelhos, arremessando-o contra a parede como um saco de batatas.

- Pare! - Não enxergando outra forma de deter aquilo, Keeley se colocou entre os dois homens e empurrou os ombros de Brian para trás com as duas mãos. Apesar de usar toda a sua força, não conseguiu movê-lo um centímetro, mas o gesto deu resultado. - Basta! É apenas uma blusa rasgada, e ele é um bêbado estúpido. Chega disso, Brian, por favor...

- Está errada. Nunca vai ser o bastante, Ele bateu em você, Keeley, e vai ter que pagar por isso.

Tarmack estava de quatro no chão, resfolegando. Num gesto impessoal e firme, Travis agarrou-o pelo colarinho, colocando-o de pé.

- Sugiro que peça desculpas à minha filha e suma daqui, ou eu posso deixar o garoto cuidar de você.

O estômago de Tarmack doía, e ele sentia o gosto do próprio sangue na boca. Ao notar os olhares de censura da multidão que se amontoava na entrada da baia, sentiu uma humilhação profunda.

- Você pode ir para o inferno. Você e todo o resto dos Grant. Eu vou fazer uma queixa.

- Vá em frente. - Os lábios de Travis curvaram-se num sorriso frio. - É um bêbado estúpido, como minha filha disse. E, para piorar tudo, você a agrediu.

- Ele estava gritando com ela, Sr. Grant. - Larry conseguiu encontrar um meio de passar no meio dos curiosos. - Eu o ouvi ameaçá-la quando estava voltando para ver o cavalo. E ainda acertou um soco na cabeça da senhorita.

Travis bloqueou o avanço imediato de Brian, sentindo o corpo do jovem tremer sob seu braço.

- Espere - ele comandou em voz baixa, e voltou a atenção novamente para Tarmack.

- Fique longe do que é meu, Tarmack. Se encostar um dedo em minha filha outra vez, o que Brian fez com você vai parecer uma brincadeira perto do que farei.

Encorajado por achar que Brian já não era uma ameaça, Tarmack limpou o sangue do rosto com a costa da mão.

- E daí que eu a toquei? Foi só para chamar sua atenção, nada mais. E a moça não parece se importar de ter mãos nela. Não parecia nem um pouco incomodada enquanto esse gorila idiota a apalpava.

Brian lançou-se à frente, mas Travis estava mais próximo e foi mais rápido. Seu punho cerrado atingiu o queixo de Tarmack com a força de uma

marreta. O homem revirou os olhos ao desabar outra vez no chão.

- Dee, pode levar Keeley para casa, por favor? - Travis passou os olhos pela multidão. Uma de suas sobrancelhas estava arqueada, como se estivesse pronto para responder a qualquer comentário. - Será que alguém podia chamar a segurança?

- Não devíamos ter saído de lá. - Keeley andava em círculos pela cozinha. Olhava para fora cada vez que passava pela janela. Por que ainda não tinham voltado?

- Querida, você está tremendo. Acalme-se, sente-se e tome seu chá.

- Não posso. O que há de errado com os homens? Quase fizeram picadinho daquele idiota. Posso entender a reação de Brian, mas nunca esperava ver papai agindo assim.

Genuinamente surpresa, Adélia encarou a filha.

- Por quê?

Consumida pela preocupação, Keeley passou os dedos entre os cabelos.

- Ele sempre foi tão contido... Não é como você, que tem pavio curto... - Ela suspirou.

- Não quis ofender - murmurou, e então viu que a mãe estava sorrindo.

- Tudo bem. Meu temperamento pode ser, digamos, um pouco mais espontâneo do que o de seu pai. Mas ele tende a agir fria e deliberadamente quando é preciso. E foi. O canalha feriu e aterrorizou a garotinha dele.

- Esta garotinha estava a ponto de enfiar um cravo de ferradura na cabeça daquele gordo. - Keeley deixou o ar escapar. - Nunca tinha visto papai bater em ninguém, e ele não parecia querer parar.

- Seu pai não usa muito os punhos porque não precisa. Mas ficou furioso com o que aconteceu, Keeley.

Adélia hesitou, então indicou uma cadeira.

- Sente-se por um minuto, filha. Anos atrás, - ela começou - logo que vim trabalhar aqui, uma noite fiquei até mais tarde no estábulo. Um dos cavalariços tinha bebido. Ele me encurralou, e eu não pude reagir.

- Oh, mamãe!

- O homem estava começando a rasgar minhas roupas quando seu pai apareceu. Eu pensei que ele ia bater no sujeito até matá-lo. Não disse uma palavra, o rosto não tinha expressão alguma, somente golpeava o homem como uma máquina fria e mortal. Foi o que vi em Brian hoje. - Gentilmente, ela tocou no hematoma roxo na têmpora de Keeley. - E não posso culpá-lo por isso.

- Eu não o culpo. - Ela segurou as mãos da mãe. - Mas hoje não foi a mesma coisa. Tarmack estava maluco por causa do cavalo, não queria nada comigo especificamente.

- Ameaças são ameaças. Se eu tivesse chegado lá primeiro, provavelmente teria agido como os dois agiram. Não julgue Brian por causa disso.

Keeley sorveu um gole de chá.

- Mãe, o que Tarmack disse sobre Brian... sobre ele estar me apalpando... não foi bem assim. Não é assim entre nós.

- Eu sei. Você está apaixonada por ele.

- Sim. - Era ótimo poder dizer isso. - E ele me ama. Só que ainda não conseguiu tomar coragem para dizê-lo. Mas estou preocupada com papai... Todos ficaram de cabeça quente. E se ele entender errado o que aquele bastardo disse? - Ela levantou-se outra vez. - Por que diabos eles não chegam?

Nos dez minutos seguintes Keeley continuou andando de um lado para outro, e então finalmente decidiu tomar uma aspirina para amenizar a dor de cabeça que sentia.

No momento em que estava fazendo isso, ouviu o ruído de motores se aproximando. Correu até a porta dos fundos a tempo de ver a picape de Brian passar, e a do pai estacionar ao lado da casa.

- Perdi todo o show. — Embora falasse num tom casual, Brendon parecia tão preocupado quanto o pai. - Você está bem?

- Estou bem. - Mesmo abraçando o irmão, Keeley permaneceu com o olhar fixo no pai. Não podia dizer nada a julgar pela expressão fechada dele. - Estou absolutamente bem

- repetiu, andando até ele, ao vê-lo descer da caminhonete.

- Gostaria que você entrasse.

Contido. Era impressionante, até assustador, ver que Travis conseguira se controlar novamente depois daquele rompante de fúria.

- Eu vou. Mas preciso ver Brian antes. - O olhar dela implorava compreensão. - Tenho que falar com ele. Volto logo, prometo.

Depois de tocar levemente no ombro do pai, Keeley se afastou, caminhando na direção da casa da garagem.

- Deixe-a ir, Travis - Adélia murmurou, parada na porta da cozinha. - Ela precisa fazer isso sozinha.

Com o sobrecenho franzido, ele observou a filha correr para outro homem.

- Ela tem cinco minutos.

Keeley alcançou Brian antes que ele subisse os degraus da escada ao lado da garagem. Ela gritou, acelerando o passo.

- Espere! Eu estava tão preocupada. - Ela teria se jogado nos braços dele, mas Brian deu um passo para trás. Sua expressão era gélida. - O que aconteceu?

- Nada. Seu pai cuidou de tudo. O homem não vai incomodá-la mais.

- Não fiquei preocupada com isso - ela disse rápido. - Está tudo bem com você? Achei que podia se complicar. Eu devia ter ficado para dar um depoimento. Tudo foi tão confuso...

- Não houve nenhum problema, nada com que deva se preocupar.

- Ótimo. Brian, eu queria dizer que eu... Oh, céus! Suas mãos! - Keeley segurou as mãos dele, sentindo vontade de chorar ao ver que os nós dos dedos estavam machucados. - Oh, eu sinto muito! Pobrezinho... Vamos subir. Eu cuidarei delas.

- Posso cuidar de mim mesmo.

- Precisam ser limpas e...

- Não quero você rondando por aqui. - Brian livrou as mãos e soltou um palavrão quando notou que o rosto de Keeley tinha ficado pálido e as primeiras lágrimas começavam a rolar.

- Droga, pare com isso. Não estou com humor o bastante para lidar com uma mulher chorosa.

- Por que está me tratando assim?

- Tenho muito o que fazer. - Ele se virou, começando a subir as escadas. Sentia-se furioso e miserável. - Você não quer que eu a defenda. - Voltou a se virar, encarando-a com olhos dardejantes.

- Sobre o que está falando?

- Sou bom o bastante para um pouco de diversão embaixo dos lençóis ou para ajudá-la com os cavalos. Mas não para defendê-la.

- Isso é absurdo! - As lágrimas contidas nas últimas horas corriam descontroladamente.

- Acha que eu devia ter ficado parada, assistindo a você matar aquele sujeito?

- Sim - ele disparou, segurando-a pelos ombros. - Tirou isso de mim, como sempre, e acabou entregando a responsabilidade para seu pai. Eu devia fazer aquilo, mesmo sendo apenas um gorila irlandês.

- O que está acontecendo aqui? - Pela segunda vez no dia, Travis interrompeu uma discussão, e Adélia agora estava a seu lado. Logo notou as lágrimas da filha e lançou um olhar fulminante para Brian. - Que diabos está acontecendo aqui?

- Não tenho certeza - Keeley enxugou os olhos quando Brian a soltou. - Este idiota aqui acha que eu penso como Tarmack, só porque não o deixei fazer aquele canalha em pedacinhos. Aparentemente, acha que eu desprezei sua ajuda. - Ela olhou para a mãe. - Estou cansada...

- Vá para casa — Travis ordenou. - Quero falar com Brian.

- Recuso-me a ser tratada como uma criança outra vez. Esse é um assunto meu. Meu, e...

- Não fale nesse tom com seu pai. - A ordem ríspida de Brian provocou reações variadas. Keeley engoliu em seco, Travis arqueou as sobrancelhas e Adélia lutou para conter um sorriso.

- Desculpe, mas estou cansada de ser interrompida e ouvir ordens como se fosse uma menina de oito anos de idade.

- Então pare de agir como uma - Brian sugeriu. - Minha família podia não ser a melhor do mundo, mas pelo menos eles me ensinaram sobre respeito.

-Eu não vejo o que isso...

- Fique quieta!

O comando deixou-a aturdida e sem fala.

- Peço desculpa por causar outra cena - Brian disse para Travis. - Ainda estou meio nervoso. E não lhe agradeci por ter cuidado de tudo para que eu não tivesse problemas com a segurança.

- Havia várias testemunhas que viram o que aconteceu. Você não vai ter nenhum problema, pode ficar tranqüilo.

- Um minuto atrás você estava zangado porque meu pai cuidou de tudo.

Brian olhou-a de relance.

- Estou zangado com tudo.

- Oh, mas que ótimo! - Já que todos pareciam estar violentos, Keeley resolveu não se reprimir e espetou o dedo indicador no ombro dele. - Então você está zangado. - Virou-se para os pais. - Ele teve a idéia ridícula de que não o achei bom o bastante para me defender daquele gorducho bêbado. Bem, tenho novidades para você, seu irlandês cabeça-dura... - Ela bateu no peito, inflamada. - Eu estava me defendendo muito bem sozinha!

- Você também é meio irlandesa, sua cabeça-de-vento, e o homem tinha o dobro de seu tamanho e força.

- Estava cuidando dele, mas gostei de sua ajuda.

- Gostou nada! Agiu como sempre faz. Tem que cuidar de tudo sozinha. Ninguém é tão esperto, ágil ou capaz como você. Oh... mas é bom assobiar para me chamar como um cão quando quer se divertir, não é?

- É isso que você pensa? - Keeley estava lívida, sua voz mal passava de um sussurro.

- Que eu fiz amor com você para me divertir? Seu bastardo vil, cretino e insensível!

Ela ergueu os punhos, e os teria usado, mas Travis adiantou-se e pegou Brian pelo colarinho. Sua voz era baixa, grave.

- Eu deveria quebrar sua cara.

- Oh, Travis! - Adélia levou as mãos à cabeça.

- Pai, não se atreva! - Num gesto impulsivo, Keeley ergueu os braços. - Ah, já sei! Tive uma idéia. Por que simplesmente não batemos uns nos outros até descarregar todo esse surto de raiva?

- Você tem o direito. - Brian mantinha os olhos nos de Travis, mas não fez menção de reagir.

- O diabo que ele tem! Eu sou uma mulher crescida. Uma mulher adulta - Keeley gritou, batendo no braço do pai. - E fui eu que me joguei em cima dele.

Quando o pai se virou para encará-la com aquele olhar frio, ela sentiu uma perversa satisfação.

- Isso mesmo. *Eu* me joguei em cima dele. Eu o desejei, fui até ele e o seduzi. O que vai fazer? Me pôr de castigo?

- Não importa como aconteceu. Eu sou experiente, e ela, não. Eu não tinha o direito de tocar nela, e sabia disso. Se fosse você, já teria me dado uma surra.

- Não vai haver nenhuma surra por aqui! - Adélia avançou, segurando o marido pelo braço. - Querido, você está cego? Não vê o que está acontecendo entre esses dois? Agora solte o rapaz. Sabe muito bem que vai deixar você bater nele, sem reagir, e isso não lhe dará nenhuma satisfação.

Não, Travis não estava cego. Ao fitar Brian nos olhos, viu a própria vida assumir novos contornos. O bebê dele, sua garotinha, tinha se tornado mulher para outro homem. O mesmo homem que naquele momento parecia estar se sentindo tão miserável quanto ele mesmo se sentia.

- O que pretende fazer?

- Posso sair daqui assim que arrumar minhas coisas.

Em vez de espantado, Travis sentiu-se divertido. Mas se esforçou para não demonstrar isso.

- É mesmo?

- Sim, senhor. - Pela primeira vez na vida Brian soube que não iria conseguir colocar tudo o que queria na mochila. - Reivers é capaz o suficiente para me substituir até que encontre outro treinador.

"Maldito orgulho irlandês", Travis pensou. Bem, mas ele tinha uma vida de experiências para saber lidar com aquilo.

- Eu o informarei quando quiser demiti-lo, Donnelly. Dee, nós ainda temos aquela espingarda em casa?

- Oh, claro que sim - Adélia disse sem perder o ritmo. E perguntou-se se alguma vez estivera tão orgulhosa do homem com quem se casara, ou se o amara tanto. - Acho que posso encontrá-la num instante.

Travis soltou Brian e se virou para Keeley.

- Nós vamos conversar mais tarde.

Lágrimas voltaram a correr pelo rosto dela quando viu os pais se afastando de mãos dadas, unidos como sempre tinham sido.

- Competi por muitas coisas - ela disse em voz baixa. - Trabalhei por outras e desejei várias. Mas no fundo sempre quis ter o que eles têm. - Virou-se quando Brian caminhou até a escada e sentou no primeiro degrau. - Ele não vai atirar em você, Brian, se ainda preferir fugir daqui.

Não era a arma que o preocupava, mas o desenrolar dos fatos depois daquela conversa em família.

- Acho que estamos todos confusos. Foi um dia muito agitado.

- Sim, foi mesmo.

- Eu sei quem sou, Keeley. O segundo filho de uma família de classe média baixa. Meu pai sempre gostou de jogo e uísque um pouco mais do que devia, e minha mãe vivia cansada de tanto trabalhar. A vida era assim, e a levávamos em frente. Sei quem sou - ele continuou.

- Sou um treinador de cavalos danado de bom. Nunca fiquei num emprego, num lugar, por mais de três anos. Deve entender isso. Eu nunca quis me sentir preso.

- E eu estou prendendo você...

Ele ergueu a cabeça, seus olhos pareciam distantes e vazios. - Você poderia. Mas então, como seriam as coisas?

- Por falar em cabeças-de-vento. - Ela suspirou e então caminhou até ele e se agachou.

- Sei quem eu sou, Brian. Sou a filha mais velha de pais maravilhosos. Tive o privilégio de ser criada num lar cheio de amor. Desfrutei muitas vantagens.

Erguendo a mão, Keeley impediu-o de falar, e continuou.

- Sei quem eu sou. Sou uma professora danada de boa e criei raízes aqui. Posso fazer a diferença, não importa onde esteja, porém escolhi este lugar. Mas também percebi que não quero fazer isso sozinha. Quero prender você, Brian - ela murmurou, segurando o rosto dele entre as mãos. - Estive

trabalhando duro por semanas para construir uma jaula para conter essa fera que você tem aí dentro. Desde que percebi que eu o amava.

Suspirando, Brian levantou-se e a tomou pelas mãos.

- Você está misturando as coisas. - O pânico fez o coração dele disparar. - Eu lhe disse que sexo complicava tudo.

- Sim, disse. E parece claro, uma vez que você foi o primeiro homem com quem estive. Como eu poderia saber a diferença? Por outro lado, isso não leva em conta o fato de eu ser uma mulher esperta que conhece a si mesma. E sei que a razão de você ter sido o único homem com quem fiquei é porque foi o único que amei. Brian...

Keeley tentou se aproximar mais, sorrindo, quando Brian procurou se afastar.

- Já tomei minha decisão. E sabe como sou teimosa.

- Eu treino os cavalos de seu pai.

- E daí? Minha mãe também trabalhava para ele.

- Isso foi diferente.

- Por quê? Oh, porque ela era uma mulher... Que tolice a minha não perceber que não podemos nos amar nem construir uma vida juntos. Agora, se você fosse o dono de Royal Meadows e eu trabalhasse aqui, então tudo estaria bem.

- Pare de me fazer parecer ridículo.

- Não posso. - Ela encolheu os ombros. - Você é ridículo. Mas eu o amo mesmo assim. Tentei encarar os fatos razoavelmente, verdade. Gosto de agir com sensatez na maior parte do tempo. Mas... - Keeley sorriu. - Simplesmente não funcionou assim no seu caso. Olhei para você, e o meu coração, bem, ele insistiu em me desobedecer. Eu o amo tanto, Brian! Não pode admitir o mesmo? Não pode olhar para mim e apenas dizer?

Ele passou a ponta do dedo levemente sobre o hematoma na têmpora dela.

- Se eu fizer isso, não haverá como voltar atrás.

- Covarde. - Keeley observou os olhos de Brian estreitarem-se, e pensou como era adorável conhecê-lo tão bem.

- Você não vai me encurralar.

Agora ela riu.

- Observe - desafiou, e então o prendeu contra o corrimão da escada. - Pensei em muitas coisas hoje, Brian. Você tem medo de mim... daquilo que sente por mim. É você que vive me evitando quando estamos em público, me colocando de lado quando eu o procuro. Isso me magoa.

A simples idéia o horrorizou.

- Eu nunca quis magoar você.

- Não, sei que não queria. Como era possível não me apaixonar por você? Uma cabeça dura e um coração de ouro. Combinação irresistível. Mesmo assim, me magoou. Mas achei que era apenas seu lado esnobe. Nunca imaginei que pudesse ser medo.

- Não sou esnobe nem covarde.

- Me abrace. Beije-me. Me diga.

- Droga. - Ele segurou-a pelos ombros e simplesmente ficou assim, incapaz de empurrá-la ou abraçá-la. - Foi na primeira vez que vi você, no primeiro instante. Entrou naquele salão e meu coração parou. Como se tivesse sido atingido por um raio. Eu estava bem até você entrar naquele salão.

Os joelhos de Keeley falsearam. Cabeça dura, coração mole e agora, de repente, um romântico.

- Por que não me disse? Por que me fez esperar?

- Achei que fosse passar...

- Passar? - As sobrancelhas dela arquearam-se. - Como assim? Como se fosse uma gripe?

-Talvez. - Brian soltou-a e levantou-se, virando-se para contemplar as montanhas.

Keeley fechou os olhos, sentiu a brisa fresca no rosto desarrumar-lhe os cabelos. Quando voltou a se acalmar, abriu os olhos e sorriu, também se erguendo.

- Isso realmente foi um banho de água fria.

- Sou eu quem lhe diz isso. Eu nunca quis possuir nada - Brian começou, ainda de costas para ela. - Era uma questão de princípios. Mas quando um homem decide se estabelecer, as coisas mudam.

"As coisas mudam", Brian disse a si mesmo outra vez. Talvez ela tivesse razão, e ele estivesse fugindo havia muito tempo. Será que depois de viajar tanto tinha chegado ao lugar ao qual estava destinado?

Destino. Era irlandês demais para não respeitar seus desígnios, para deixar de abraçá-lo na hora certa.

- Tenho algum dinheiro guardado. É uma soma considerável, já que nunca fui de gastar muito. O bastante para construir uma casa, ou pelo menos começar uma. Você gostaria de ficar perto... de sua escola, de sua família?

Keeley teve que fechar os olhos outra vez. Lágrimas só serviriam para desestimulá-lo.

- Gosto de pensar nesse tipo de detalhe, mas não é uma prioridade

agora. Você vai me dizer, Brian. Eu preciso que me diga...

- Estou tentando. - Ele virou-se. - Nunca pensei em formar uma família. Quero ter filhos com você, Keeley. Quero você. Por favor, não chore!

- Estou tentando. Ande logo.

- Não posso ser apressado numa hora dessas... - Ele foi até ela. - Não quero ser dono de cavalos, mas posso abrir uma exceção para o presente que você me deu hoje. Como um símbolo. Eu não tinha fé em Finnegan, não acreditava que ele pudesse vencer. Também não tinha fé em você... Me dê sua mão...

Keeley estendeu a mão e fechou os dedos sobre os dele.

- Diga-me.

- Nunca disse essas palavras para outra mulher. Você será a primeira e a última. Eu amei você desde o primeiro instante, como se fosse mágica. Com o tempo, esse amor foi crescendo e me dominando como se fosse uma coisa viva dentro de mim.

- Era tudo o que eu precisava ouvir. - Keeley levou a mão dele aos lábios. - Case comigo, Brian.

- Com os diabos! Será que nunca deixa ninguém tomar a iniciativa?

Ela teve que morder a língua para não rir.

- Desculpe-me.

Soltando uma risada, ele a tomou nos braços, erguendo-a do chão.

- Bem, com os diabos! Claro que vou me casar com você.

- Agora mesmo?

- Agora mesmo. - Brian encostou os lábios na têmpora dela, beijando-a. - Eu amo você, Keeley, e já que é cabeça-de-vento o bastante para se casar com um bastardo irlandês vil e insensível, e acredito que seja, vou subir até aquela casa e pedir sua mão para seu pai.

- Pedir minha... Brian, realmente...

- Vou fazer tudo direito. Mas talvez seja bom você ir comigo... caso ele tenha achado a tal arma.

Keeley riu e encostou o rosto no dele.

- Vou proteger você.

Brian colocou-a no chão. Começaram a caminhar juntos através das coloridas flores de outono, das cercas brancas e do campo onde os cavalos perseguiam as próprias sombras.

Quando Brian segurou na mão dela, Keeley fechou os dedos com força sobre os dele. E nesse momento soube que possuía tudo com o que sempre sonhara.

FIM